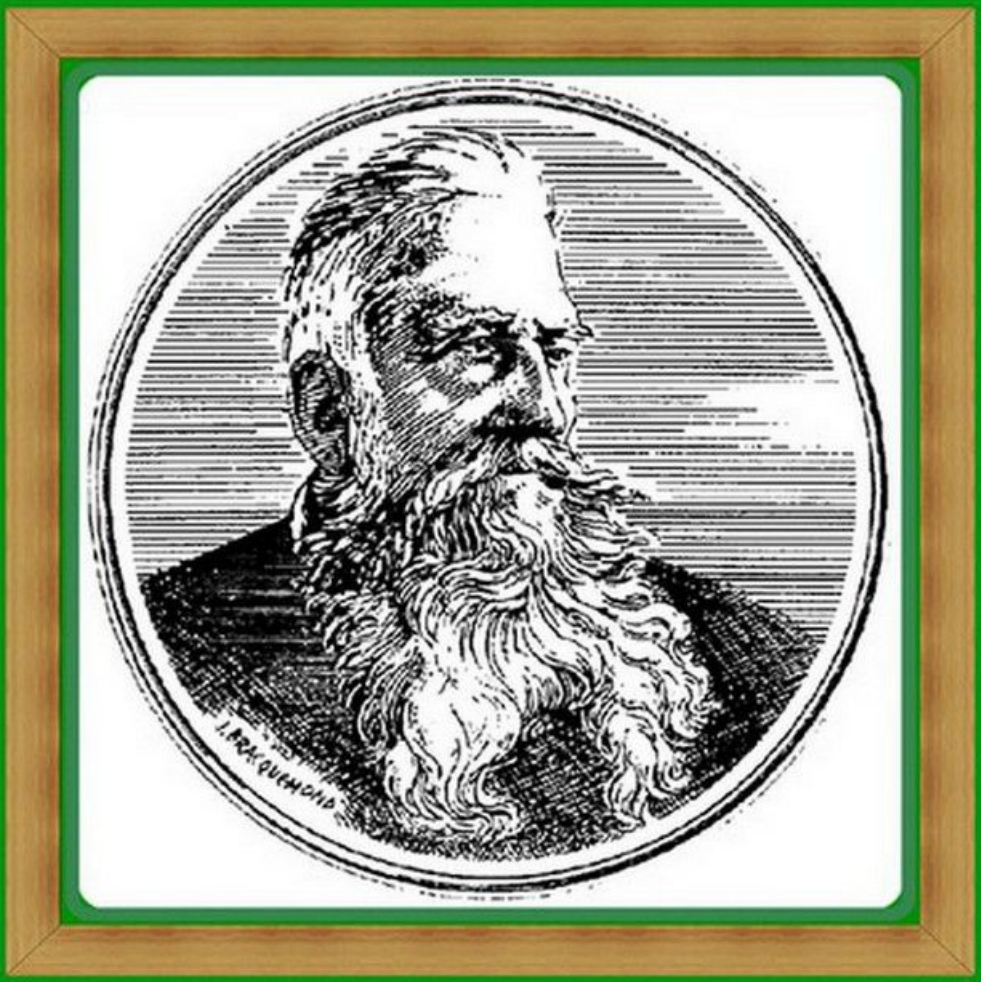
Psicologia da Evolução dos Povos



Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

Psicologia da Evolução dos Povos

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2ª Edição: 2018

Psicologia da evolução dos povos

Gustave Le Bon

PREFÁCIO

Aplicação dos princípios expostos nesta obra à interpretação de certos fenômenos da Primeira Guerra Mundial.

Sumário

Este livro, publicado pela primeira vez há vinte anos e que não sofreu nenhuma mudança, tinha por objetivo determinar algumas das leis psicológicas da evolução dos povos.

Não se poderia supor naquela época que uma convulsão mundial viria justificar as leis retiradas por um filósofo do caos da história.

Essas leis mostram que, fora das influências novas devidas aos progressos da civilização, a vida dos povos é regida por um pequeno número de fatores psicológicos invariáveis. Através do tempo e do espaço, nós os vemos agir em todo lugar e sempre. Das margens do Ganges às planícies da Europa, eles contribuíram

poderosamente para o nascimento e o declínio dos maiores impérios.

As forças psicológicas cuja influência é tão considerável não nasceram da razão e dominam todas as nossas razões. É apenas nos livros que se vê o racional guiar a história.

Os conflitos que preenchem a vida dos povos, tendo causas estranhas à razão, nenhum progresso da ciência poderia suavizar sua sanguinária ferocidade. A inteligência cresce com a extensão do conhecimento, mas, desde a era das primitivas cavernas, os sentimentos, as ilusões e as paixões que conduzem as pessoas permaneceram imutáveis. O ódio, o amor, a ambição, a cupidez e o orgulho não têm época.

Pouco influenciados pela inteligência, os povos são sobretudo guiados pelos seus caracteres, ou seja, pelo agregado hereditário de sentimentos, necessidades, costumes, tradições, aspirações que representam o fundamento essencial da alma das nações. Essa alma nacional dá aos povos uma estabilidade durável que atravessa as perpétuas flutuações das contingências.

E aqui tocamos no substrato invisível da história, nas forças secretas que orientam seu curso.

É a cultura, com efeito, que determina a maneira como os povos reagem às influências dos acontecimentos e das mudanças do meio.

Dominando as instituições e os códigos, bem como as vontades dos déspotas, as almas dos povos regem seus destinos.

Seu conhecimento permite decifrar os hieróglifos da história. Ela dita as causas das grandezas e das decadências e porque certos povos se fundem enquanto outros jamais o farão. A cultura é a pedra angular sobre a qual repousa o equilíbrio das nações. Ela constitui o limite psicológico prescrito para as ambições dos conquistadores e aos sonhos de hegemonia que eles podem formar.

*

* *

O papel da cultura se mostrou sempre muito preponderante na vida dos povos para permanecer desconhecida. Os mais antigos livros destacaram nitidamente seu poder. Apenas revolucionários esquecidos do passado puderam contestar sua força.

Mas, para descobrir por inteiro o imenso conteúdo da noção de cultura seria preciso atingir as descobertas da biologia moderna.

Aos teóricos tentados a negar a influência das almas dos povos, o conflito europeu bastaria para provar seu erro. Esse gigantesco choque resulta principalmente de ódios atávicos que separam povos de origens diferentes; os austríacos, os sérvios e os russos particularmente.

Por fim e sobretudo ele resulta das ilusões criadas na mentalidade dos historiadores e dos publicistas alemães por uma concepção muito errônea da noção de raça.

Essa noção nasceu numa época em que a insuficiência de conhecimentos antropológicos poderia deixar acreditar que certas raças estariam perpetuadas sem mistura, na Europa, após muitos séculos.

Se as ideias não sobrevivessem às teorias ilusórias que as fizeram nascer, nenhum traço de tal erro persistiria hoje em dia. Observações antropológicas muito precisas provam, com efeito, que não há mais raças puras entre os povos civilizados.

Sem dúvida, diversos países da África e da Ásia possuem ainda raças puras, mas na Europa existe apenas o que eu chamei de raças históricas. Elas resultam de cruzamentos diversos, devidos aos acasos das migrações e das conquistas. Se suas características psicológicas herdadas acabam por se tornar muito estáveis, é porque os produtos de tais cruzamentos foram submetidos, duran-

te séculos, a uma vida comum que implicou em instituições comuns e sobretudo em interesses comuns.

Tais influências __ repetidas desde a época em que, livres das invasões conquistadoras, os povos conseguiram uma unidade política __ criaram as características psicológicas dos povos atuais. Essas características estão fixadas hoje em dia, na maior parte das nações, se bem que seu nascimento não remonte, de maneira alguma, às eras pré-históricas.

Sendo as características psicológicas dos povos muito diferenciadas, são diferentemente impressionadas pelas mesmas influências exteriores. O resultado mais comum é uma absoluta e recíproca incompreensão. Essa incompreensão apareceu sobretudo depois que a facilidade das relações rápidas colocaram os povos em contato.

A primeira consequência dessa aproximação foi colocar às claras as diferenças psicológicas que separam os povos e as divergências de compreensão que elas produzem.

A guerra europeia mostrou mais uma vez quanto podem ser profundas as diferenças de mentalidades entre povos de mesma civilização aparente, que intercambiaram durante muito tempo suas ideias e com alguns interesses semelhantes.

Esses povos, na realidade, não se conheciam e seus governantes __ mesmo informados por seus embaixadores, adidos militares e numerosos documentos __ não os conheciam melhor.

A Alemanha ignorava a alma da Inglaterra e a França não ignorava menos a da Alemanha. Durante toda a guerra a mentalidade dos balcânicos permaneceu um mistério para a maior parte dos diplomatas europeus. Querendo interpretá-la com suas ideias de pessoas civilizados, eles cometeram os mais pesados erros. A alma dos povos tem fronteiras que não se transpõe.

É precisamente porque a incompreensão rege as relações entre povos diferentes e porque queremos julgá-los segundo nossos sentimentos e nossas ideias pessoais, que é difícil prever a conduta das nações estrangeiras e de seus senhores numa dada circunstância.

*

* *

O problema levantado pelas divergências culturais __ e as aversões que se seguem a elas __ devendo sobreviver à guerra, a grande dificuldade do futuro será modificar os grupamentos de nacionalidades em luta sobre toda a superfície da Europa e principalmente nos Bálcãs.

Essa dificuldade fica bem mais árdua quando à nacionalidade constituída pela etnia, possa se dar também __ embora muito mais superficialmente __ pela comunidade de religião, de linguagem ou de interesses. Infelizmente para a duração da futura paz europeia, esses quatro elementos se acham raramente reunidos num mesmo povo.

Por muito tempo ainda as divergências culturais serão fonte de conflitos, sobretudo entre as nações semicivilizadas, como as balcânicas, em que nada acalmou os ódios seculares.

Sobre os antagonismos entre os povos o tempo só age com uma extrema lentidão. Se às vezes um povo parece mudar, circunstâncias imprevistas acabam por revelar que essas mudanças só eram aparentes e agiam unicamente sobre os aspectos acessórios de sua personalidade.

Nem as mudanças de meio nem as conquistas bastam para modificar a alma de um povo. Sua transformação só é possível através de cruzamentos repetidos. O solo, as instituições, mesmo a religião, não mudam a alma de um povo.

Os cruzamentos, aliás, só têm influência se eles acontecem entre povos de mentalidade semelhante. Entre povos de mentalidade muito diferente, eles são desastrosos. A união dos brancos com os negros, com os hindus ou com os peles-vermelhas só tem

como resultado a desagregação, nos produtos dessas uniões, de todos os elementos de estabilidade da alma ancestral, sem criar novos. Os povos de mestiços, como os do México e das repúblicas espanholas da América, ficam ingovernáveis pelo único motivo de que são mestiços. A experiência provou que nenhuma instituição, nenhuma educação poderia tirá-los da anarquia.

As circunstâncias atuais puseram à luz a justeza de vários outros princípios expostos neste livro. Estudando, por exemplo, diversas conquistas do mundo antigo e particularmente as dos gregos e dos romanos, eu me perguntei se certas faculdades medíocres, colocadas a serviço de um ideal poderoso, não permitiriam a um povo destruir civilizações refinadas, mas cujo desenvolvimento intelectual teria paralisado um pouco as qualidades do caráter.

O futuro dirá se a Alemanha moderna pode fornecer uma verificação dessa lei histórica sofrida por muitos países antigos: Egito, Pérsia, Grécia, Itália e muitos outros.

Os grandes nomes que outrora ilustraram a Alemanha não tiveram sucessores, mas ela soube hierarquizar e utilizar suas mais insignificantes energias. Graças a uma disciplina militar rígida, ela fez, de comunidades díspares, um bloco formidável.

O problema vital do futuro, entre os povos de civilização refinada, será superpor, à sua cultura intelectual, uma educação rigorosa do caráter e sobretudo da vontade, únicas forças capazes de assegurar às nações sua independência.

Eu repeti neste livro e mais tarde em outras obras: a potência de um povo não depende de sua inteligência, mas de seu caráter. A inteligência permite escrutar os mistérios da natureza e utilizar suas forças. O caráter ensina a se conduzir e a resistir vitoriosamente às agressões.

As qualidades de caráter, cujo conjunto constitui a alma nacional de um povo, são formadas por lentas acumulações ancestrais. Elas acabam por compor um agregado muito estável de sentimentos, de tradições e de crenças, que codificam, através das eras, as necessidades às quais está submetida a vida de cada nação.

A edificação de uma alma nacional exige geralmente vários séculos. Estabilizada, ela fica muito tempo ao abrigo de todos os ataques. Apesar dos mais enérgicos meios, a Grande Revolução falhou em sua tentativa de mudar a alma da França. As influências do passado reapareceram logo e conduziram às restaurações diversas que se seguiram ao período das convulsões.

Eventos tão importantes deixam sem dúvida alguns traços na mentalidade de um povo, mas é apenas sob a influência do meio que as transformações se tornam profundas.

Eu forneci a razão disto nesta obra, mostrando que, ao lado da estrutura fundamental da alma de um povo existem elementos secundários que permitem o nascimento de novas personalidades. A Revolução Francesa e o conflito europeu forneceram muitos exemplos disso.

No que diz respeito à guerra, essas mudanças de personalidade foram muito nítidas. Na França elas se produziram instantaneamente. Os mais selvagens revolucionários se tornaram ardentes patriotas, os tímidos se sentiram ousados, os partidos contrários se unificaram num pensamento comum.

A transformação da Inglaterra foi mais lenta, mas não menos profunda. O mais tradicionalista dos povos acabou por renunciar a todas as suas antipatias pela vida militar, esquecer suas necessidades de liberdade e construir uma alma nova, adaptada a necessidades novas. A adaptação a condições imprevistas de existência é sempre lenta num povo cuja alma foi estabilizada por influências ancestrais repetidas por muito tempo no mesmo sentido.

Essa estabilização de sua alma dá a uma nação uma grande força, mas, se muito completa, pode ser funesta. Os povos que não têm maleabilidade não sabem se adaptar a condições novas de existência e estão condenados à decadência.

A adaptação implica naturalmente na aquisição de ideias novas, de sentimentos novos e, consequentemente, de costumes novos. As transformações assim produzidas só são duráveis se persistem as mudanças de meio que as produziram. Sabe-se o quanto foram efêmeras as personalidades criadas pelo drama revolucionário. Desaparecida a tormenta, os grandes atores __ qualificados de gigantes pela lenda e que, para fazer triunfar sua causa, impuseram os mais furiosos massacres __ voltaram a ser pacíficos burgueses, tranquilos funcionários, sossegados comerciantes e foram os primeiros a se espantar com as transformações sofridas por sua mentalidade.

As mudanças de personalidade produzidas pela guerra europeia terão, sem dúvida, efeitos mais duráveis, porque todos os interesses serão atingidos no presente e ameaçados no futuro. Essa ameaça futura será um poderoso motivador de transformações para a alma de várias gerações.

A ameaça persistirá por muito tempo, com efeito. Os conflitos entre povos com almas e, consequentemente, com aspirações e

necessidades diferentes, se repetem fatalmente. As rivalidades econômicas sucederão às lutas guerreiras no futuro e se alternarão com elas.

Necessidades novas nasceram e será preciso se adaptar a elas, sob pena de desaparecer.

A união imposta pela guerra continuará após a paz? A era das dissensões políticas e religiosas está fechada para sempre? Veremos renascer os ódios selvagens criados por funestos demagogos prontos a sacrificar o interesse da pátria por seus interesses pessoais? Suprimir as lutas intestinas é uma condição indispensável de nossa vida nacional. Contra os inimigos de fora estaremos impotentes se tivermos que lutar ao mesmo tempo contra os inimigos de dentro.

Podendo as qualidades de nosso povo equilibrar seus defeitos, o sentido de sua orientação fixará seu destino. Inquebráveis alianças externas e uma paz interna indestrutível representam nossas únicas possibilidades de existência. Sem manter a paz interior uma sociedade não consegue sobreviver por muito tempo. Dos gregos da antiguidade aos poloneses modernos, os povos que não souberam renunciar a suas dissensões mergulharam na servidão e perderam até o direito de ter uma história.

Maio de 1916.

INTRODUÇÃO

As ideias igualitárias modernas e os fatores psicológicos da história.

Sumário

A civilização de um povo repousa sobre um pequeno número de ideias fundamentais. Dessas ideias derivam suas instituições, sua literatura e suas artes. Muito lentas para se formar, elas são muito lentas também para desaparecer. Transformadas depois de muito tempo, em erros evidentes para os espíritos instruídos, elas permanecem, para as massas, verdades indiscutíveis e prosseguem sua obra nas camadas profundas das nações. Se é difícil impor uma ideia nova, não o é menos destruir uma ideia antiga. A humanidade sempre se agarrou desesperadamente às ideias e aos deuses mortos.

Há um século e meio, se tanto, filósofos, muito ignorantes aliás da história primitiva do ser humano, das variações de sua constituição mental e das leis da hereditariedade, lançaram no mundo a ideia de igualdade dos indivíduos e dos povos.

Muito sedutora para as massas, essa ideia acabou por se fixar solidamente em suas mentes e logo colheu seus frutos. Ela abalou as bases das velhas sociedades, produziu a mais formidável das revoluções e jogou o mundo ocidental numa série de convulsões violentas cujo fim é impossível de prever.

Sem dúvida, certas desigualdades que separam os indivíduos e os povos eram muito evidentes para poderem ser seriamente contestadas; mas persuadiu-se facilmente que essas desigualdades eram apenas as consequências das diferenças de educação; que todos as pessoas nascem igualmente inteligentes e boas e que foram apenas as instituições que as perverteram. O remédio era então muito simples: refazer as instituições e dar a todos as pessoas uma instrução idêntica. Foi assim que as instituições e a instrução acabaram por se tornar as grandes panaceias das democracias modernas, o meio de consertar as desigualdades chocantes para os imortais princípios que são as últimas divindades de hoje.

Certamente que uma ciência mais avançada provou o vazio das teorias igualitárias e mostrou que o abismo mental criado pelo passado entre os indivíduos e os povos, só poderia ser superado pelas acumulações herdadas muito lentas. A psicologia moderna, ao lado das duras lições da experiência, mostrou que as instituições e a educação que convém a certos indivíduos e a certos povos são muito nocivas a outros. Mas não está no poder dos filóso-

fos aniquilar as ideias lançadas no mundo, quando eles reconhecem que elas são errôneas. Como o rio transbordado que nenhum dique poderia conter, a ideia prossegue seu curso devastador e nada desacelera seu curso.

Essa noção quimérica de igualdade das pessoas que convulsionou o mundo, suscitou na Europa uma revolução gigantesca, lançou a América na sangrenta guerra de secessão e conduziu todas as colônias francesas a um estado lamentável de decadência. Não há um psicólogo, um só viajante, um só político um pouco instruído, que não saiba o quanto ela é errônea. E, no entanto, há bem poucos que ousam combatê-la.

Longe, aliás, de ter entrado numa fase de declínio, a ideia igualitária ainda continua a crescer. É em seu nome que o socialismo __ que parece que vai em breve escravizar a maior parte dos povos do Ocidente __ pretende assegurar sua felicidade. É em seu nome que a mulher moderna __ esquecendo as diferenças mentais profundas que a separam do homem __ reclama os mesmos direitos, a mesma instrução que ele e acabará __ se ela triunfar __ por fazer do europeu um nômade sem lar nem família.

As convulsões políticas e sociais que os princípios igualitários produziram e mesmo aquelas mais graves ainda que ainda produzirão, não preocupam nem um pouco os povos. E a vida

política dos homens públicos é muito curta para que eles se preocupem com isso. A opinião pública se tornou, aliás, a senhora soberana e seria impossível não segui-la.

A importância social de uma ideia não tem outra medida real que não seja o poder que ela exerce sobre as almas. O grau de verdade ou erro que ela comporta só tem interesse sob o ponto de vista filosófico. Quando uma ideia verdadeira ou falsa passou, nas massas, ao estado de sentimento, todas as consequências que decorrem dela devem ser sucessivamente sofridas.

É então por meio da instrução e das instituições que o sonho igualitário moderno tenta se impor. É graças a elas que, pretendendo reformar as injustas leis da natureza, tentamos colocar no mesmo molde os cérebros dos negros da Martinica, de Guadalupe e do Senegal, os dos árabes da Argélia e, enfim, o dos asiáticos. Isso é sem dúvida uma quimera bem irrealizável, mas só a experiência pode mostrar o perigo das quimeras. A razão se mostrou sempre impotente para transformar as convicções das pessoas.

*

* *

Esta obra tem por objetivo descrever as características psicológicas que constituem a alma dos povos e de mostrar como a história de um povo e sua civilização derivam dessas caracterísi-

cas. Deixando de lado os detalhes __ ou só os examinando quando forem indispensáveis para demonstrar os princípios expostos __ examinaremos a formação e a constituição mental das raças históricas, ou seja, das raças artificiais formadas desde os tempos históricos, pelos acasos das conquistas, das imigrações ou das mudanças políticas e trataremos de demonstrar que dessa constituição mental decorre sua história. Estudaremos o grau de rigidez e de variabilidade dos caracteres dos povos. Tentaremos descobrir se os indivíduos e os povos marcham rumo à igualdade ou tendem, pelo contrário, a se diferenciar cada vez mais. Veremos em seguida que os elementos que compõem uma civilização __ artes, instituições, crenças __ são as manifestações diretas das almas dos povos e não podem, por isso, passar de um povo a outro. Trataremos por fim de determinar sob a influência de quais necessidades as civilizações se moldam e depois se enfraquecem. Eu tratei longamente desses problemas em minhas obras sobre as civilizações do Oriente. Este pequeno volume será apenas uma breve síntese.

A impressão mais clara retirada de minhas longínquas viagens aos países os mais diversos, é que cada povo possui uma constituição mental tão fixa quanto suas características anatômicas e de onde seus sentimentos, seus pensamentos, suas instituições, suas crenças e suas artes derivam. Tocqueville e outros pensadores ilustres acreditaram encontrar nas instituições dos povos a cau-

sa de sua evolução. Eu estou convencido do contrário e espero provar que as instituições têm, sobre a evolução das civilizações, uma importância muito pequena. Elas são, na maioria das vezes, efeitos e muito raramente causas.

Sem dúvida, a história dos povos é determinada por fatores bem diversos. Ela é cheia de casos particulares, de acidentes que poderiam ou não ter acontecido. Mas, ao lado desses acasos, dessas circunstâncias acidentais, há grandes leis permanentes que dirigem a marcha geral da cada civilização. Dessas leis permanentes, as mais gerais, as mais inevitáveis decorrem da constituição mental das povos. A vida de um povo, suas instituições, suas crenças e suas artes são apenas a trama visível de sua alma invisível. Para que um povo transforme suas instituições, suas crenças e suas artes, ele deve primeiro transformar sua alma. Para que ele possa legar sua civilização a um outro povo ele precisaria lhe legar também sua alma. É sem dúvida isso que nos ensina a história; mas mostraremos facilmente que, registrando afirmações contrárias, ela se deixou enganar por vãs aparências.

Os reformadores sucessivos tentaram no último século mudar tudo: os deuses, a terra e as pessoas. Sobre as características seculares das almas dos povos, que o tempo fixou, eles nada puderam ainda.

A concepção das diferenças inevitáveis que separam os seres é totalmente contrária às ideias dos socialistas modernos. Não são os ensinamentos da ciência que poderiam fazer com que renunciem às quimeras os apóstolos de um novo dogma. Suas tentativas representam uma fase nova da eterna cruzada da humanidade para a conquista da felicidade, esse tesouro das Hespérides que desde a aurora da história os povos sempre perseguiram. Os sonhos igualitários não valem menos talvez do que as velhas ilusões que nos conduziam outrora, se eles não se chocassem logo com a rocha inquebrável das desigualdades naturais. Como a velhice e a morte, essas desigualdades fazem parte das iniquidades aparentes com que a natureza está cheia e que o ser humano deve sofrer.

***

LIVRO I

As características psicológicas dos povos.

CAPÍTULO I

As almas dos povos.

Sumário

Os naturalistas estabelecem sua classificação das espécies através da constatação de certas características anatômicas que se reproduzem pela hereditariedade, com regularidade e constância. Sabemos hoje em dia que essas características se transformam pela acumulação hereditária de mudanças imperceptíveis. Mas, não levando em conta a curta duração dos tempos históricos, pode-se dizer que as espécies são invariáveis.

Aplicados ao ser humano, os métodos de classificação dos naturalistas permitiram estabelecer um certo número de tipos perfeitamente definidos. Baseando-se em características anatômicas bem nítidas, como a cor da pele, a forma e a capacidade do crânio, foi possível estabelecer que o gênero humano compreende várias espécies distintas, nitidamente separadas e provavelmente com origens muito diferentes. Para os cientistas respeitosos das tradi-

ções religiosas, essas espécies são simplesmente raças. Mas, como se disse com razão, “se o negro e o caucasiano fossem caracóis, todos os zoólogos afirmariam com unanimidade que eles constituem excelentes espécies e que nunca teriam vindo de um mesmo casal, do qual teriam gradualmente se distanciado”.

Essas características anatômicas, pelo menos aquelas que nossa análise possa atingir, só permitem divisões gerais muito sumárias. Suas divergências só aparecem entre espécies humanas bem separadas: os brancos, os negros e os amarelos, por exemplo. Mas povos muito semelhantes pelo seu aspecto físico podem ser muito diferentes pelas suas maneiras de sentir e de agir e, por consequência, por suas civilizações, suas crenças e suas artes. É possível, por exemplo, classificar num mesmo grupo, um espanhol, um inglês e um árabe? As diferenças mentais existentes entre eles não explodem aos olhos de todos e não são vistas em cada página de sua história?

Na falta de características anatômicas em que se possa se apoiar, usa-se, para a classificação de certos povos, diversos elementos, tais como as línguas, as crenças, os grupamentos políticos etc. Mas tais classificações não resistem ao exame.

Os elementos de classificação que a anatomia, as línguas, o meio, os grupamentos políticos não podem nos fornecer nos são

dados pela psicologia. Esta mostra que, por detrás das instituições, das artes, das crenças, das convulsões políticas de cada povo, se encontram certas características morais e intelectuais das quais sua evolução deriva. É o conjunto dessas características que forma o que se pode chamar de alma de um povo.

Cada povo possui uma constituição mental tão fixa quanto sua constituição anatômica. Que a primeira esteja em relação com uma certa estrutura particular do cérebro, não parece duvidoso; mas como a ciência não está tão avançada ainda para nos mostrar essa estrutura, estamos na impossibilidade de tomá-la por base. Seu conhecimento não poderia de maneira alguma modificar, aliás, a descrição da constituição mental da qual decorre e cuja observação nos revela.

As características morais e intelectuais, cuja associação forma a alma de um povo, representam a síntese de todo seu passado, a herança de todos os seus ancestrais, os motivadores de sua conduta. Essas características parecem às vezes muito variáveis a primeira vista entre os indivíduos de um mesmo povo; mas uma observação atenta prova que a maioria dos indivíduos desse povo possui sempre um certo número de traços psicológicos comuns, tão estáveis quanto as características anatômicas que permitem classificar as espécies. Como estas últimas, as características psi-

cológicas se reproduzem pela hereditariedade, com regularidade e constância.

Esse agregado de elementos psicológicos observáveis entre todos os indivíduos de um povo constitui o que se chama, com razão, o caráter nacional. Seu conjunto forma o tipo mediano que permite definir um povo. Milhares de franceses, milhares de ingleses, milhares de chineses, tomados ao acaso, diferem notavelmente entre eles; mas eles possuem, no entanto, pela herança de seu povo, características comuns que permitem construir um tipo ideal do francês, do inglês, do chinês, análogo ao tipo ideal que o naturalista apresenta quando descreve, de uma maneira geral, cães ou cavalos. Aplicáveis às diversas variedades de cães ou de cavalos, uma tal descrição só pode compreender as características comuns a todos e nenhuma daquelas que estabelecem uma distinção entre seus numerosos espécimes.

Num povo suficientemente antigo e, por consequência, homogêneo, o tipo mediano é bem nitidamente estabelecido para se fixar rapidamente no espírito do observador.

Quando visitamos um povo estrangeiro, as únicas características que podem nos impressionar __ porque são as únicas que se vê constantemente repetidas __ são precisamente as características comuns a todos os habitantes do país percorrido. As diferenças

individuais, sendo pouco repetidas, nos escapam e logo não apenas distinguimos à primeira vista um inglês, um italiano, um espanhol, mas sabemos muito bem lhes atribuir certas características morais e intelectuais, que são justamente as características fundamentais que falamos acima. Um inglês, um basco, um normando, um flamengo correspondem a um tipo bem definido em nosso espírito e que podemos descrever facilmente. Aplicada a um indivíduo isolado, a descrição será frequentemente bem insuficiente e, às vezes inexata; aplicada à maioria dos indivíduos de um povo, ela o representará perfeitamente. O trabalho inconsciente que se estabelece em nossa mente para determinar o tipo físico e mental de um povo é totalmente idêntico, em sua essência, ao método que permite ao naturalista classificar as espécies.

Essa identidade na constituição mental da maioria dos indivíduos de um povo tem razões fisiológicas muito simples. Cada indivíduo, com efeito, não representa somente o produto de seus pais diretos, mas também de seu povo, quer dizer, de toda a série de seus ascendentes. Um sábio economista, o Sr. Cheysson, calculou que na França, a razão de três gerações por século, cada um de nós teria em suas veias o sangue de pelo menos 20 milhões de contemporâneos do ano 1.000.

> *Todos os habitantes de uma mesma localidade, de uma mesma província tem então, necessariamente, ancestrais comuns, são espremidos de um mesmo limão, levam a mesma marca e são, sem parar, conduzidos ao tipo mediano, por essa longa e pesada cadeia da qual eles são apenas os últimos elos. Somos ao mesmo tempo filhos de nossos pais e de nosso povo. Não é apenas o sentimento mas ainda a fisiologia e a herança que fazem para nós, da pátria, uma segunda mãe.*

As influências às quais está submetido o indivíduo e que dirigem sua conduta, são de três tipos. A primeira __ e certamente a mais importante __ é a influência dos ancestrais; a segunda, a influência dos pais imediatos; a terceira __ que se acredita geralmente ser a mais poderosa e, no entanto, é a mais fraca __ é a ação dos meios. Estes últimos, que compreendem as diversas influências físicas e morais às quais a pessoa está submetida durante sua vida __ e, particularmente, durante sua educação __ só produzem, salvo nos casos de mudanças bruscas e profundas do ambiente, variações muito fracas. Eles só agem realmente quando a hereditariedade as acumulou, no mesmo sentido, durante muito tempo.

Quem quer que seja, o ser humano é então, sempre e antes de tudo, o representante de seu povo. O conjunto de ideias e de

sentimentos que todos os indivíduos de um mesmo país trazem no nascimento, forma a alma do povo. Invisível em sua essência, essa alma é muito visível em seus efeitos, porque ela rege, na realidade, toda a evolução de um povo.

Pode-se comparar um povo ao conjunto das células que constituem um ser vivo. Esses bilhões de células têm uma duração muito curta, enquanto que a duração do ser formado por sua união é relativamente muito longa. Elas possuem então, ao mesmo tempo, uma vida pessoal __ a sua __ e uma vida coletiva __ a do ser do qual elas compõem a substância. Cada indivíduo de um povo tem, também ele, uma vida individual muito curta e uma vida coletiva muito longa. Esta última é a do povo onde ele nasceu, que ele contribui para perpetuar e do qual ele depende sempre.

O povo deve então ser considerado como um ser permanente, livre do tempo. Esse ser permanente é composto não somente dos indivíduos vivos que o constituem num dado momento, mas também pela longa série dos mortos que foram seus ancestrais. Para compreender o verdadeiro significado de povo, é preciso se estender, às vezes, ao passado e ao futuro. Infinitamente mais numerosos que os vivos, os mortos são também infinitamente mais poderosos que eles. Eles regem o imenso domínio do inconsciente; esse invisível império que tem sob seu domínio todas as manifestações da inteligência e do caráter. É pelos seus mortos, muito

mais do que pelos seus vivos, que um povo é conduzido. É por eles apenas que um povo é fundado. Século após século, eles criaram nossas ideias e nossos sentimentos e, por consequência, todos os motivadores de nossa conduta. As gerações que se foram não nos impõem apenas sua constituição física; elas nos impõem também seus pensamentos. Os mortos são os únicos senhores indiscutíveis dos vivos. Nós trazemos o peso de suas faltas e recebemos a recompensa de suas virtudes.

A formação da constituição mental de um povo não exige, como a criação das espécies animais, essas eras geológicas cuja imensa duração escapa a todos os nossos cálculos. Ela exige, no entanto, um tempo bem longo. Para criar, num povo como o nosso __ e isso num grau bem fraco ainda __ essa comunidade de sentimentos e de pensamentos que constitui sua alma, foram necessários mais de dez séculos.[1] A obra predominante de nossa Revolu-

[1] Esse tempo, muito longo para nossos anais, é, na realidade, bem curto, porque ele só representa trinta gerações. Se um tempo relativamente tão restrito basta para fixar certas características, isso se deve a que, desde que uma causa aja durante algum tempo, num mesmo sentido, ela produz rapidamente efeitos muito grandes. Os matemáticos mostram que, quando uma causa se repete durante muito tempo num mesmo sentido, seus efeitos crescem em progressão geométrica (2, 4, 8, 16, 32 etc.) enquanto que a causa varia em progressão aritmética (1, 2, 3, 4, 5 etc.). As causas são os logaritmos dos efeitos. No famoso problema da dobra do número dos grãos de trigo nas casas do tabuleiro de xadrez, o número da ordem das casas é o logaritmo do número de grãos de trigo. O mesmo ocorre para a soma investida em juros compostos. A lei do crescimento é tal que o número de anos é o logaritmo do capital acumulado. É por razões dessa ordem que a maior parte dos fenô-

ção, talvez tenha sido ativar essa formação, quase exterminando as pequenas nacionalidades: picardos, flamengos, borgonheses, bascos, bretões, provençais etc. entre os quais a França era outrora dividida. É preciso, certamente, que a unificação seja completada. É sobretudo porque somos compostos de povos tão diversos e que possuem consequentemente ideias e sentimentos muito diferentes, que permanecemos vítimas de dissensões que povos mais homogêneos, como os ingleses, não conhecem. Entre estes últimos, o saxão, o normando, o antigo bretão acabaram por formar, se fundindo, um tipo muito homogêneo, o que também tornou homogênea sua conduta. Graças a essa fusão, eles acabaram por adquirir solidamente essas três bases fundamentais da alma de um povo: sentimentos comuns, interesses comuns e crenças comuns. Quando uma nação chega a isso, um acordo instintivo une todos os seus membros, sobre todas as grandes questões e as dissensões sérias não nascem mais em seu seio.

Essa comunidade de sentimentos, de ideias, de crenças e de interesses, criada por lentas acumulações herdadas, dá, à constituição mental de um povo, uma grande identidade e uma grande

menos sociais podem ser traduzidos por curvas geométricas muito semelhantes. Num outro trabalho eu constatei que essas curvas podem se expressar, sob o ponto de vista analítico, pela equação da parábola e da hipérbole. Meu sábio amigo, o Sr. Cheysson, pensa que elas se traduzem melhor, na maioria das vezes, por uma equação exponencial.

estabilidade. Ela assegura, no mesmo golpe, a esse povo, um imenso poder. Ela fez a grandeza de Roma na antiguidade e a dos ingleses de nossos dias. Assim que desaparece a alma nacional os povos se desagregam. O papel de Roma acabou quando ela não a possuía mais.

Ela sempre, mais ou menos, existiu em todos os povos e em todas as eras, essa rede de sentimentos, de ideias, de tradições e de crenças herdadas que forma a alma de uma coletividade de pessoas, mas sua extensão progressiva é feita de uma maneira muito lenta. Restrita inicialmente à família e gradualmente propagada à vila, à cidade e à província, a alma coletiva só se estendeu a todos os habitantes de um país numa época bem recente. Só então nasceu a noção de pátria que conhecemos hoje em dia. Ela só é possível quando uma alma nacional está formada. Os gregos nunca foram além da noção de cidade e suas cidades permaneceram sempre em guerra porque elas eram, na realidade, muito estrangeiras umas às outras. A Índia, durante 2.000 anos, não conheceu outra unidade além da vila, porque sempre viveu sob o domínio de senhores estrangeiros, cujos impérios efêmeros se desmanchavam com a mesma facilidade com que eram formados.

Muito fraca, sob o ponto de vista do poderio militar, a concepção de cidade como pátria exclusiva sempre foi, ao contrário, muito forte sob o ponto de vista do desenvolvimento da civiliza-

ção. Menor do que a alma da pátria, a alma da cidade foi, às vezes, muito fecunda. Atenas na antiguidade, Florença e Veneza na idade média, nos mostram o grau de civilização ao qual as pequenas aglomerações de pessoas podem atingir.

Quando as pequenas cidades ou as pequenas províncias vivem durante muito tempo uma vida independente, elas acabam por possuir uma alma tão estável que sua fusão com as cidades e províncias vizinhas, para formar uma alma nacional, se torna quase impossível. Tal fusão então, mesmo que possa acontecer __ quando os elementos postos em presença não são muito heterogêneos __ ela nunca é obra de um dia, mas de séculos. É preciso um Richelieu para realizar uma obra assim. Mas eles só as realizam com muito tempo.

Qualquer que seja, hoje em dia, o povo considerado, homogêneo ou não, pelo único fato de que ele é civilizado e ter entrado há muito tempo na história, é preciso sempre considerá-lo como uma raça artificial e não como uma raça natural. Raças naturais só se encontram atualmente entre os selvagens. Só entre eles se pode observar povos livres de qualquer mistura. *A maior parte das raças civilizadas hoje em dia não passam de raças históricas*.

Não vamos nos preocupar agora com as origens das raças. Que elas tenham se formado pela natureza ou pela história, não

importa. O que nos interessa são suas características, que um longo passado as dotou. Mantidas durante séculos pelas mesmas condições de existência e acumuladas pela hereditariedade, essas características acabaram por adquirir uma grande estabilidade e por determinar o tipo de cada povo.

* * *

CAPÍTULO II

Limites de variabilidade do caráter dos povos.

Sumário

É apenas estudando com cuidado a evolução das civilizações que se constata a estabilidade da constituição mental dos povos. Numa primeira abordagem, é a variabilidade e não a estabilidade que parece ser a regra geral. A história dos povos poderia fazer supor, com efeito, que sua alma sofre, às vezes, transformações muito rápidas e muito profundas. Não parece, por exemplo, que há uma diferença considerável entre o caráter de um inglês dos tempos de Cromwell e o do inglês moderno? O italiano atual, circunspeto e sutil, não parece bem diferente do italiano impulsivo e feroz que nos descreve, em suas **Memórias**, Benvenuto Cellini? Sem ir muito longe e nos limitando à França, quantas mudanças aparecem no caráter, em poucos séculos e, às vezes, anos! Que historiador não notou as diferenças no caráter nacional entre os séculos XVII e XVIII? Não parece haver um mundo entre o caráter de nossos selvagens convencionais e o dos dóceis escravos de Napoleão? Eram, no entanto, as mesmas pessoas e, em poucos anos, elas parecem ter mudado inteiramente.

Para elucidar as causas dessas mudanças, recordaremos primeiramente que a espécie psicológica é, como a espécie anatômica, formada por um pequeno número de características fundamentais imutáveis, ao redor das quais se agrupam características acessórias modificáveis e cambiantes. O criador que transforma a estrutura aparente de um animal, o jardineiro que modifica o aspecto de uma planta, até o ponto em que um olho não treinado não os reconhece mais, não tocaram de maneira alguma nas características fundamentais da espécie. Eles só mexeram nas características acessórias. Apesar de todos os artifícios, as características fundamentais tendem sempre a reaparecer em cada nova geração.

Também a constituição mental possui características fundamentais imutáveis como as características anatômicas das espécies. Mas ela possui igualmente características acessórias facilmente modificáveis. São essas últimas que os meios, as circunstâncias, a educação e diversos fatores podem facilmente modificar.

É preciso também se lembrar __ e esse ponto é essencial __ que em nossa constituição mental possuímos todos certas possibilidades de personalidades, às quais as circunstâncias nem sempre fornecem a ocasião de se manifestar. Quando elas surgem, uma nova personalidade, mais ou menos efêmera, logo surge. É por isso que, em épocas de grandes crises religiosas e políticas, obser-

va-se mudanças momentâneas de personalidades, parecendo que os hábitos, as ideias, a conduta, tudo enfim mudou. Tudo mudou, com efeito, como a superfície do lago tranquilo é subitamente atormentada pela tempestade. É raro que isso seja por muito tempo.

É em razão dessas possibilidades de personalidades, que vem à tona em circunstâncias excepcionais, que os atores das grandes crises religiosas e políticas nos parecem dotados de uma essência superior à nossa. Uma espécie de colossos dos quais seríamos os filhos degenerados. Eram, no entanto, pessoas como nós, nos quais as circunstâncias ativaram possibilidades de personalidades latentes em todos nós. Pegue, por exemplo, os "gigantes da Convenção", que colocaram a Europa em armas e enviavam seus adversários à guilhotina, por uma simples contradição. Eram, no fundo, honestos e pacíficos burgueses como nós, que, em circunstâncias comuns, levavam no fundo de seu cartório, escritório, balcão, uma existência a mais tranquila e a mais apagada. Acontecimentos extraordinários fizeram vibrar certas células de seus cérebros, inutilizadas em estado ordinário e eles se tornaram essas figuras colossais que a posteridade não compreende. Cem anos mais tarde Robespierre teria sido, sem dúvida, um honesto juiz de paz, muito amigo de seu padre; Fouquier-Tinville, um juiz de instrução que possuiria talvez um pouco mais do que seus colegas a

aspereza e rudez das pessoas de sua profissão, mas muito apreciado pelo seu zelo em processar os delinquentes; Saint-Just teria se tornado um excelente mestre-escola, estimado por seus chefes e muito orgulhoso dos títulos acadêmicos que teria certamente obtido. A exatidão dessas hipóteses é suficientemente justificada pelo que fez Napoleão com os selvagens terroristas que não tiveram tempo de se cortarem reciprocamente o pescoço. A maior parte teria se tornado chefe de escritório, cobradores de impostos, magistrados ou administradores públicos. As ondas levantadas pela tempestade, que falamos acima, se acalmaram e o lago retomou sua superfície tranquila.

Mesmo nas épocas mais turbulentas, que produzem as mais estranhas mudanças de personalidades, se encontra facilmente, sob formas novas, as características fundamentais do povo. O regime centralizador, autoritário e despótico dos nossos rígidos jacobinos era muito diferente, na realidade, do regime centralizador, autoritário e despótico, que quinze séculos de monarquia havia profundamente enraizado nas almas? Atrás de todas as revoluções dos povos latinos sempre aparece esse obstinado regime, essa incurável necessidade de ser governado, porque ele representa um tipo de síntese dos instintos de sua cultura. Não foi somente pela auréola de suas vitórias que Bonaparte se tornou senhor. Quando ele transformou a república em ditadura, os instintos herdados do

povo se manifestavam a cada dia com mais intensidade. E, na falta de um oficial de gênio, um aventureiro qualquer bastou. Cinquenta anos mais tarde o herdeiro de seu nome só teve que se mostrar para obter os votos de todo um povo cansado de liberdade e ávido por servidão. Não foi o Brumário que fez Napoleão, mas a alma de seu povo que foi curvada sob seu salto de ferro[2].

Se a influência dos meios sobre o ser humano parece tão grande, é precisamente porque eles agem sobre os elementos acessórios e transitórios ou ainda sobre as possibilidades de personalidades, que falaremos a seguir. Na realidade, as mudanças não são muito profundas. A pessoa mais pacífica, levada pela fome, chega a um grau de ferocidade que a conduz a todos os crimes e, às vezes, até mesmo a devorar seu semelhante. Dir-se-ia por isso que seu caráter habitual mudou definitivamente?

[2] Escreve Taine:

Ao seu primeiro gesto os franceses se prostraram em obediência e persistiram, como se fosse sua condição natural. Os pequenos (agricultores e soldados) com uma fidelidade animal; os grandes (dignitários e funcionários públicos) com um servilismo bizantino. Por parte dos republicanos, nenhuma resistência. Pelo contrário, foi entre eles que Napoleão encontrou seus melhores instrumentos de reinado: senadores, deputados, conselheiros de Estado, juízes, administradores de todos os graus. Em seguida, sob suas preces de liberdade e igualdade, liberou seus instintos autoritários, sua necessidade de comandar, de premiar, mesmo sob ordem e, por acréscimo __ na maior parte deles __ os apetites para o dinheiro e a mordomia. Entre o delegado do Comitê de Saúde Pública e o ministro, o interventor ou sub-interventor do império, a diferença é pequena. É o mesmo homem com duas roupagens: primeiro em casaco, depois em roupa bordada.

Que as condições da civilização conduzam uns à extrema riqueza e a todos os vícios que a seguem inevitavelmente; que elas criem nos outros necessidades muito grandes, sem lhes dar os meios de satisfazê-las, resultando num descontentamento e num mal-estar geral, que agirão sobre a conduta e provocarão tumultos de toda ordem; mas em todos esses descontentamentos e tumultos se manifestarão sempre as características fundamentais do povo. Os ingleses dos Estados Unidos, quando foram levados a se destroçar durante a guerra civil, manifestaram a mesma perseverança, a mesma energia indomável que colocam hoje em dia na fundação de cidades, de universidades e de empresas. O caráter não foi modificado. Apenas os assuntos aos quais se aplicaram mudaram.

Examinando sucessivamente os diversos fatores suscetíveis de agir sobre a condição mental dos povos, constataremos sempre que eles agem sobre os lados acessórios e transitórios do caráter, mas não tocam em seus elementos fundamentais, ou só os tocam após acumulações hereditárias muito lentas.

Não concluiremos, do que precede, que as características psicológicas dos povos são invariáveis, mas apenas que, como as características anatômicas, elas possuem uma estabilidade muito grande. É em razão dessa estabilidade que a alma dos povos muda tão lentamente durante o curso das eras.

CAPÍTULO III

Hierarquia psicológica dos povos.

Sumário

Quando se examina, num livro de história natural, as bases da classificação das espécies, constata-se logo que as características imutáveis e, consequentemente, fundamentais, que permitem determinar cada espécie, são bem pouco numerosas. Sua enumeração cabe sempre em alguns linhas.

É por isso que o naturalista só se ocupa com características invariáveis, sem levar em conta características transitórias. Essas características fundamentais produzem fatalmente toda uma série de outras que a seguem.

Acontece o mesmo com as características psicológicas dos povos. Se entramos nos detalhes, constatamos, de um povo a outro, de um indivíduo a outro, divergências inumeráveis e sutis; mas se nos fixamos nas características fundamentais, reconheceremos que, para cada povo, essas características são pouco numerosas. É só através de exemplos __ que forneceremos em breve, de muitas características __ que se pode demonstrar claramente a

influência desse pequeno número de características fundamentais na vida dos povos.

As bases de uma classificação psicológica dos povos só podem ser expostas estudando, em seus detalhes, a psicologia de diversos povos. Tarefa que demandaria vários volumes só para ela. Vamos nos limitar a indicá-las em suas grandes linhas.

Consideremos apenas que, em suas características gerais, os povos humanos podem ser divididas em quatro grupos: 1) os povos primitivos; 2) os povos inferiores; 3) os povos medianos; 4) os povos superiores.

Os povos primitivos são aqueles nos quais não se encontra nenhum traço de cultura e que permanecem no período próximo da animalidade que atravessaram nossos ancestrais da era da pedra lascada. Como estão hoje em dia os fueguinos e os australianos.

Acima dos povos primitivos se encontram os povos inferiores, representados sobretudo pelos negros. Eles são capazes de rudimentos de civilização, mas apenas de rudimentos. Eles jamais ultrapassaram formas de civilização totalmente bárbaras, mesmo quanto o acaso fez com que herdassem, como em São Domingo, civilizações superiores.

Nos povos medianos classificaremos os chineses, os japoneses, os mongóis e os povos semitas. Como os assírios, os mongóis,

os chineses e os árabes; eles criaram civilizações elevadas que só os povos europeus puderam ultrapassar.

Entre os povos superiores só podem figurar os indo-europeus. Desde a antiguidade, na época dos gregos e dos romanos, até os tempos modernos, eles foram os únicos capazes de grandes invenções nas artes, nas ciências e na indústria. É a eles que se deve o nível elevado que a civilização atingiu hoje em dia. O vapor e a eletricidade saíram de suas mãos. Os menos desenvolvidos desses povos superiores, os hindus particularmente, chegaram nas artes, nas letras e na filosofia, a um nível que os mongóis, os chineses e os semitas jamais puderam atingir.

Entre as quatro divisões que enumeramos, nenhuma confusão é possível. O abismo mental que as separa é evidente. É apenas quando se quer subdividir esses grupos que as dificuldades começam. Um inglês, um espanhol, um russo, fazem parte da divisão dos povos superiores, mas, no entanto, sabemos bem que entre eles as diferenças são muito grandes.

Para precisar essas diferenças seria necessário tomar cada povo separadamente e descrever suas características. É isso que faremos a seguir, para dois deles, a fim de aplicar o método e demonstrar a importância de suas consequências.

Por enquanto, podemos indicar bem sumariamente a natureza dos principais elementos psicológicos que permitem diferenciar os povos.

Entre os povos primitivas e inferiores __ e não é preciso ir até os selvagens puros para encontrá-los, já que as camadas mais baixas das sociedades europeias são idênticas a seres primitivos __ constata-se sempre uma incapacidade mais ou menos grande de raciocinar, ou seja, fazer associações no cérebro, para comparar e perceber analogias e diferenças existentes nas ideias produzidas por sensações passadas ou as palavras que as sinalizam, com as ideias produzidas pelas sensações presentes. Dessa incapacidade de raciocinar resulta uma grande credulidade e uma ausência completa de espírito crítico. No ser superior, ao contrário, a capacidade de associar ideias, tirar conclusões é muito grande e o espírito crítico e a precisão são altamente desenvolvidos.

Entre os seres inferiores, constata-se ainda uma dose de atenção e de reflexão muito insignificante; um espírito de imitação muito grande; o hábito de tirar, de casos particulares, consequências gerais inexatas; uma fraca capacidade de observar e de deduzir resultados úteis das observações; uma extrema mobilidade do caráter e uma muito grande imprevidência. O instinto do momento é seu único guia. Como Esaú __ típico primitivo __ eles venderiam voluntariamente seu direito de primogenitura futuro, pelo pra-

to de lentilhas presente. Quando, ao interesse imediato, a pessoa sabe opor um interesse futuro, se dar um objetivo e persegui-lo com perseverança, ela realizou um grande progresso.

Essa incapacidade de prever as consequências distantes dos atos e essa tendência a só ter por guia o instinto do momento condenam o indivíduo, bem como seu povo, a permanecer sempre num estado bem inferior. É só na medida em que ele possa dominar seus instintos, ou seja, adquiriu a vontade e, consequentemente, o império sobre eles mesmos, que os povos podem compreender a importância da disciplina, a necessidade de se sacrificar a um ideal e se elevar até à civilização. Se fosse possível avaliar, por uma medida única, o nível social dos povos na história, eu tomaria voluntariamente por escala o grau de sua aptidão para dominar seus impulsos reflexos. Os romanos, na antiguidade, os anglo-saxões, nos tempos modernos, representam os povos que adquiriram essa qualidade no seu grau mais alto. Ela contribuiu poderosamente para assegurar sua grandeza.

É pelo seu agrupamento geral e seu desenvolvimento respectivo que os diversos elementos psicológicos, precedentemente enumerados, formam as constituições mentais que permitem classificar os indivíduos e os povos.

Alguns desses elementos psicológicos tratam do caráter e outros da inteligência.

Os povos superiores se diferenciam dos povos inferiores tanto pelo caráter quanto pela inteligência, mas é sobretudo pelo caráter que se diferenciam entre eles os povos superiores. Esse ponto tem uma importância social considerável e é importante destacá-lo nitidamente.

O caráter é formado pela combinação, em proporções variadas, de diversos elementos que os psicólogos designam habitualmente, hoje em dia, sob o nome de sentimentos. Entre aqueles que desempenham os papeis mais importantes é preciso notar sobretudo: a perseverança, a energia, a aptidão para se dominar. Faculdades mais ou menos derivadas da vontade. Mencionaremos também, entre os elementos fundamentais do caráter __ se bem que ela seja a síntese de sentimentos muito complexos __ a moralidade. Este último termo nós o empregamos no sentido de respeito herdado pelas regras sobre as quais a existência de uma sociedade repousa. Ter moralidade, para um povo, é ter certas regras fixas de conduta que não se pode descartar. Essas regras variam com o tempo e os países e, por isso, a moral parece ser coisa muito variável. E ela o é, com efeito. Mas, para um dado povo, num dado momento, ela deve ser completamente invariável. Filha do caráter e, de maneira alguma, da inteligência, ela só está solidamente

constituída quando se tornou hereditária e, consequentemente, inconsciente. De uma maneira geral, é principalmente pelo nível de sua moralidade que depende a grandeza dos povos.

As qualidades intelectuais são suscetíveis de serem ligeiramente modificadas pela educação; as do caráter escapam quase inteiramente à sua ação. Quando a educação age sobre elas é apenas nas naturezas neutras, que possuem uma vontade quase nula e que pendem facilmente, por causa disso, para o lado em que são levadas. Essas naturezas neutras são encontradas entre os indivíduos, mas muito raramente em todo um povo ou, se são encontradas, é só nas horas de extrema decadência.

As descobertas da inteligência são transmitidas facilmente de um povo a outro. As qualidades do caráter não podem ser transmitidas. São os elementos fundamentais imutáveis que permitem diferenciar a constituição mental dos povos superiores. As descobertas da inteligência representam o patrimônio comum da humanidade; as qualidades ou os defeitos do caráter constituem o patrimônio exclusivo de cada povo. É a rocha inabalável que as ondas devem bater, dia após dia, durante séculos, antes de conseguir arredondar os contornos; é equivalente ao elemento imutável da espécie, a nadadeira do peixe, o bico do pássaro, o dente do carnívoro.

É o caráter de um povo e não sua inteligência que determina sua evolução na história e regula seu destino. Ele é encontrado sempre por detrás das fantasias aparentes, do acaso impotente, da providência fictícia, do destino real que, segundo as diversas crenças, guia a ação dos homens.

A influência do caráter é soberana na vida dos povos enquanto que a da inteligência se mostra frequentemente muito fraca. Os romanos da decadência tinham uma inteligência tão refinada quando a dos seus rudes ancestrais, mas eles tinham perdido as qualidades do caráter: a perseverança, a energia, a invencível tenacidade, a aptidão para se sacrificar a um ideal, o inviolável respeito às leis, que fizeram a grandeza de seus antepassados. É pelo caráter que 60.000 ingleses mantém o jugo sobre 250 milhões de hindus, dentre os quais, muitos são, pelo menos, seus iguais na inteligência e alguns os ultrapassam imensamente pelos gostos artísticos e a profundidade das visões filosóficas. É pelo caráter que eles estão à frente do mais gigantesco império colonial que a história conheceu. É ao caráter e não à inteligência que se deve a solidez das sociedades, das instituições e dos impérios. É o caráter

que permite aos povos sentir e agir. Eles jamais ganharam muita coisa por querer raciocinar muito e pensar muito.[3]

É da constituição mental dos povos que decorre sua concepção do mundo, da vida e, consequentemente, de sua conduta. Forneceremos a seguir importantes exemplos disso. Impressionado de uma certa maneira pelas coisas exteriores, o indivíduo sente, pensa e age de uma maneira muito diferente de como sentirão, pensarão e agirão aqueles que possuem uma constituição mental diferente. Isso resulta em que, as constituições mentais, construídas sobre tipos muito diversos, não conseguem se penetrar. As lutas seculares dos povos tiveram acima de tudo, por origem, a incompatibilidade de seus caracteres. É impossível compreender a histó-

[3] A extrema fraqueza dos livros dos psicólogos de profissão e seu pouco interesse prático deve-se sobretudo a que eles se limitaram exclusivamente ao estudo da inteligência e deixaram quase inteiramente de lado o do caráter. Eu só vejo isso no Sr. Ribot, em seu belo livro sobre a lógica dos sentimentos, que destacou a importância do caráter e constatou que ele forma a verdadeira base da constituição mental. Escreve ele, com razão: "A inteligência é apenas acessória na evolução mental. O tipo fundamental é o caráter. A inteligência só serve para destruí-lo quando é muito desenvolvida".

É ao estudo do caráter que se deve dedicar, como tento mostrar aqui, quando se quer descrever a psicologia comparada dos povos. Que uma ciência tão importante __ porque a história e a política decorrem dela __ jamais tenha sido objeto de um estudo sério, seria difícil de compreender se não se soubesse que ela não pode ser adquirida nos laboratórios nem nos livros, mas somente através de longas viagens. Nada permite esperar que ela seja em breve abordada pelos psicólogos de profissão. Eles abandonam cada vez mais hoje em dia o que foi outrora seu domínio, para se limitar às pesquisas de anatomia e de fisiologia.

ria se não se tiver sempre na mente a ideia de que povos diferentes não podem sentir, pensar, agir da mesma maneira. Nem, por consequência, se entender. Sem dúvida que povos diversos tem em suas línguas palavras comuns que eles acreditam sinônimas, mas essas palavras comuns despertam sensações, ideias, modos de pensar, completamente diferentes naqueles que as ouvem. É preciso ter vivido entre povos cuja constituição mental difere sensivelmente da nossa, mesmo entre aqueles que falam nossa língua e receberam nossa educação, para conceber a profundidade do abismo que separa o pensamento dos diversos povos. Pode-se, sem ter viajado para longe, fazer alguma ideia disso, constatando a grande separação mental que existe entre o homem civilizado e a mulher, mesmo entre aquelas bem instruídas. Eles podem ter interesses comuns, sentimentos comuns, mas jamais encadeamentos de pensamentos semelhantes. Eles se falariam durante séculos sem se entender, porque são construídos sobre tipos muito diferentes para poder serem impressionados da mesma maneira pelas coisas exteriores. A diferença de sua lógica bastaria para criar entre eles um intransponível abismo.

Este abismo entre a constituição mental dos diversos povos nos explica porque os povos superiores jamais conseguiram fazer com que suas civilizações fossem aceitas pelos povos inferiores. A ideia tão difundida ainda de que a instrução pode realizar tal

tarefa é uma das mais funestas ilusões que os teóricos da razão pura já criaram. Sem dúvida, a instrução permite __ graças à memória que possuem os seres mais inferiores e que não é, de maneira alguma, privilégio do ser humano __ dar a um indivíduo posicionado bem baixo na escala humana o conjunto de noções que possui um europeu. Transforma-se facilmente um africano em um bacharel ou um advogado, mas isso é apenas um verniz bem superficial, sem ação sobre sua constituição mental. O que nenhuma instrução pode lhe dar __ porque é apenas a herança que as cria __ são as formas de pensamento, a lógica e sobretudo o caráter dos ocidentais. Esse africano acumulará todos os diplomas possíveis sem nunca conseguir chegar ao nível de um europeu comum. Em dez anos é possível lhe dar a instrução de um inglês bem educado. Para transformá-lo num verdadeiro inglês __ ou seja, numa pessoa que age como um inglês nas diversas circunstâncias da vida em que for colocado __ vários séculos seriam pouco. É apenas na aparência que um povo transforma bruscamente sua língua, sua constituição, suas crenças ou suas artes. Para operar, em realidade, tais mudanças, seria preciso poder transformar sua alma.

* * *

CAPÍTULO IV

Diferenciação progressiva dos indivíduos e dos povos.

Sumário

Os povos superiores não se distinguem unicamente por suas características psicológicas e anatômicas, dos povos inferiores. Eles se distinguem ainda pela diversidade dos elementos que entram em sua composição. Nos povos inferiores, todos os indivíduos, mesmo de sexos diferentes, possuem quase o mesmo nível mental. Eles se parecem todos e apresentam a imagem perfeita da igualdade sonhada pelos socialistas modernos. Nos povos superiores, a desigualdade intelectual dos indivíduos e dos sexos é, pelo contrário, a lei.

Assim, não é comparando os indivíduos medianos dos povos, mas suas camadas superiores __ quando possuem __ que se pode medir a extensão das diferenças que os separam. Hindus, chineses, europeus se diferenciam intelectualmente muito pouco em suas camadas medianas. Eles se diferenciam consideravelmente, pelo contrário, pelas suas camadas superiores.

Com os progressos da civilização, não apenas os povos, mas ainda os indivíduos de cada povo __ pelo menos dos povos superiores __ tendem a se diferenciar cada vez mais. Contrariamente às nossas teorias igualitárias, o resultado da civilização moderna não é tornar as pessoas mais iguais intelectualmente, mas, pelo contrário, cada vez mais diferentes.

Uma das principais consequências da civilização é, com efeito, de um lado, diferenciar os povos pelo trabalho intelectual, cada dia mais considerável, que ela impõe aos povos que chegaram a um alto grau de cultura e, por outro lado, diferenciar cada vez mais as diversas camadas que compõem um povo civilizado.

As condições da evolução industrial moderna condenam as camadas inferiores dos povos civilizados a um trabalho muito especializado que, longe de aumentar sua inteligência, só tende a reduzi-la. Há cem anos, um trabalhador era um verdadeiro artista capaz de executar todos os detalhes de um mecanismo qualquer __ de um relógio, por exemplo. Hoje em dia é um simples trabalhador manual que não fabrica mais do que um única peça, passa sua vida a furar buracos semelhantes, polir o mesmo objeto, conduzir a mesma máquina. Isso logo resulta numa atrofia completa de sua inteligência. Pressionado pelas descobertas e pela concorrência, o industrial ou o engenheiro que chefia o trabalhador é obrigado, pelo contrário, a acumular infinitamente mais seus co-

nhecimentos, seu espírito de iniciativa e de invenção, que o mesmo industrial e o mesmo engenheiro há um século. Constantemente exercitado, seu cérebro sofre a lei que rege todos os órgãos: ele se desenvolve cada vez mais.

Tocqueville já havia indicado essa diferenciação progressiva das camadas sociais, numa época em que a indústria se achava muito longe do grau de desenvolvimento que atingiu hoje em dia: "Na medida em que o princípio da divisão do trabalho recebe uma aplicação mais completa, o trabalhador se torna mais fraco, mais limitado e mais dependente. A arte faz progressos, o artista retrograda. O patrão e o trabalhador se diferenciam cada dia mais".

Hoje em dia, um povo superior pode, sob o ponto de vista intelectual, ser considerado como constituído de um tipo de pirâmide de degraus, em que a maior parte é formada pelas massas profundas da população; os degraus superiores pelas camadas inteligentes[4]; a ponta da pirâmide, por uma bem pequena elite de

[4] Eu digo inteligentes, sem acrescentar instruídos. É um erro típico dos povos latinos acreditar que haja um paralelismo entre instrução e inteligência. A instrução implica unicamente na posse de uma certa dose de memória, mas que não necessita, para ser adquirida, de nenhuma qualidade de discernimento, de reflexão, de iniciativa, nem de espírito de invenção. Encontra-se muito frequentemente indivíduos abundantemente providos de diplomas, embora muito limitados. Mas encontra-se também frequentemente, indivíduos muito pouco instruídos e que possuem, no entanto, uma inteligência elevada. As camadas superiores de nossa pirâmide social seriam então formadas por elementos tomados emprestados de todas as classes. Todas as profissões possuem um número muito pequeno

cientistas, inventores, artistas, escritores; um grupo infinitamente restrito, comparado com o resto da população, mas que sozinho estabelece o nível de um país na escala intelectual da civilização. Bastaria sumir com ela para ver desaparecer ao mesmo tempo tudo o que faz a glória de uma nação. Como disse justamente Saint-Simon: "Se a França perdesse subitamente seus cinquenta principais cientistas, seus cinquenta principais artistas, seus cinquenta principais fabricantes, seus cinquenta principais agricultores, a nação se tornaria um corpo sem alma, seria decapitada. Se ela viesse a perder todo seu funcionalismo público, esse acontecimento afligiria os franceses, porque eles são bons, mas isso resultaria para o país num dano muito pequeno".

Com os progressos da civilização, a diferenciação entre as camadas extremas de uma população aumenta muito rapidamente. Ela tende mesmo, num certo momento, a aumentar segundo uma progressão geométrica. Bastaria então __ se certos efeitos da hereditariedade não impusessem obstáculos __ aguardar a intervenção do tempo, para ver as camadas superiores de uma população separadas intelectualmente das camadas inferiores por uma dis-

de mentes brilhantes. Parece provável, no entanto, em razão das leis da hereditariedade, que são as classes sociais ditas superiores que as possuem em maior número e é nisso, sem dúvida, que reside sua superioridade.

tância tão grande quanto a que separa o branco do negro, ou mesmo do negro ao símio.

Mas, várias razões se opõem a que essa diferenciação intelectual das camadas sociais se torne muito grande e aconteça com tanta rapidez quanto se poderia admitir teoricamente. Em primeiro lugar, com efeito, a diferenciação acontece sobre a inteligência e pouco, ou nada, sobre o caráter e sabemos que é o caráter e não a inteligência que desempenha o papel fundamental na vida dos povos. Em segundo lugar, as massas tendem hoje em dia, pela sua organização e sua disciplina, a se tornarem todo-poderosas. Seu ódio às superioridades intelectuais é evidente e é provável que toda aristocracia intelectual esteja destinada a ser violentamente destruída por revoluções periódicas, na medida em que as massas populares se organizam. Como foi destruída há um século a antiga nobreza. Quando o socialismo se espalhar pela Europa, sua única chance de existir por algum tempo será fazer perecer, até o último, todos os indivíduos que possuam uma superioridade capaz de elevá-los, por mais fracamente que seja, até o nível da mais humilde medianidade.

Fora dessas duas causas que enunciei e que são de ordem artificial, porque resultam de condições de civilização que podem variar, há uma outra muito mais importante __ porque é uma lei indestrutível __ e que sempre impedirá que a elite de uma nação,

não que se diferencie intelectualmente das camadas inferiores, mas que se diferencie consideravelmente. Em presença das condições atuais da civilização que diferenciam, cada vez mais, as pessoas de um mesmo povo, se encontram, com efeito, as pesadas leis da hereditariedade, que tendem a fazer desaparecer, ou a conduzir à medianidade, os indivíduos que a ultrapassam muito claramente.

Observações já antigas, mencionadas por todos os autores de trabalhos sobre a hereditariedade, provaram, com efeito, que os descendentes de famílias ilustres pela inteligência sofrem, cedo ou tarde __ cedo, na maioria das vezes __ degenerações que tendem a suprimi-los completamente.

A grande superioridade intelectual só parece então, ser conseguida, com a condição de deixar, atrás de si, degenerados. De fato, é apenas tomando emprestado sem parar, elementos colocados abaixo dela, que a ponta da pirâmide social, que mencionei acima, pode subsistir. Se conseguíssemos reunir numa ilha isolada todos os indivíduos que compõem essa elite, seus cruzamentos formariam rapidamente um povo cheio de degenerados variados e condenados, consequentemente, a logo desaparecer. As grandes superioridades intelectuais podem se comparar a essas monstruosidades botânicas criadas artificialmente pelo jardineiro. Abandonadas a própria sorte, elas morrem ou retornam ao tipo médio da

espécie, que é todo-poderoso, já que representa a longa série dos ancestrais.

O estudo atento dos diversos povos mostra que, se os indivíduos de um mesmo povo se diferenciam imensamente pela inteligência, eles se diferenciam muito pouco pelo caráter; essa rocha invariável cuja permanência através das eras eu já demonstrei . Devemos então, ao estudar um povo, considerá-lo sob dois pontos de vista bem diferentes. Sob o ponto de vista intelectual ele só vale para uma pequena elite a qual se devem todos os progressos científicos, literários e industriais de uma civilização. Sob o ponto de vista do caráter, é a medianidade apenas que importa conhecer. É do nível dessa medianidade que depende sempre a potência dos povos. Eles podem, a rigor, dispensar uma elite intelectual, mas não de um certo nível de caráter. Demonstraremos isso a seguir.

Assim, se diferenciando intelectualmente cada vez mais através dos séculos, os indivíduos de um povo tendem sempre, sob o ponto de vista do caráter, a oscilar ao redor do tipo médio desse povo. É a esse tipo médio, que evolui muito lentamente, que pertence a grande maioria dos membros de uma nação. Esse núcleo fundamental é revestido __ pelo menos entre os povos superiores __ por uma camada mínima de mentes brilhantes, capital sob o ponto de vista da civilização, mas sem importância sob o ponto de vista do povo. Destruída sem parar, ela é renovada sem parar às

custas da camada mediana, que varia muito lentamente, porque as menores variações, para se tornarem duráveis, demandam serem acumuladas no mesmo sentido, pela hereditariedade, durante vários séculos.

Há vários anos já eu cheguei __ me apoiando em pesquisas de ordem puramente anatômicas __ às ideias precedentes sobre a diferenciação dos indivíduos e dos povos e em justificativa delas eu só invoco aqui razões psicológicas. As duas ordens de observação conduzem aos mesmos resultados e eu me permitirei lembrar algumas conclusões de meu primeiro trabalho. Elas se apoiam em medidas executadas em vários milhares de crânios antigos e modernos, pertencentes a povos diversas. Eis a seguir as partes mais essenciais.

> *O volume do crânio tem relação estreita com a inteligência, quando, deixando de lado os casos individuais, opera-se sobre séries. Constata-se então que o que distingue os povos inferiores dos povos superiores não são pequenas variações na capacidade média de seus crânios, mas o fato essencial de que o povo superior contém um certo número de indivíduos com cérebros muito desenvolvidos, enquanto que o povo inferior não os contém. Não é então pelas massas, mas pelo número daqueles*

que se destacam, que os povos se distinguem. De um povo a outro, a diferença média do crânio __ salvo quando se considera os povos muito inferiores __ nunca é muito considerável.

Comparando os crânios dos diversos povos humanos, no presente e no passado, vê-se que os povos cujo volume do crânio apresenta as maiores variações são os povos mais elevados em civilização e que, a medida que um povo se civiliza, os crânios dos indivíduos que o compõe se diferenciam cada vez mais. Disso resulta que, não é rumo à igualdade intelectual que a civilização nos conduz, mas rumo a uma desigualdade sempre mais profunda. A igualdade anatômica e fisiológica só existe entre indivíduos de povos bem inferiores. Entre os membros de uma tribo selvagem, todos dedicados às mesmas ocupações, a diferença é forçosamente mínima. Entre os agricultores __ que não possuem mais do que trezentas palavras em seu vocabulário __ e o cientista __ que tem cem mil, com as ideias correspondentes __ a diferença é, ao contrário, gigantesca.

A diferenciação entre indivíduos, produzida pelo desenvolvimento da civilização, se manifesta igualmente entre os sexos. Entre os povos inferiores ou nas camadas infe-

riores dos povos superiores, o homem e a mulher são intelectualmente muito próximos. Na medida, ao contrário, em que os povos se civilizam, os sexos se diferenciam cada vez mais.

Os volumes dos crânios do homem e da mulher __ mesmo quando se compara unicamente, como eu fiz, indivíduos de idade igual, tamanho igual e peso igual__ apresentam diferenças muito rapidamente crescentes com o grau de civilização. Pequenas nos povos inferiores, essas diferenças se tornam imensas nos povos superiores.[5]

* * *

[5] Gustave Le Bon. Recherches anatomiques e mathématiques sur les variations de volume du cerveau e sur leurs relations avec l'inteligence. In *Mémoire couronné para l'Académie des sciences e par la Societé d'Anthropologie*, 8, 1879.

CAPÍTULO V

Formação das raças históricas.

Sumário

Já destacamos que não se pode encontrar, entre os povos civilizados, verdadeiras raças, no sentido científico dessa palavra, mas somente de raças históricas, ou seja, raças criadas pelos acasos das conquistas, das migrações, da política etc. e formadas, por consequência, da mistura de indivíduos de origens diferentes.

Como essas raças heterogêneas chegaram a se fundir e formar uma raça histórica que possui características psicológicas comuns? É o que vamos pesquisar.

Destaquemos, de início, que os elementos postos em presença pelo acaso nem sempre se fundem. As populações alemãs, húngaras, eslavas etc., que vivem sob o domínio austríaco, formam povos perfeitamente distintos e que jamais tentaram se fundir. O irlandês, que vive sob o domínio dos ingleses, também não é mais misturado com eles. Quanto aos povos completamente inferiores __ peles-vermelhas, australianos, tasmanianos etc. __ não apenas não se unem aos povos superiores, como também desaparecem ao seu contato. A experiência prova que todo povo inferior,

colocado em presença de um povo superior, está fatalmente condenado a rapidamente desaparecer.

Três condições são necessárias para que os povos cheguem a se fundir e a formar um povo novo, mais ou menos homogêneo.

A primeira dessas condições é que os povos submetidos aos cruzamentos não sejam muito desiguais em número; a segunda é que eles não difiram muito em suas características; a terceira é que eles sejam submetidos durante muito tempo a condições de meio idênticas.

A primeira das condições enumeradas é de uma importância capital. Um pequeno número de brancos colocados no meio de uma população negra numerosa desaparece, após algumas gerações, sem deixar traços de seu sangue entre seus descendentes. Foi assim que desapareceram todos os conquistadores que invadiram populações muito numerosas. Eles puderam, como os latinos na Gália, os árabes no Egito, deixar atrás deles sua civilização, suas artes e sua língua. Eles nunca deixaram seu sangue.

A segunda das condições precedentes tem igualmente uma importância muito grande. Sem dúvida que povos muito diferentes __ o europeu e o africano, por exemplo __ podem se fundir, mas os mestiços que resultam constituem uma população muito inferior aos produtos de onde derivam e completamente incapazes de

criar, ou mesmo de continuar uma civilização. A influência de heranças contrárias dissocia sua moralidade e seu caráter. Quando os mestiços de europeus e de africanos herdam, por acaso, como em São Domingo, uma civilização superior, essa civilização cai rapidamente numa miserável decadência. Os cruzamentos podem ser um elemento de progresso entre povos superiores, muito próximas, como os ingleses e os alemães da América. Eles constituem sempre um elemento de degeneração quando povos, mesmo superiores, são muito diferentes.[6]

Cruzar dois povos é mudar, no mesmo ato, tanto sua constituição física quanto sua constituição mental. Os cruzamentos constituem, aliás, o único meio infalível que possuímos de transformar, de uma maneira fundamental, o caráter de um povo. É a única herança suficientemente poderosa para lutar contra a hereditariedade. Eles permitem criar em longo prazo um novo povo que possui características físicas e psicológicas novas.

[6] Todos os países que apresentam um número muito grande de mestiços estão, por essa única razão, devotados a uma perpétua anarquia, a menos que sejam dominados por uma mão de ferro. Foi o caso do México e será fatalmente o caso do Brasil. Ele só conta com um terço de brancos. O resto da população é composto por negros e mulatos. O célebre Agassiz diz com razão que "basta ir ao Brasil para não poder negar a decadência que resultou dos cruzamentos que aconteceram nesse país, mais amplamente do que em outros lugares. Esses cruzamentos apagam as melhores qualidades, seja do europeu, seja do africano, seja do nativo e produzem um tipo indescritível cuja energia física e mental é enfraquecida".

As características assim criadas permanecem no início muito flutuantes e muito fracas. São sempre necessárias longas acumulações hereditárias para fixá-las. O primeiro efeito dos cruzamentos entre povos diferentes é destruir a alma desses povos, ou seja, esse conjunto de ideias e de sentimentos comuns que fazem a força dos povos e sem os quais não há nação nem pátria. É o período crítico da história dos povos. Um período inicial e de vacilações, que todos devemos atravessar, pois há poucos povos europeus que não sejam formados dos cacos de outros povos. É um período pleno de lutas intestinas e de vicissitudes, que dura enquanto as características psicológicas novas não estão ainda fixadas.

O que já foi dito mostra que os cruzamentos devem ser considerados, ao mesmo tempo, como um elemento fundamental da formação de povos novos e como um poderoso fator de dissolução dos povos antigos. É por isso, com razão, que todos os povos que chegaram a um alto grau de civilização evitaram cuidadosamente se misturar com estrangeiros. Sem o admirável regime das castas, o pequeno punhado de arianos que invadiu a Índia, há três mil anos, seria rapidamente afogado na imensa massa das populações negras que o envolvia por todos os lados e nenhuma civilização seria criada sobre o solo da grande península. Se, em nossos dias, os ingleses não tivessem conservado, na prática, o mesmo sistema

e tivessem permitido o cruzamento com os nativos, há muito tempo que o gigantesco império da Índia teria sido esmagado. Um povo pode perder muitas coisas, sofrer muitas catástrofes e se reerguer de novo. Ele perdeu tudo e não se ergue mais quando perdeu sua alma.

É no momento em que as civilizações em decadência se tornam presa de invasores pacíficos ou guerreiros que os cruzamentos exercem sucessivamente o papel destruidor, depois criador, que mencionei. Eles destroem a civilização antiga, porque destroem a alma do povo que a possui. Eles permitem a criação de uma civilização nova porque as antigas características psicológicas dos povos em presença foram destruídas e, sob a influência de novas condições de existência, novas características poderão se formar.

É somente sobre os povos em vias de formação __ e que, por consequência, tiveram destruídas as características ancestrais, por heranças contrárias __ que pode se manifestar a influência do último dos fatores mencionados no início deste capítulo: os meios. Muito fraca sobre os povos antigos, a influência dos meios é, ao contrário, muito grande sobre os povos novos. Os cruzamentos, destruindo características psicológicas ancestrais, criam um tipo de tábula rasa sobre a qual a ação dos meios, continuada durante séculos, consegue edificar, depois fixar, características psicológi-

cas novas. Então, e somente então, uma nova raça histórica é formada. Assim se constituiu a nossa.

A influência dos meios __ meios físicos e morais __ é, então, muito grande ou, ao contrário, muito fraca, dependendo do caso. Assim se explica porque as opiniões as mais contraditórias puderam ser emitidas sobre sua ação. Veremos que essa influência é muito grande sobre os povos em vias de formação; mas, se consideramos povos antigos, solidamente fixados há muito tempo pela herança, poderemos dizer que a influência dos meios é, pelo contrário, quase inteiramente nula.

Para os meios morais, temos a prova de sua ação nula pela ausência de influência de nossas civilizações ocidentais sobre os povos do Oriente, mesmo quando eles são submetidos durante várias gerações ao seu contato, como se observa entre os chineses que habitam os Estados Unidos. Para os meios físicos, constatamos a fraqueza de seu poder pelas dificuldades de aclimatação. Transportada para um meio muito diferente do seu, uma raça antiga __ quer se trate do homem, de um animal ou de uma planta __ perece antes de se transformar. Conquistado por dez povos diferentes, o Egito sempre foi seu túmulo. Nenhum deles conseguiu se aclimatar. Gregos, romanos, persas, árabes, turcos etc. nunca deixaram traços de seu sangue. O único tipo que lá se encontra é o do impassível *fellah*, cujos traços reproduzem fielmente aqueles que

os artistas egípcios gravaram, há sete mil anos, nas tumbas e nos palácios dos faraós.

A maior parte das raças históricas da Europa está ainda em vias de formação e é importante saber isso para compreender sua história. Apenas o inglês atual representa uma raça quase inteiramente fixada. Entre eles, o antigo bretão, o saxão e o normando se apagaram para formar um tipo novo bem homogêneo. Na França, ao contrário, o provençal é bem diferente do bretão e o auvernês do normando. No entanto, se não existe ainda um tipo médio do francês, existem pelo menos tipos médios de certas regiões. Esses tipos estão infelizmente ainda muito separados pelas ideias e o caráter. É por isso que é tão difícil encontrar instituições que possam lhes convir igualmente e é apenas através de uma centralização enérgica que é possível lhes dar alguma comunidade de pensamentos. Nossas divergências profundas de sentimentos e de crenças e as reviravoltas políticas que delas decorrem, se devem principalmente a divergências de constituições mentais, que só o futuro poderá, talvez, apagar.

Sempre foi assim quando raças diferentes estiveram em contato. As dissensões e as lutas intestinas sempre foram tão profundas quanto eram diferentes as raças em presença. Quando elas são muito diferentes fica absolutamente impossível conseguir que vivam sob as mesmas instituições e as mesmas leis. A história dos

grandes impérios formados por raças diferentes sempre foi idêntica. Eles desaparecem, na maioria das vezes, com seu fundador. Entre as nações modernas, apenas os holandeses e os ingleses conseguiram impor seu jugo a povos asiáticos muito diferentes deles. Mas só conseguiram isso porque souberam respeitar os hábitos, os costumes e as leis de seus povos, deixando-os, na realidade, se administrarem e limitando seu papel a embolsar uma parte dos impostos, a praticar o comércio e a manter a paz.

Fora essas raras exceções, todos os grandes impérios que reúnem povos dessemelhantes só podem ser criados pela força e estão condenados a perecer pela violência. Para que uma nação possa se formar e durar é preciso que ela seja constituída lentamente, pela mistura gradual de raças pouco diferentes, cruzadas constantemente entre elas, vivendo sobre o mesmo solo, sofrendo a ação do mesmo meio, tendo as mesmas instituições e as mesmas crenças. Essas raças podem então, ao fim de alguns séculos, formar uma nação bem homogênea.

* * *

LIVRO II

Como as características psicológicas dos povos se manifestam nos diversos elementos de suas civilizações.

CAPÍTULO I

Os diversos elementos de uma civilização como manifestação exterior da alma de um povo.

Sumário

Os diversos elementos __ línguas, instituições, ideias, crenças, artes, literatura __ que compõem uma civilização, devem ser considerados como a manifestação exterior da alma das pessoas que os criaram. Mas, segundo as épocas e os povos, a importância desses elementos como expressão da alma de um povo é muito desigual.

Não é de hoje que os livros dedicados às obras de arte repetem que elas traduzem fielmente o pensamento dos povos e são a mais importante expressão de sua civilização.

Sem dúvida que é frequentemente assim, mas essa regra não é absoluta. Não é sempre que as artes correspondem ao desenvolvimento intelectual das nações. Se para certos povos as obras de arte são a mais importante manifestação de sua alma, há outros, muito bem colocados na escala da civilização, em que as artes desempenham um papel bastante secundário. Se estivéssemos condenados a escrever a história da civilização de cada povo, tomando um só elemento, esse elemento deveria variar de um povo a outro. Seriam as artes para uns, mas para outros seriam as instituições, a organização militar, a indústria, o comércio etc., que nos permitiriam melhor conhecê-los. É importante estabelecer primeiro este ponto, pois ele nos permitirá mais tarde compreender porque os diversos elementos da civilização sofreram transformações muito desiguais ao se transmitirem de um povo a outro.

Entre os povos da antiguidade, os egípcios e os romanos apresentam exemplos bem característicos dessa desigualdade no desenvolvimento dos diversos elementos de uma civilização e mesmo nos diversos ramos que compõem esses elementos.

Tomemos primeiro os egípcios. Entre eles, a literatura foi sempre muito fraca, a pintura muito medíocre. A arquitetura e a estatuária produziram, pelo contrário, obras primas. Seus monumentos provocam ainda nossa admiração. As estátuas que eles nos deixaram __ como O Escriba, o Cheik-el-Beled, Rahotep, Nefert-Ari e muitas outras __ seriam ainda modelares hoje em dia e foi somente durante um curto período que os gregos conseguiram superá-los.

Dos egípcios, passemos aos romanos, que desempenharam um papel tão preponderante na história. Eles não sentiram falta nem de educadores, nem de modelos, porque tinham os egípcios e os gregos atrás deles. E, no entanto, eles não conseguiram criar uma arte pessoal. Jamais, talvez, um povo demonstrou menos originalidade em suas produções artísticas. Os romanos se preocupavam muito pouco com as artes, só as olhando sob um ponto de vista utilitário, com uma importância análoga aos outros produtos, como os metais, as ervas aromáticas e as especiarias que encomendavam aos povos estrangeiros. Mesmo quando já eram os senhores do mundo, os romanos não tinham uma arte nacional e mesmo quando, por ocasião da paz universal, a riqueza e as necessidades de luxo desenvolveram um pouco seus fracos sentimentos artísticos, foi sempre à Grécia que eles encomendaram modelos e

artistas. A história da arquitetura e da escultura romanas não passa de um subcapítulo da história da arquitetura e da escultura gregas.

Mas esse grande povo romano, tão inferior em suas artes, elevou ao mais alto grau três outros elementos da civilização. Ele teve instituições militares que lhes asseguraram o domínio do mundo; instituições políticas e judiciárias que ainda copiamos e, por fim, ele criou uma literatura em que a nossa se inspirou durante muitos séculos.

Vemos então, de uma maneira indiscutível, a desigualdade de desenvolvimento dos elementos da civilização, entre duas nações cujo alto grau de civilização não pode ser contestado e podemos pressentir os erros aos quais se exporia quem tomasse por escala delas, um só desses elementos; as artes, por exemplo. Encontramos, entre os egípcios, artes extremamente originais e notáveis, exceto a pintura; uma literatura, ao contrário, muito medíocre. Entre os romanos, artes medíocres, sem traços de originalidade; mas uma literatura brilhante e instituições políticas e militares de primeira ordem.

Mesmo os gregos __ um dos povos que mais manifestaram superioridade nos mais diversos ramos __ podem ser citados igualmente para provar a falta de paralelismo entre o desenvolvimento dos diversos elementos da civilização. Na época homérica,

sua literatura já era muito brilhante e os cantos de Homero ainda são vistos como modelos, com os quais a juventude da Europa está condenada a se saturar há séculos. E, no entanto, a arqueologia moderna provou que, na época que remonta aos cantos homéricos, a arquitetura e a escultura gregas eram grosseiramente bárbaras e se constituíam apenas de disformes imitações do Egito e da Assíria.

Mas são sobretudo os hindus que nos mostrarão essas desigualdades de desenvolvimento dos diversos elementos da civilização. Sob o ponto de vista da arquitetura, bem poucos povos os ultrapassaram. Sob o ponto de vista da filosofia, suas especulações atingiram uma profundidade a qual o pensamento europeu só chegou numa época bem recente. Em literatura eles não valem tanto quanto os gregos e os latinos, mas produziram, no entanto, fragmentos admiráveis. Pela estatuária eles são, ao contrário, medíocres e muito abaixo dos gregos. No domínio das ciências e dos conhecimentos históricos eles são absolutamente nulos e constata-se, entre eles, uma ausência de precisão que não se encontra em nenhum outro povo em tal grau. Suas ciências não passaram de especulações infantis; seus livros de história, absurdas lendas que não registram uma única data e provavelmente um único evento exato. Ainda aqui, o estudo exclusivo das artes seria insuficiente para fornecer o nível de civilização de um povo.

Muitos outros exemplos podem ser fornecidos em apoio a esta tese. Certos povos que jamais ocuparam uma posição superior conseguiram criar uma arte absolutamente pessoal, sem parentesco visível com modelos anteriores. Tais foram os árabes. Menos de um século após terem invadido o velho mundo greco-latino, eles tinham transformado a arquitetura bizantina, adotada por eles no início, até o ponto em que seria impossível descobrir em que tipos eles se inspiraram, se nós ainda não tivéssemos sob os olhos a série de monumentos intermediários.

Até mesmo quando ele não possui nenhuma aptidão artística ou literária, um povo pode criar uma civilização elevada. Tais foram os fenícios, que não tiveram outra superioridade além de sua habilidade comercial. Foi por seu intermédio que se civilizou o mundo antigo e que foram postas todas as suas partes em relação. Mas eles mesmos quase nada produziram e a história de sua civilização é apenas a história de seu comércio.

Por fim, há povos em que todos os elementos da civilização permanecem inferiores, com exceção das artes. Tais foram os mongóis. Os monumentos que eles ergueram na Índia e cujo estilo não tem quase nada de hindu, são tão esplêndidos que alguns dos mais competentes artistas qualificaram como dos mais belos monumentos edificados pela mão humana. E, no entanto, ninguém

poderia pensar em qualificar os mongóis entre os povos superiores.

Destaca-se, aliás, que, mesmo entre os povos mais civilizados, não é sempre na época culminante de sua civilização que as artes atingem o mais alto grau de desenvolvimento. Entre os egípcios e entre os hindus, os monumentos mais perfeitos são geralmente os mais antigos. Na Europa, foi na idade média, vista como uma época de semibarbárie, que floresceu essa maravilhosa arte gótica cujas obras admiráveis jamais foram igualadas.

É, então, totalmente impossível julgar o nível de um povo unicamente pelo desenvolvimento de suas artes. Elas constituem apenas, eu repito, um dos elementos de sua civilização e não está demonstrado, de maneira alguma, que esse elemento __ não mais que a literatura, aliás __ seja o mais elevado. Frequentemente, ao contrário, são os povos colocados à frente da civilização __ os romanos na antiguidade, os americanos de nossos dias __ que possuem as obras artísticas mais fracas. Frequentemente também, como dissemos a pouco, foram nas épocas de semibarbárie que os povos produziram suas obras primas literárias e artísticas; suas obras primas artísticas sobretudo. Parece mesmo que o período de personalidade nas artes, entre um povo, é uma eclosão de sua infância ou de sua juventude e não de sua idade madura. E se considerarmos que, nas preocupações utilitárias do mundo novo, cuja

aurora vislumbramos, o papel das artes é pouco destacado, podemos prever o dia em que serão classificadas entre as manifestações, senão inferiores, pelo menos totalmente secundárias de uma civilização.

*

* *

Muitas razões se opõem a que as artes sigam, em sua evolução, progressos paralelos ao dos outros elementos de uma civilização e possam sempre representar, por consequência, o estado dessa civilização. Quer se trate do Egito, da Grécia ou dos diversos povos da Europa, constatamos essa lei geral em que, assim que atinge um certo nível, ou seja, que certas obras primas sejam criadas, começa imediatamente um período de decadência, totalmente independente do movimento dos outros elementos da civilização. Essa fase de decadência das artes subsiste, até que uma revolução política, uma invasão, a adoção de crenças novas ou qualquer outro fator venha introduzir, nas artes, elementos novos. Foi assim que, na idade média, as cruzadas trouxeram conhecimentos e ideias novas que imprimiram, na arte, um impulso, cujo resultado foi a transformação do estilo romano em estilo ogival. Foi assim ainda, que, alguns séculos mais tarde, o renascimento dos estudos greco-latinos levou à transformação da arte gótica em

arte renascentista. Da mesma forma, na Índia, as invasões muçulmanas levaram à completa transformação da arte hindu.

É importante destacar que, já que as artes traduzem, de uma maneira geral, certas necessidades da civilização correspondentes com certos sentimentos, elas estão condenadas a sofrer transformações de acordo com essas necessidades e mesmo desaparecer inteiramente se as necessidades e os sentimentos que as produziram venham a se transformar ou a desaparecer. Ela não sobreviverá, de maneira alguma, por isso, a uma civilização em decadência. E aqui, mais uma vez, nós percebemos a falta de paralelismo entre a evolução das artes e a evolução dos outros elementos da civilização. Em nenhuma época da história a civilização foi tão elevada quanto hoje em dia e em nenhuma época, talvez, houve arte tão banal e menos original. As crenças religiosas, as ideias e as necessidades que faziam da arte um elemento essencial da civilização e tinham, como santuários, os templos e os palácios, desapareceram. A arte se tornou um elemento acessório, um elemento de decoração ao qual não é possível consagrar nem muito tempo, nem muito dinheiro. Não sendo mais uma necessidade, ela só pode ser artificial e de imitação. Não existem mais povos, hoje em dia, que possuam uma arte nacional e cada um, tanto em arquitetura quanto em escultura, vive de cópias, mais ou menos felizes, de épocas desaparecidas.

Essas modestas cópias representam, sem dúvida, necessidades ou caprichos. Mas é visível que elas não conseguem traduzir nossas ideias modernas. Eu admiro as obras ingênuas de nossos artistas da idade média, apinhadas de santos, do Cristo, do paraíso e do inferno. Coisas absolutamente fundamentais para aquela época e que eram o objetivo principal da existência. Mas, quando pintores que não tem mais essas crenças, cobrem nossas paredes com lendas primitivas ou símbolos infantis, tentando retornar à técnica de uma outra era, eles só produzem miseráveis pastiches, sem interesse para o presente e que o futuro desprezará.

As únicas artes reais, as únicas que traduzem uma época, são aquelas em que o artista representa o que ele sente ou o que ele vê, ao invés de se limitar com imitações de formas que correspondem a necessidades ou a crenças que não temos mais. A única pintura sincera de nossos dias é a reprodução das coisas que nos rodeiam. A única arquitetura igualmente sincera é a da casa com cinco pavimentos, do viaduto e da estação de estrada de ferro. Essa arte utilitária corresponde às necessidades e às ideias de nossa civilização. Ela é tão característica de uma época quanto foram outrora a igreja gótica e o castelo feudal. Para o arqueólogo do futuro, as grandes hospedarias modernas e as igrejas góticas antigas apresentarão um interesse igual porque serão páginas sucessivas desses livros de pedra que cada século deixa atrás de si. Ao

mesmo tempo ele desdenhará, como inúteis documentos, as magras falsificações de tantos artistas modernos.

Cada estética sintetiza o ideal de uma época e de um povo e, como as épocas e os povos são diferentes, o ideal deve constantemente variar. Sob o ponto de vista filosófico, todos os ideais se equivalem, pois constituem apenas símbolos transitórios.

As artes representam, portanto, o mesmo que todos os elementos de uma civilização: a manifestação exterior da alma do povo que as criou. Mas elas estão longe, eu repito, de constituir, para todos os povos, a mais exata manifestação de seu pensamento.

A demonstração era necessária. Pois, pela importância que tem para um povo, um elemento de civilização mede o poder de transformação que esse povo aplica ao mesmo elemento quando ele o toma emprestado de um povo estrangeiro. Se sua personalidade se manifesta sobretudo pelas artes, por exemplo, ele não poderia reproduzir modelos importados sem registrar neles profundamente sua marca. Pelo contrário, ele transformará pouco os elementos que não puderem servir de intérpretes de seu espírito. Quando os romanos adotaram a arquitetura dos gregos, eles não lhe fizeram modificações radicais, porque não foi em seus monumentos que eles colocaram a maior parte de sua alma.

E, no entanto, mesmo em tal povo, desprovido de uma arquitetura pessoal, obrigado a buscar no estrangeiro seus modelos e seus artistas, a arte foi obrigada a sofrer, em poucos séculos, a influência do meio e se tornar, quase apesar dela, a expressão do povo que a adotou. Os templos, os palácios, os arcos de triunfo, os baixos relevos da Roma antiga, são obras de gregos ou de alunos dos gregos. No entanto, o caráter desses monumentos, sua destinação, seus ornamentos, até mesmo suas dimensões, não despertam em nós as lembranças poéticas e delicadas do gênio ateniense, mas a ideia de força, de domínio, de paixão militar, que surge da grande alma de Roma. Assim, mesmo no domínio em que ele se mostra menos original, um povo não pode dar um passo sem deixar algum traço que não pertença a ele e que nos revela alguma coisa de sua constituição mental e de seu pensamento íntimo.

É, com efeito, o artista verdadeiro __ seja arquiteto, literato ou poeta __ que possui a faculdade mágica de traduzir, em suas sínteses, a alma de uma época e de um povo. Muito impressionáveis, muito inconscientes, pensando sobretudo por imagens e raciocinando muito pouco, os artistas são, em certas épocas, os espelhos fieis da sociedade na qual vivem. Suas obras são os mais exatos documentos que se possa invocar para reconstituir uma civilização. Eles são muito inconscientes para não serem sinceros e muito impressionados pelo meio que os rodeia, para não traduzi-

rem fielmente as ideias, os sentimentos, as necessidades e as tendências. Liberdade eles não tem e é isso que faz sua força. Eles estão encerrados numa rede de tradições, de ideias, de crenças, cujo conjunto constitui a alma de um povo e de uma época; a herança de sentimentos, de pensamentos e de inspirações cuja influência é todo-poderosa sobre eles, porque ela governa as regiões obscuras do inconsciente onde se elaboram suas obras. Se não tivéssemos essas obras, nós só saberíamos dos séculos mortos pelo que nos dizem as narrativas absurdas e os arranjos artificiais dos livros de história. O verdadeiro passado de cada povo nos estaria quase tão fechado quanto o da misteriosa Atlântida, submergida pelas ondas, de que nos fala Platão.

Próprio da arte real é então exprimir sinceramente as necessidades e as ideias do tempo que a viu nascer. De todas a linguagens diversas que contam o passado, as obras de arte __ as da arquitetura sobretudo__ são as mais inteligíveis delas. Mais sinceras do que os livros, menos artificiais que as religiões e as línguas, elas traduzem ao mesmo tempo sentimentos e necessidades. O arquiteto é o construtor das casas do homem e dos deuses e foi sempre nos recintos dos templos e dos lares que se elaboraram as causas primeiras dos eventos que constituem a história.

Disso podemos concluir que, se os diversos elementos que compõem uma civilização são a expressão da alma do povo que os

criou, certamente que esses elementos variam segundo os povos e variam também segundo as épocas nesse mesmo povo, traduzindo, muito melhor que outros, a alma de um povo.

Mas, já que a natureza desses elementos varia de um povo a outro, de uma época a outra, é evidente que é impossível encontrar um só que possa servir de medida comum para avaliar o nível das diversas civilizações.

É também impossível estabelecer entre esses elementos uma classificação hierárquica, pois a classificação variaria de um século para outro e mesmo a importância dos elementos considerados varia com as épocas.

Se julgássemos o valor dos diversos elementos de uma civilização sob o ponto de vista da utilidade pura, diríamos que os elementos de civilização mais importantes são aqueles que permitem a um povo subjugar outros, ou seja, as instituições militares. Mas então seria preciso colocar os artísticos, filosóficos e letrados gregos abaixo das pesadas coortes de Roma; os sábios e científicos egípcios abaixo dos persas semibárbaros; os hindus abaixo dos mongois, igualmente semibárbaros.

Com essas distinções sutis a história pouco se preocupa. A única superioridade, diante da qual ela se inclina sempre, é a superioridade militar. Mas isso muito raramente é acompanhado por

uma superioridade correspondente nos outros elementos da civilização ou, no mínimo, não a deixa subsistir muito tempo a seu lado. A superioridade militar não pode infelizmente se enfraquecer num povo, sem que ele logo seja condenado a desaparecer. Foi sempre assim que povos superiores, chegados ao apogeu da civilização, acabam cedendo o lugar a bárbaros muito inferiores a eles pela inteligência, mas que possuem certas qualidades de caráter e de valor guerreiro que as civilizações muito refinadas sempre acabam por destruir.

Seria preciso então chegar à triste conclusão de que são os elementos filosoficamente inferiores de uma civilização que, socialmente, são os mais importantes. Se as leis do futuro tiverem que ser as do passado, poder-se-ia dizer que o mais nocivo para um povo é ter chegado a um grau muito alto de inteligência e de cultura. Os povos perecem assim que se alteram as qualidades de caráter que formam a trama de sua alma e essas qualidades se alteram assim que crescem sua civilização e sua inteligência.

* * *

CAPÍTULO II

Como se transformam as instituições, as religiões e as línguas.

Sumário

Num outro trabalho publicado demonstramos que os povos superiores estão na impossibilidade de fazer aceitar ou de impor sua civilização aos povos inferiores. Pegando um a um dos mais poderosos meios de ação que os europeus dispõem __ a educação, as instituições e as crenças __ demonstramos a impotência absoluta desses meios de ação para mudar o estado social dos povos inferiores. Tentamos estabelecer que todos os elementos de uma civilização correspondem a uma certa constituição mental bem definida criada por um longo passado herdado e que é impossível modificá-los sem mudar a constituição mental de onde derivaram. Apenas os séculos e não os conquistadores podem realizar tal tarefa. Mostramos também que é somente lentamente e através de uma série de etapas sucessivas __ como a que foi transposta pelos bárbaros, destruidores da civilização greco-romana __ que um povo pode se elevar na escala da civilização. Tentar, por meio de uma sábia instrução, evitar essas etapas, é somente desorganizar

sua estrutura mental e levá-lo finalmente a um nível inferior ao que tinha chegado por conta própria.

A argumentação que aplicamos aos povos inferiores é aplicável igualmente aos povos superiores. Se os princípios que expusemos nesta obra são exatos, deveremos constatar que os povos superiores não podem transformar bruscamente sua civilização. Elas também precisam do tempo e das etapas sucessivas. Se parece que povos superiores adotam às vezes crenças, instituições, línguas e artes diferentes da dos seus ancestrais, na realidade, isso só acontece após tê-las transformado lenta e profundamente, de maneira a colocá-las em relação com sua constituição mental.

A história parece contradizer a cada página a proposição precedente. Vê-se muito frequentemente povos mudarem os elementos de sua civilização, adotarem religiões novas, línguas novas, instituições novas. Uns abandonam crenças várias vezes seculares para se converterem ao cristianismo, ao budismo ou ao islamismo; outros transformam sua língua; outros, enfim, modificam radicalmente suas instituições e suas artes. Parece mesmo que basta um conquistador, um apóstolo ou mesmo um simples capricho, para produzir muito facilmente semelhantes transformações.

Mas, ao nos contar essas bruscas revoluções, a história só faz cumprir com uma de suas tarefas habituais: criar e propagar

grandes erros. Quando se estuda de perto todas essas pretensas mudanças, logo se percebe que apenas os nomes das coisas variam, enquanto que as realidades que se ocultam atrás das palavras continuam a viver e só se transformam com uma extrema lentidão.

Para provar e mostrar ao mesmo tempo, como, por detrás de denominações semelhantes, cumpre-se a lenta evolução das coisas, seria preciso estudar os elementos de cada civilização em diversos povos, ou seja, refazer sua história. Essa pesada tarefa eu já tentei em vários volumes e não pensaria em recomeçar aqui. Deixando de lado os numerosos elementos que compõem uma civilização, eu só escolherei, como exemplo, um deles: as artes.

*

* *

Antes de abordar, num capítulo especial, o estudo da evolução das artes que passam de um povo a outro, eu direi algumas palavras sobre as mudanças que sofrem os outros elementos da civilização, a fim de mostrar que as leis aplicáveis a um só dos elementos são aplicáveis a todos e que, se as artes dos povos estão em relação com uma certa constituição mental, as línguas, as instituições, as crenças etc. o são igualmente e, por consequência, não

podem mudar bruscamente e passar indiferentemente de um povo a outro.[7]

É sobretudo no que concerne às crenças religiosas que essa teoria pode parecer paradoxal e é, no entanto, na própria história dessas crenças que se pode encontrar os melhores exemplos a invocar, para provar que é tão impossível para um povo mudar bruscamente os elementos de sua civilização, quanto a um indivíduo mudar sua altura ou a cor de seus olhos.

Sem dúvida que ninguém ignora que todas as grandes religiões __ o bramanismo, o budismo, o cristianismo, o islamismo __ provocaram conversões em massa, em povos inteiros que passaram a adotá-las. Mas, quando se aprofunda um pouco no estudo dessas conversões, constata-se logo que, o que os povos mudaram de fato foi o nome de sua antiga religião e não a religião em si. Na realidade, as crenças adotadas sofreram as transformações necessárias para se colocar em relação com as velhas crenças que elas vieram substituir e das quais foram, na realidade, a simples continuação.

[7] Eu não abordarei aqui o caso do Japão. Seria impossível examiná-lo em algumas páginas. Eu prefiro remeter às judiciosas reflexões que o Sr. Motono, embaixador do Japão em São Petersburgo, publicou na biografia (**Gustave Le Bon et Son Oeuvre**) que ele gentilmente me consagrou.

As transformações sofridas pelas crenças que passam de um povo a outro são, frequentemente, tão consideráveis que a religião recentemente adotada não tem nenhum parentesco visível com aquela que ela guarda o nome. O melhor exemplo nos é fornecido pelo budismo, que, após ter sido levado para a China e o Japão, se tornou tão irreconhecível que os cientistas, a princípio, a tomaram como uma religião independente e levaram muito tempo para reconhecer que era simplesmente o budismo transformado pelo povo que o havia adotado. O budismo chinês não é, de maneira alguma, o budismo da Índia, que é muito diferente do budismo do Nepal, o qual está muito distante do budismo do Ceilão. Na Índia, o budismo não passou de um cisma do bramanismo, que o precedeu e do qual difere, no fundo, muito pouco. Na China, ele foi igualmente um cisma de crenças anteriores às quais ele se liga estreitamente.

Este princípio, rigorosamente demonstrado para o budismo, não o é menos para o bramanismo. Sendo os povos da Índia extremamente diversos, é fácil presumir que, sob nomes idênticos, eles devam ter crenças religiosas extremamente diferentes. Sem dúvida, todos os povos brâmanes consideram Vishnu e Xiva como suas divindades principais e os Vedas como seus livros sagrados. Mas estes deuses fundamentais não deixaram na religião apenas seus nomes e os livros sagrados como texto. Ao lado deles se for-

maram cultos inumeráveis onde se encontram, segundo os povos, as crenças mais variadas: monoteísmo, politeísmo, fetichismo, panteísmo, culto dos ancestrais, dos demônios, dos animais etc. Se fôssemos avaliar os cultos da Índia apenas pelo que dizem os Vedas, não teríamos a mais ligeira ideia dos deuses e das crenças que reinam na imensa península. O título dos livros sagrados é venerado por todos os brâmanes, mas, da religião que esses livros ensinam, fica geralmente nada.

Até mesmo o islamismo, apesar da simplicidade de seu monoteísmo, não escapou a essa lei: há, distante do islamismo da Pérsia, o da Arábia e o da Índia. A Índia, essencialmente politeísta, achou um jeito de tornar politeísta a mais monoteísta das crenças. Para os cinquenta milhões de muçulmanos hindus, Maomé e os santos do Islã são apenas novos deuses acrescentados a milhares de outros. O islamismo não conseguiu nem mesmo estabelecer na Índia a igualdade de todos os homens, que foi, em outros lugares, uma das causas de seu sucesso. Os muçulmanos da Índia praticam, como os outros hindus, o sistema de castas. Em Dekkan, entre as populações dravídicas, o islamismo se tornou tão irreconhecível que mal se pode distingui-lo do bramanismo. Ele não se distinguiria mesmo, de maneira alguma, sem o nome de Maomé e sem a mesquita, onde o profeta, tornado deus, é adorado.

Não há necessidade de ir até à Índia para ver as modificações profundas que sofreu o islamismo ao passar de um povo a outro. Basta olhar nossa grande possessão, a Argélia. Ela contém dois povos bem diferentes __ árabes e berberes __ igualmente muçulmanos. Porém há uma distância entre o islamismo dos primeiros e o dos segundos. A poligamia do Corão se tornou monogamia entre os berberes, cuja religião não passa de uma fusão do islamismo com o velho paganismo que praticavam desde as eras longínquas em que eram dominados por Cartago.

Nem mesmo as religiões da Europa fugiram da lei comum de se transformar segundo a alma dos povos que as adotam. Como na Índia, a letra dos dogmas fixados pelos textos permanece invariável; mas são fórmulas inúteis que cada povo interpreta a sua maneira. Sob a denominação uniforme de cristãos, se encontra na Europa verdadeiros pagãos, como os baixo-bretões adoradores de ídolos; fetichistas, como o espanhol que adora amuletos; politeístas, como os italianos que veneram como divindades as mais diversas madonas de cada vilarejo. Levando o estudo mais além, seria fácil mostrar que o grande cisma religioso da Reforma foi a consequência necessária da interpretação de um mesmo livro por povos diferentes: os do norte querendo discutir eles mesmos suas crenças e regular sua vida; os do sul mantidos bem atrás sob o

ponto de vista da independência e do espírito filosófico. Nenhum exemplo seria mais comprobatório.

Mas são fatos cujo desenvolvimento levaria muito longe. Devemos passar mais rápido ainda por dois outros elementos fundamentais da civilização __ as instituições e as línguas __ cujos detalhes técnicos sairiam dos limites deste trabalho. O que é certo para as crenças o é igualmente para as instituições; elas não podem se transmitir de um povo a outro sem se transformar. Sem querer multiplicar os exemplos, eu peço ao leitor considerar simplesmente o quanto, nos tempos modernos, as mesmas instituições, impostas pela força ou a persuasão, se transformam segundo os povos, mesmo conservando nomes idênticos. Eu mostrarei isso num próximo capítulo, a propósito das diversas regiões da América.

As instituições são, na realidade, a consequência de necessidades sobre as quais a vontade de uma só geração de pessoas não poderia ter ação. Para cada povo e para cada fase da evolução desse povo, existem condições de existência, de sentimentos, de pensamentos, de opiniões, de influências herdadas que implicam em certas instituições e não implicam em outras. As etiquetas governamentais importam muito pouco. Nunca foi dado a um povo escolher as instituições que lhe pareciam as melhores. Se, por um acaso muito raro, lhe é permitido escolhê-las, ele não consegue

mantê-las. As numerosas revoluções e as mudanças sucessivas de constituições, às quais nos dedicamos há um século, constituem uma experiência que deveriam ter fixado há muito tempo a opinião dos políticos sobre este ponto. Eu acredito, aliás, que apenas o obtuso miolo das massas e o estreito pensamento de alguns fanáticos podem ainda preservar a ideia de que mudanças sociais importantes se fazem a golpes de decretos. O único papel útil das instituições é dar uma sanção legal às mudanças que os costumes e a opinião pública acabaram por aceitar. Elas seguem essas mudanças, mas não as precedem. Não é com instituições que se modifica o caráter e o pensamento das pessoas. Não é com elas que se torna um povo religioso ou cético, que se ensina a ele próprio se conduzir ao invés de demandar sem parar ao Estado que lhe forje correntes.

Eu não insistirei muito nas línguas, como não fiz com as instituições. Eu me limitarei a lembrar que, mesmo quando ela está fixada pela escrita, uma língua se transforma necessariamente ao passar de um povo a outro e é isso que torna tão absurda a ideia de uma língua universal. Sem dúvida, menos de dois séculos após a conquista, os gauleses, apesar da imensa superioridade de seu número, tinham adotado o latim. Mas esta língua o povo logo transformou, segundo suas necessidades e a lógica especial de seu espí-

rito. Dessas transformações, nosso francês moderno finalmente saiu.

Povos diferentes não poderiam falar por muito tempo a mesma língua. Os acasos das conquistas e os interesses de seu comércio poderão, sem dúvida, levar um povo a adotar uma língua que não seja a sua materna, mas, em poucas gerações, a língua adotada será inteiramente transformada. A transformação será tão mais profunda quanto o povo que adotou a língua difere daquele que forneceu a língua.

Nós sempre encontraremos línguas diferentes em países onde subsistem povos diferentes. A Índia fornece um excelente exemplo disso. A grande península é habitada por numerosos e diversos povos e não é de se espantar que os cientistas contam duzentos e quarenta línguas. Algumas delas são tão diferentes entre si quanto o grego difere do francês. Duzentos e quarenta línguas, sem falar nos cerca de trezentos dialetos! Entre elas, a mais difundida e moderna __ porque não tem três séculos de existência __ é o hindustão, formada pela combinação do persa e do árabe (que falavam os conquistadores muçulmanos) com o hindi, uma das línguas mais difundidas nas regiões invadidas. Conquistadores e conquistados esqueceram logo sua língua primitiva para empregar a língua nova, adaptada às necessidades do novo povo produzido pelo cruzamento dos diversos povos em presença.

Eu não insistirei mais nisso e sou obrigado a me limitar a indicar as ideias fundamentais. Se eu pudesse entrar nos desenvolvimentos necessários eu iria mais longe e diria que, quando os povos são diferentes, as palavras consideradas por eles como correspondentes, representam modos de pensar e de sentir tão distantes que, na realidade, suas línguas não possuem sinônimos e que a tradução real de uma para a outra é impossível. Compreende-se isso vendo como, com alguns séculos de distância, num mesmo país, num mesmo povo, a mesma palavra corresponde a ideias completamente diferentes.

Apenas as palavras antigas podem representar as ideias das pessoas de antigamente. Após terem sido, em sua origem, signos de coisas reais, elas logo tiveram seus sentidos deformados, após mudanças de ideias, de hábitos e de costumes. Continuamos a pensar que esses signos usados seriam muito difíceis de mudar, mas não há mais nenhuma correspondência entre o que representavam num dado momento e o que significam hoje em dia. Quando se trata de povos muito distantes de nós, pertencentes a civilizações sem analogia com as nossas, as traduções só podem fornecer palavras absolutamente desprovidas de seu sentido real primitivo. Elas despertam, por isso, em nossa mente ideias sem parentesco com aquelas que evocavam outrora. Esse fenômeno é impressionante, sobretudo para as antigas línguas da Índia. Num

povo com ideias flutuantes, cuja lógica não tem nenhum parentesco com a nossa, as palavras jamais tiveram esse sentido preciso e estático que os séculos e a expressão de nosso espírito acabaram por lhes dar na Europa. Há livros, como os Vedas, cuja tradução, inutilmente tentada, é impossível.[8] Penetrar no pensamento de indivíduos com os quais nós não vivemos, com as diferenças de idade, de sexo, de educação que nos separam, já é muito difícil; penetrar no pensamento de povos sobre os quais pesa a poeira de séculos, é uma tarefa que jamais será dada a um cientista conseguir. Toda a ciência que se pode adquire só serve para mostrar a completa inutilidade de tais tentativas.

Por mais breves e pouco desenvolvidos que sejam os exemplos acima, eles bastam para mostrar o quanto são profundas as transformações que os povos provocam nos elementos de civilização que eles absorvem. A absorção parece frequentemente considerável, porque os nomes, com efeito, mudam bruscamente; mas é sempre, na realidade, mínimo. Com os séculos, graças aos lentos trabalhos das gerações e após adições sucessivas, o elemento absorvido acaba por diferir muito do elemento ao qual ele substituiu no início. Dessas variações sucessivas, a história, que se prende

[8] Falando das numerosas tentativas de tradução dos Vedas, um eminente indianista, o Sr. Barth, afirma: “Um resultado se destaca de todos esses estudos tão diversos e, às vezes, tão contraditórios. Eu quero dizer nossa impotência em traduzir esses documentos, no verdadeiro sentido da palavra”.

sobretudo pelas aparências, pouco se dá conta e, quando ela nos diz, por exemplo, que um povo adotou uma religião nova, nós não evocamos imediatamente em nossas mentes, de maneira alguma, as crenças que foram adotadas realmente, mas a religião tal como nós a conhecemos hoje. É preciso penetrar no estudo íntimo dessas lentas adaptações para compreender sua gênese e captar as diferenças que separam as palavras das realidades.

A história das civilizações é composta portanto de adaptações sucessivas, de pequenas transformações acumuladas. Se estas últimas nos parecem súbitas e consideráveis, é porque, como na geologia, suprimimos as fases intermediárias para só visar as fases extremas.

Na realidade, por mais inteligente e bem dotado que se possa considerar um povo, sua capacidade de absorção de um elemento novo de civilização é sempre muito restrita.

As células cerebrais não assimilam em um dia o que foi necessário séculos para ser criado e ser adaptado aos sentimentos e às necessidades de organismos diferentes. Apenas lentas acumulações herdadas permitem tais assimilações. Quando estudarmos mais além a evolução das artes no povo mais inteligente da antiguidade __ os gregos __ veremos que ele precisou de séculos para sair das grosseiras cópias dos modelos da Assíria e do Egito e

chegar, de etapa em etapa sucessivas, às obras primas que a humanidade ainda admira.

E, no entanto, todos as nações que se sucederam na história __ com exceção de alguns povos primitivos, como os egípcios e os caldeus __ só tiveram que assimilar e transformar, segundo sua constituição mental, os elementos que constituíam a herança do passado. O desenvolvimento das civilizações teria sido infinitamente mais lento e a história dos diversos povos teria sido um eterno recomeço, se eles não tivessem podido aproveitar as evoluções elaboradas antes deles. As civilizações criadas há sete ou oito mil anos pelos habitantes do Egito e da Caldeia, formaram uma fonte de materiais de onde todas as nações vieram se servir, uma após outra. As artes gregas nasceram das artes criadas nas bordas do Tigre e do Nilo. Do estilo grego saiu o estilo romano que, misturado com influências orientais, deu nascimento aos estilos bizantino, românico e gótico. Estilos variáveis segundo o espírito e a era dos povos onde nasceram. Mas estilos que tiveram uma origem comum.

O que dizemos das artes é aplicável a todos os elementos de uma civilização: instituições, línguas e crenças. As línguas europeias derivam de uma língua mãe outrora falada no platô central da Ásia. Nosso direito é filho do direito romano, que é filho de direitos anteriores. A religião judia deriva diretamente das crenças

caldeias. Associada a crenças arianas, ela se tornou a grande religião que rege os povos do Ocidente há dois mil anos. Mesmo nossas ciências não seriam o que são hoje sem o trabalho lento dos séculos. Os grandes fundadores da astronomia moderna __ Copérnico, Kepler, Newton __ ligam-se a Ptolomeu, cujos livros serviram ao ensino até o século XV. E Ptolomeu se liga, pela escola de Alexandria, aos egípcios e aos caldeus. Vemos assim, apesar das formidáveis lacunas em que a história das civilizações está cheia, uma lenta evolução de nossos conhecimentos que nos faz remontar, através das eras e dos impérios, até a aurora dessas antigas civilizações, que a ciência moderna tenta hoje em dia ligar aos tempos primitivos em que a humanidade não tinha história. Mas se a fonte é comum, as transformações __ progressivas ou regressivas __ que cada povo, segundo sua constituição mental, promove nos elementos absorvidos, são muito diversas. E é a própria história dessas transformações que constitui a história das civilizações.

*

* *

Nós constatamos que os elementos fundamentais que compõem uma civilização são característicos de um povo, eles representam o resultado, a expressão mesma de sua estrutura mental e

eles não podem, por consequência, passar de um povo a outro sem sofrer mudanças bem profundas. Vimos também que o que limita a extensão dessas mudanças é, por um lado, as necessidades linguísticas que nos obrigam a designar, sob palavras idênticas, coisas bem diferentes; e, por outro lado, as necessidades históricas que nos levam a só olhar as formas extremas de uma civilização, sem considerar as formas intermediárias. Estudando, no próximo capítulo, as leis gerais da evolução das artes, poderemos mostrar, com mais precisão ainda, a sucessão das mudanças que se operam sobre os elementos fundamentais de uma civilização quando eles passam de um povo a outro.

* * *

CAPÍTULO III

Como se transformam as artes.

Sumário

Ao examinar os laços que ligam a constituição mental de um povo, suas instituições, suas crenças e sua língua, eu devo me limitar a breves indicações. Elucidar tais assuntos demandaria vários volumes.

No que diz respeito às artes, uma exposição clara e precisa é infinitamente mais fácil. Uma instituição, uma crença são coisas de definição duvidosa, de interpretação obscura. É preciso buscar as realidades __ cambiantes em cada época __ que se escondem atrás dos textos mortos; dedicar-se a todo um trabalho de argumentação e de crítica, para chegar a conclusões finalmente contestáveis.

As obras de arte, os monumentos sobretudo, são, ao contrário, nitidamente definidas e de fácil interpretação. Os livros de pedra são os mais luminosos dos livros, os únicos que não mentem jamais e, por esta razão, eu lhes dei um lugar preponderante em minhas obras sobre a história das civilizações do Oriente. Eu sempre tive a maior desconfiança dos documentos literários. Eles

enganam frequentemente e instruem raramente. O monumento engana pouco e instrui sempre. É ele que melhor guarda o pensamento dos povos mortos. É de se lastimar a cegueira mental dos especialistas que só buscam inscrições.

Estudemos então agora como as artes são a expressão da constituição mental de um povo e como elas se transformam ao passar de uma civilização para outra.

Neste exame eu me ocuparei apenas das artes orientais. A gênese e a transformação das artes europeias foram submetidas a leis idênticas, mas, para mostrar sua evolução nos diversos povos, é preciso entrar em detalhes que não caberiam no quadro restrito deste estudo.

Tomemos primeiro as artes do Egito e vejamos no que elas se transformaram ao passarem para três povos diferentes: os nativos da Etiópia, os gregos e os persas.

De todas as civilizações que floresceram na superfície do globo, foi a do Egito a mais completamente traduzida em suas artes.

As artes egípcias __ a arquitetura sobretudo __ surgiram de um ideal particular que, durante cinquenta séculos, foi a preocupação constante de todo um povo. O Egito sonhou em criar para o homem uma residência imperecível em face de sua existência e-

fêmera. Esse povo, ao contrário de tantos outros, desprezou a vida e cortejou morte. O que lhe interessava acima de tudo era a múmia inerte que, com seus olhos de esmalte incrustados em sua máscara de ouro, contemplava eternamente, no fundo de sua negra residência, hieróglifos misteriosos. Ao abrigo de toda profanação em sua casa sepulcral, vasta como um palácio, essa múmia encontrava, pintada e esculpida nas paredes de corredores sem fim, o que a tinha encantado durante sua breve existência terrestre.

A arquitetura egípcia era acima de tudo uma arquitetura funerária e religiosa que tinha, mais ou menos por alvo, a múmia e os deuses. Para eles se escavava subterrâneos, se erguiam os obeliscos, os postes, as pirâmides. Para eles ainda, se ergueram os colossos pensativos em seus tronos de pedra, com um gesto tão majestoso e tão doce.

Tudo é estável e maciço nessa arquitetura, porque ela visava ser eterna. Se os egípcios fossem o único povo da antiguidade conhecido por nós, poderíamos bem dizer, com efeito, que a arte constitui a mais fiel expressão da alma do povo que a criou.

Povos muito diferentes uns dos outros __ os etíopes, povo inferior; os gregos e os persas, povos superiores __ tomaram emprestado __ seja do Egito apenas, seja do Egito e da Assíria __ suas artes. Vejamos no que elas se tornaram em suas mãos.

Tomemos primeiro o mais inferior dos povos citados: os etíopes.

Sabe-se que, numa época muito avançada da história egípcia (XXIV dinastia), os povos do Sudão se aproveitaram da anarquia e da decadência do Egito, se apoderaram de algumas de suas províncias e fundaram um reino que teve sucessivamente Napata e Méroé como capitais e conservou sua independência durante vários séculos. Deslumbrados com a civilização dos vencidos, eles tentaram copiar seus monumentos e suas artes. Mas essas cópias, que possuímos alguns exemplares, são, na maioria das vezes, grosseiros esboços. Esses nativos eram bárbaros condenados por sua inferioridade cerebral a jamais sair da barbárie. E, mesmo com a ação civilizadora continuada dos egípcios, durante séculos, eles jamais saíram dela. Não há exemplo na história antiga ou moderna de uma população negra que tenha se elevado até um certo nível de civilização. Todas as vezes que __ por um acidente (como na antiguidade, a Etiópia; em nossos dias, o Haiti) __ uma civilização elevada caiu nas mãos de um povo negro, essa civilização foi rapidamente conduzida a formas inferiores.

Numa latitude bem diferente, um outro povo __ igualmente bárbaro, mas branco, os gregos __ pegou emprestado do Egito e da Assíria os primeiros modelos de suas artes e se limitou, a princípio, também ele, com disformes cópias. Os produtos das artes

dessas duas grandes civilizações lhe foram fornecidos pelos fenícios __ mestres das rotas marítimas que ligavam as costas do Mediterrâneo __ e pelos povos da Ásia Menor __ mestres das rotas terrestres que levavam até Nínive e à Babilônia.

Sabe-se a que grau os gregos acabaram por se elevar acima de seus modelos. Mas as descobertas da arqueologia moderna provaram o quanto foram grosseiros os primeiros esboços e quanto tempo levaram para chegar a produzir as obras primas que os tornaram imortais. Com essa pesada tarefa de criar uma arte original e superior, com uma arte estrangeira, os gregos gastaram setecentos anos. Mas os progressos realizados no último século são mais consideráveis do que o de todas as eras anteriores. O esforço mais prolongado para um povo não é, com efeito, superar as etapas superiores da civilização, mas suas etapas inferiores. Os mais antigos produtos da arte grega __ os do tesouro de Micenas, do século XII, antes da nossa __ indicam tentativas totalmente bárbaras e disformes cópias de objetos orientais. Seis séculos mais tarde, a arte ainda permanece oriental. O Apolo de Ténéa e o Apolo de Orchomène parecem singularmente estátuas egípcias. Mas os progressos vão se tornar muito rápidos e, apenas um século após, chegamos a Phidias e às maravilhosas estátuas do Parthenon, ou seja, a uma arte descolada de suas origens orientais e muito superior aos modelos que a inspiraram durante tanto tempo.

A mesma observação se aplicará à arquitetura, se bem que as etapas de sua evolução sejam menos fáceis de estabelecer. Ignoramos o que poderiam ser os palácios dos herois homéricos, do século IX antes da nossa era, mas as paredes de bronze, os tetos brilhantes de cores, os animais de ouro e de prata que guardam as portas, de que nos fala o poeta, fazem imediatamente pensar nos palácios assírios revestidos de placas de bronze e de tijolos esmaltados e guarnecidos por touros esculpidos. Sabemos, em todo caso, que o tipo mais antigo de coluna dórica grega, que parecem remontar ao século VII, se encontra no Egito, em Karnak e em Béni-Hassan; que a coluna jônica tem várias partes tomadas emprestado da Assíria; mas sabemos também que, desses elementos estrangeiros __ um pouco superpostos a princípio, depois fundidos e por fim transformados __ nasceram colunas novas, muito diferentes de seus primitivos modelos.

Numa outra extremidade do mundo antigo, a Pérsia vai nos oferecer uma evolução que não pôde chegar a seu termo, porque foi bruscamente interrompida pela conquista estrangeira. A Pérsia não teve sete séculos, como a Grécia, para criar uma arte. Um único povo, os árabes, conseguiu, até aqui, fazer desabrochar uma arte original num tempo tão curto.

A história da civilização persa só começa com Ciro e seus sucessores, que chegaram, cinco séculos antes da nossa era, a se

apoderar da Babilônia e do Egito, ou seja, dos dois grandes centros de civilização cuja glória iluminava então o mundo oriental. Os gregos, que deveriam dominá-lo, por sua vez, não contavam ainda. O império persa se tornou o centro da civilização até que, trezentos anos antes de Cristo, foi derrubado por Alexandre, que desloca no mesmo golpe o centro da civilização.

Não possuindo nenhuma arte, os persas, após terem se apoderado do Egito e da Babilônia, lhes tomaram emprestado artistas e modelos. Seu poder não durou mais do que dois séculos e eles não tiveram tempo para modificar profundamente essas artes. Mas, no momento de sua queda, eles já começavam a transformá-las. As ruínas de Persépolis, ainda de pé, nos contam a gênese dessas transformações. Nelas encontramos sem dúvida a fusão, ou melhor, a superposição das artes do Egito e da Assíria, misturadas com alguns elementos gregos. Mas elementos novos, particularmente a alta coluna persepolitana com capitéis bicéfalos, já mostram e permitem pressentir que se o tempo não tivesse sido restrito para os persas, esse povo superior teria criado uma arte original, tão elevada quanto a dos gregos.

Temos a prova disso quando encontramos os monumentos da Pérsia uma dezena de séculos mais tarde. A dinastia dos Aquemênidas, derrubada por Alexandre, foi sucedida pelos Selêucidas, depois pela dos Arsácides e por fim pela dos Sassânidas, der-

rubada no século VII pelos árabes. Com eles a Pérsia adquire uma arquitetura nova e os monumentos que ela edificou desde então apresentou um estilo de originalidade incontestável, resultante da combinação da arte árabe e da antiga arquitetura dos Aquemênidas, modificada pela mistura com a arte helenizante dos Arsácides (portais gigantescos que tomam toda a altura da fachada, tijolos esmaltados, arcadas ogivais etc.). Foi essa nova arte que os mongóis levaram para a Índia e a modificaram por sua vez.

Os exemplos acima nos mostram as variedades das transformações que um povo pode produzir nas artes de um outro, segundo a cultura e segundo o tempo que durou sua influência.

Num povo inferior como os etíopes, que possuía muitos séculos atrás de si, mas uma capacidade cerebral insuficiente, vemos que a arte tomada de empréstimo foi conduzida a uma forma inferior. Entre os gregos, povo ao mesmo tempo evoluído e dedicado a ela vários séculos, nós constatamos uma transformação completa da arte antiga em uma arte nova superior. Num outro povo, os persas, menos evoluído que os gregos e com tempo escasso, nós encontramos apenas uma grande habilidade de adaptação e de começos de transformação.

Mas, fora desses exemplos, a maior parte distantes, há outros muito mais modernos, cujos exemplares mantidos ainda no

seu início, mostram a grandeza das transformações que um povo é obrigado a produzir nas artes que ele toma emprestado. Esses exemplos são tão mais típicos quanto se trata de povos que professam a mesma religião, mas com origens diferentes. Eu quero falar dos muçulmanos.

Quando, no século VII de nossa era, os árabes se apoderaram da maior parte do velho mundo greco-romano e fundaram um gigantesco império que se estendeu em pouco tempo da Espanha ao centro da Ásia, se alongando até o norte da África, eles se viram diante de uma arquitetura nitidamente definida: a arquitetura bizantina. Eles simplesmente a adotaram no início, tanto na Espanha, quanto no Egito e na Síria, para a edificação de suas mesquitas. A mesquita de Omar, em Jerusalém, a de Amrou, no Cairo e outros monumentos ainda de pé, nos mostram essa adaptação. Mas ela não dura muito tempo e se vê os monumentos se transformarem de país a país e de século a século. Em nosso **La Civilisation des Arabes** estudamos a gênese dessas mudanças. Elas são tão consideráveis que, entre um monumento do início da conquista, como a mesquita de Amrou, no Cairo (742) e a de Kait-Bey (1468), do fim do grande período árabe, não há nenhum traço de semelhança. Mostramos, pelas nossas explicações e nossas figuras que, nos diversos países submetidos à lei do Islã __ Espanha, África, Síria, Pérsia, Índia __ os monumentos apresentam

diferenças tais que é realmente impossível classificá-los sob uma mesma denominação, como se pode fazer, por exemplo, para os monumentos góticos, que, apesar de sua variedade, oferecem uma evidente analogia.

Essas diferenças radicais na arquitetura dos países muçulmanos não podem ser creditadas à diversidade de crenças, já que a religião é a mesma; elas se devem às divergências culturais, que influem sobre a evolução das artes tão profundamente quanto sobre os destinos dos impérios.

Se essa afirmativa é exata, devemos nos ater a encontrar num mesmo país, habitado por povos diferentes, monumentos bem diferentes, apesar da identidade das crenças e a unidade do domínio político. É precisamente o que se pode observar na Índia. É fácil encontrar exemplos que justificam os princípios gerais expostos nesta obra e aos quais eu volto sempre. A grande península constitui o mais sugestivo e o mais filosófico dos livros de história. Ela representa hoje, com efeito, o único país onde, pela simples mudança de região, é possível se deslocar no tempo e ver ainda vivas as séries de etapas sucessivas que a humanidade teve que percorrer para atingir os níveis superiores da civilização. Todas as formas de evolução ali se encontram: a idade da pedra tem seus representantes, a era da eletricidade e a do vapor igualmente.

Em nenhum outro lugar se poderia ver melhor o papel dos grandes fatores que presidem a gênese e a evolução das civilizações.

Foi aplicando os princípios desenvolvidos na presente obra que eu tentei resolver um problema pesquisado há muito tempo: a origem das artes da Índia. Sendo o assunto muito pouco conhecido e constituindo uma verificação interessante de nossas ideias sobre a psicologia dos povos, vamos resumir aqui as linhas mais essenciais.[9]

Sob o ponto de vista das artes, a Índia só aparece muito tarde na história. Seus mais velhos monumentos, como as colunas de Asoka, os templos de Karli, de Bharhut, de Sanchi etc., são apenas dez séculos anteriores à nossa era. Quando eles foram construídos, a maior parte das velhas civilizações do mundo antigo __ as do Egito, da Pérsia, da Assíria e mesmo a da Grécia __ já tinham terminado seu ciclo e penetrado na noite da decadência. Uma única civilização, a de Roma, substituiu todas as outras. O mundo não conheceu mais do que um senhor.

A Índia, que emergiu tão tarde da sombra da história, pôde então pegar emprestado muitos elementos das civilizações anterio-

[9] Para os detalhes técnicos que não poderiam ser fornecidos aqui eu encaminho para minha obra **Les Monuments de l'Inde**, ilustrado segundo minhas fotografias, plantas e desenhos (Librairie Didot). Muitas dessas pranchas, reduzidas, foram publicadas em meu livro **Les Civilisations de l'Inde**, em 4 de 800 páginas.

res; mas com o isolamento profundo __ ou recente embora, que se admita __ com que ela sempre viveu e a espantosa originalidade de seus monumentos, sem parentesco visível com todos aqueles que os precederam, fizeram descartar há muito tempo qualquer hipótese de empréstimos estrangeiros.

Ao lado de sua incontestável originalidade, os primeiros monumentos da Índia revelam também uma superioridade de execução que, durante séculos, não foram superados. Obras com uma tal perfeição teriam sido precedidas, sem dúvida, por longas tentativas anteriores; mas, apesar das mais minuciosas pesquisas, nenhum esboço, nenhum monumento de ordem inferior exibe os traços dessas tentativas.

A descoberta recente, em algumas regiões isoladas do noroeste da península, de fragmentos de estátuas e de monumentos reveladores de influências gregas evidentes fez os indianistas acreditarem que a Índia sofreu influência artística da Grécia.

A aplicação dos princípios precedentemente expostos e o exame aprofundado da maior parte dos monumentos existentes ainda na Índia nos conduzem a uma solução totalmente contrária. A Índia, na nossa opinião, apesar do contato acidental com a civilização grega, não sofreu influência em nenhuma de suas artes e não poderia ter sofrido essa influência. Os dois povos em presença

eram muito diferentes, seus pensamentos eram diferentes, seus gênios artísticos muito incompatíveis para que eles se influenciassem.

O exame dos antigos monumentos disseminados na Índia mostra imediatamente que entre suas artes e a dos gregos não há nenhum parentesco. Enquanto que nossos monumentos europeus são plenos de elementos tomados da arte grega, os da Índia não apresentam de maneira alguma nenhum deles. O estudo mais superficial mostra que estamos em presença de povos extremamente diferentes e que jamais houve, talvez, gênios mais dessemelhantes __ eu diria mesmo antipáticos __ que o gênio grego e o gênio hindu.

Essa noção geral só se acentua, quanto mais se penetra no estudo dos monumentos da Índia e na psicologia íntima dos povos que os criaram. Constata-se logo que o gênio hindu é muito pessoal para sofrer uma influência estrangeira distanciada de seu pensamento. Essa influência estrangeira pode ser imposta, sem dúvida, mas, por mais prolongada que se suponha, ela permanece absolutamente superficial e transitória. Parece que entre a constituição mental dos diversos povos da Índia e o dos outros povos, existem barreiras tão altas quanto os obstáculos formidáveis estabelecidos pela natureza entre a grande península e os outros países do globo. O gênio hindu é tão especial que, qualquer que seja o obje-

to cuja necessidade lhe impõe a imitação, esse objeto é imediatamente transformado e se torna hindu. Mesmo na arquitetura, onde é mais difícil dissimular as influências, a personalidade desse bizarro gênio, sua capacidade de deformações se revela com evidência. Pode-se muito bem fazer com que uma coluna grega seja copiada por um arquiteto hindu, mas nada o impedirá de transformar rapidamente essa coluna, que um exame superficial a qualificará de hindu. Mesmo em nossos dias, em que a influência europeia é tão poderosa na Índia, tais transformações se observam diariamente. Dê a um artista hindu um modelo europeu qualquer para copiar, ele adotará a forma geral, mas exagerará algumas partes, multiplicará, deformando, os detalhes de ornamentação e a segunda ou a terceira cópia estará desprovida de qualquer característica ocidental, para se tornar exclusivamente hindu.

A característica fundamental da arquitetura hindu __ e essa característica também se encontra na literatura, parente próxima, por isso, da arquitetura __ é um exagero transbordante, uma riqueza infinita de detalhes, uma complicação que representa precisamente a antípoda da simplicidade correta e fria da arte grega. É sobretudo estudando as artes da Índia que se dá conta a que ponto as artes plásticas de um povo estão, na maioria das vezes, em relação com sua constituição mental e formam a mais clara das linguagens, para quem sabe interpretá-las. Se os hindus estivessem,

como os assírios, inteiramente desaparecidos da história, os baixorrelevos de seus templos, suas estátuas, seus monumentos, bastariam para nos revelar seu passado. O que eles nos diriam, acima de tudo, é que o espírito metódico e claro dos gregos jamais conseguiu exercer uma ação durável sobre a imaginação transbordante e sem método dos hindus. Eles nos fariam compreender porque a influência grega na Índia foi transitória e limitada à região onde ela foi momentaneamente imposta.

O estudo arqueológico dos monumentos nos confirma, com documentos precisos, o que o conhecimento geral da Índia e do espírito hindu revela imediatamente. Ele nos levou a constatar o fato curioso que, várias vezes e particularmente durante os dois primeiros séculos de nossa era, soberanos hindus, em relação com os reis arsácidas da Pérsia, cuja civilização era plena de helenismo, quiseram introduzir a arte grega na Índia, mas nunca conseguiram fazer com que sobrevivesse.

Essa arte emprestada, oficial e sem correspondência com o pensamento do povo importador, desaparecia sempre com as influências políticas que a fizeram nascer. Ela era, aliás, muito antipática ao gênio hindu para exercer __ mesmo durante o período em que foi imposta __ qualquer ação sobre a arte nacional. Não se encontra, de fato, nos monumentos hindus contemporâneos ou posteriores __ como os numerosos templos subterrâneos __ traços

de reminiscências gregas. Elas seriam, por outro lado, muito fáceis de discernir para serem ignoradas. Fora do conjunto (sempre característicos), certos detalhes técnicos (o trabalho de tecelagem, particularmente) revelam imediatamente a mão de um artista grego.

O desaparecimento da arte grega na Índia foi tão súbito quanto sua aparição e mesmo essa subtaneidade mostra a que ponto ela constitui uma arte importada, oficialmente imposta, mas sem afinidade com o povo que devia aceitá-la. Não é sempre assim que desaparecem as artes num povo. Elas se transformam e a arte nova sempre deixa algum traço. Chegada bruscamente na Índia, após as invasões, a arte grega desapareceu bruscamente e exerceu uma influência tão fraca quanto os monumentos europeus que os ingleses constroem há dois séculos.

A ausência atual de influência das artes europeias na Índia, apesar de cem anos de domínio absoluto, pode ser comparada à pouca ação das artes gregas há dezoito séculos. Não se pode negar aqui uma incompatibilidade de sentimentos estéticos, pois as artes muçulmanas, tão estrangeiras na Índia quanto as artes europeias, foram imitadas em todas as partes da península. Mesmo naquelas regiões em que os muçulmanos jamais tiveram qualquer poder é raro encontrar um templo que não contenha algum motivo ornamental árabe. Sem dúvida, como nos tempos longínquos do rei

Kanisha, vemos hoje rajás __ como o de Gwalior __ seduzidos pelo poder dos estrangeiros, mandarem construir palácios europeus em estilo greco-latino, mas __ como no tempo de Kanisha __ essa arte oficial, superposta à arte nativa, é totalmente sem influência sobre esse povo.

A arte grega e a arte hindu, portanto, sobreviveram outrora lado a lado, como a arte europeia e a arte hindu hoje em dia, mas sem jamais se influenciar. No que concerne aos monumentos da Índia propriamente dita, não há um só que se possa dizer que apresente, em seu conjunto ou nos detalhes, uma analogia qualquer, por mais longínqua que seja, com um monumento grego.

Essa impotência da arte grega para se implantar na Índia tem qualquer coisa de espantoso e é preciso atribuir isso à incompatibilidade que assinalamos entre a alma dos dois povos e não a um tipo de incapacidade nativa da Índia em assimilar a arte estrangeira, pois ela soube perfeitamente assimilar e transformar as artes que estavam em relação com sua constituição mental.

Os documentos arqueológicos que pudemos reunir mostram, com efeito, que foi a Pérsia que forneceu à Índia a origem de suas artes. Não a Pérsia helenizada do tempo dos Arsácidas, mas a Pérsia herdeira das velhas civilizações da Assíria e do Egito. Sabe-se que, em 330 AC, quando Alexandre derrubou a dinastia dos reis

Aquemênidas, os persas já possuíam há dois séculos uma civilização brilhante. Eles não tinham encontrado, sem dúvida, a fórmula de uma arte nova, mas, com a mistura das artes egípcias e assírias que herdaram, chegaram a produzir obras notáveis. Podemos avaliar isso pelas ruínas ainda de pé de Persépolis. Lá, os postes do Egito, os touros alados da Assíria e mesmo alguns elementos gregos mostram que, nessa região limitada da Ásia, se encontram em presença todas as artes das grandes civilizações anteriores.

Foi na Pérsia que a Índia se inspirou, mas ela foi buscar, na verdade, nas artes da Caldeia e do Egito o que a Pérsia tinha se limitado a copiar.

O estudo dos monumentos da Índia revela quais foram suas influências em sua origem, mas, para se constatar essas influências, é preciso se dirigir aos monumentos mais antigos. A alma hindu é tão especial que as coisas tomadas de empréstimo sofrem, para se adaptar às suas concepções, transformações suficientes para torná-las irreconhecíveis.

Porque a Índia, que se mostrou tão incapaz de absorver qualquer coisa da Grécia, ao contrário, absorveu tão facilmente a Pérsia? É evidente que as artes da Pérsia estavam em relação com a estrutura de seu espírito, enquanto que as artes gregas não estavam, de maneira alguma. As formas simples, as superfícies pouco

ornamentadas dos monumentos gregos, não poderiam convir ao espírito hindu, enquanto que as formas atormentadas, a exuberância da decoração, a riqueza de ornamentação dos monumentos da Pérsia deviam seduzi-la.

Não foi, aliás, apenas nessa época distante, anterior à nossa era, que a Pérsia, representante do Egito e da Assíria, exerceu, através de suas artes, sua influência sobre a Índia. Quando, muitos séculos mais tarde, os muçulmanos apareceram na península, sua civilização, durante sua passagem pela Pérsia, foi profundamente saturada de elementos persas. E o que ela levou para a Índia, foi uma arte sobretudo persa, ainda impregnada do traço das velhas tradições assírias, continuadas pelos reis aquemênidas. As portas gigantescas das mesquitas e sobretudo os tijolos esmaltados que as recobrem, são vestígios da civilização caldeu-assíria. Essas artes a Índia soube assimilar porque estavam em relação com o gênio de seu povo, enquanto que a arte grega daquela época e a arte europeia de hoje, profundamente antipáticas pelo seu jeito de sentir e de pensar, ficam sempre sem influência sobre ela.

Não é então à Grécia, como sustentam ainda alguns arqueólogos, mas ao Egito e à Assíria __ por intermédio da Pérsia __ que a Índia se liga. A Índia não tomou nada da Grécia, mas as duas tiveram as mesmas fontes __ esse tesouro comum, fundamento de todas as civilizações elaboradas durante séculos: os povos do Egi-

to e da Caldeia. A Grécia os absorveu por intermédio dos fenícios e dos povos da Ásia Menor. A Índia, por intermédio da Pérsia. As civilizações da Grécia e da Índia remontam assim a uma fonte comum. Todavia, nesses dois países, as correntes vindas dessa fonte foram logo __ segundo o gênio de cada povo __ profundamente separadas.

Mas se, como dissemos, a arte está em relação íntima com a constituição mental do povo e se, por essa razão, a mesma arte importada por povos diferentes se reveste logo de formas diferentes, devemos esperar que a Índia, habitada por povos tão diversos, possua artes distintas e estilos de arquitetura sem semelhança, apesar da identidade de crenças.

O exame dos monumentos das diversas regiões da Índia mostra a justeza desse princípio. As diferenças entre os monumentos são mesmo tão profundas que podemos classificá-los por regiões, ou seja, segundo o povo e, de maneira alguma, de acordo com a religião a qual pertencem os povos que os construíram. Não há nenhuma analogia entre os monumentos do norte da Índia e os do sul, erguidos na mesma época por povos que professavam, no entanto, uma religião semelhante. Mesmo durante o domínio muçulmano, período em que a unidade política da Índia foi a mais completa e a influência do poder central muito grande, os monumentos puramente muçulmanos apresentam diferenças profundas

de uma região para a outra. Uma mesquita de Ahmedabad, uma mesquita de Lahore, uma mesquita de Agra, uma mesquita de Bijapour, consagradas ao mesmo culto, apresentam apenas um pequeno parentesco. Parentesco muito menor do que o que liga um monumento da Renascença ao do período gótico.

Não é apenas a arquitetura que difere na Índia, de um povo a outro. A estatuária varia igualmente nas diversas regiões, não apenas pelos tipos representados, mas sobretudo pela maneira com que são tratados. Compare-se os baixorrelevos ou as estátuas de Sanchi com os de Bharhut, quase contemporâneos. A diferença é clara. Ela se acentua quando se compara as estátuas e os baixorrelevos da província de Orissa com os de Bundelkund. Ou as estátuas de Mysore com os grandes pagodes do sul da Índia. A influência da cultura se revela por todo lado. Ela aparece nos menores objetos artísticos. Ninguém ignora o quanto eles diferem de uma parte da Índia a outra. Não é preciso um olho treinado para reconhecer um estojo de madeira esculpida de Mysore e um outro esculpido em Guzrat. Nem para distinguir uma joia da costa de Orissa e uma joia da costa de Bombay.

Sem dúvida, a arquitetura da Índia é, como a de todos os orientais, uma arquitetura principalmente religiosa. Mas, por maior que seja a influência religiosa __ no Oriente, sobretudo __ a influência da cultura é muito mais considerável.

A alma do povo, que dirige seus destinos, dirige também suas crenças, suas instituições e suas artes. Qualquer que seja o elemento de civilização estudado, nós a encontramos sempre. Ela é o único poder contra o qual nenhum outro conseguiria prevalecer. Ela representa o peso de centenas de gerações, a síntese de seu pensamento.

* * *

LIVRO III

A história dos povos como consequência de seu caráter.

CAPÍTULO I

Como as instituições derivam das almas dos povos.

Sumário

A história, em suas grandes linhas, pode ser considerada como a simples exposição dos resultados produzidos pela constituição psicológica dos povos. Ela decorre dessa constituição, como os órgãos respiratórios dos peixes decorrem de sua vida aquática. Sem o conhecimento prévio da constituição mental de um povo, sua evolução se torna um caos de acontecimentos que parecem só ter o acaso como senhor. Quando a alma de um povo nos é conhecida, sua vida se mostra, pelo contrário, a consequência regular e fatal de suas características psicológicas. Em todas as manifestações de existência de uma nação, encontramos sempre a alma imutável do povo traçando seu próprio destino.

É sobretudo nas instituições políticas que se exprime mais visivelmente a soberania poderosa da alma do povo. Alguns exemplos provarão isso facilmente.

Tomemos primeiro a França, ou seja, um dos países do mundo submetido às convulsões mais profundas, onde, em poucos anos, as instituições políticas parecem ter sido mais radicalmente alteradas e os partidos parecem ser os mais divergentes. Se olharmos, sob o ponto de vista psicológico, essas opiniões com aspectos tão diferentes, esses partidos em luta permanente, constataremos que eles têm, na realidade, um fundo comum perfeitamente idêntico, que representa exatamente o ideal de nosso povo. Intransigentes, radicais, monarquistas, socialistas, todos os defensores das mais diversas doutrinas perseguem, com etiquetas diferentes, um objetivo idêntico: a absorção do indivíduo pelo Estado. O que todos querem, com o mesmo ardor, é o velho regime centralizador e cesarista. É o estado dirigindo tudo, regulando tudo, absorvendo tudo, regulamentando os menores detalhes da vida dos cidadãos e os dispensando assim de manifestar qualquer lampejo de reflexão e de iniciativa. Que o poder colocado à frente do estado se chame rei, imperador, presidente etc., não importa. Esse poder, qualquer que seja ele, representará forçosamente o mesmo ideal e esse ideal é a expressão dos sentimentos da alma do povo. Ele não toleraria outro.

Com nosso nervosismo extremo, nossas recriminações frequentes contra as realidades existentes, a ideia de que um governo novo tornará nossa sorte mais feliz, nos leva a modificar sem parar nossas instituições. A vontade dos mortos nos conduz e nos condena a só mudar as palavras e as aparências. O poder inconsciente da alma do povo é tal que não percebemos a ilusão de que somos vítimas.

Se tomarmos apenas as aparências, nada é mais diferente do antigo regime do que aquele criado por nossa grande Revolução. Em realidade, no entanto __ e sem suspeitar __ ela só fez continuar a tradição real, terminando a obra de centralização começada pela monarquia há vários séculos. Se Luis XIII e Luis XIV saíssem de suas tumbas para avaliar a obra da Revolução Francesa, eles censurariam, sem dúvida, algumas das violências que acompanharam sua realização, mas eles a considerariam como rigorosamente conforme a suas tradições e ao seu programa. Reconheceriam que um ministro encarregado por eles de executar esse programa não teria feito melhor. Eles mostrariam como o menos revolucionário dos governos que a França conheceu foi precisamente o da Revolução. Eles constatariam, por outro lado, que, há um século, nenhum dos diversos regimes que se sucederam na França, tentou tocar nessa obra e que ela é o fruto de uma evolução regular, a continuação do ideal monárquico e a expressão do espírito

do povo. Sem dúvida estes fantasmas ilustres, em razão de sua grande experiência, fariam algumas críticas e, talvez, mostrariam que substituir a casta aristocrática governamental pela casta administrativa seria criar no Estado um poder impessoal mais temível do que aquele da antiga nobreza. Porque só ele, ao escapar das mudanças políticas, possui tradições, espírito corporativo, ausência de responsabilidade e perpetuidade, ou seja, uma série de condições que o levarão necessariamente a se tornar o único mestre. Eles não insistirão, eu creio, no entanto, nessa objeção, pois consideram que os povos latinos são muito pouco preocupados com liberdade e muito ávidos por igualdade. E que eles suportam facilmente todos os despotismos, contanto que esses despotismos sejam impessoais. Eles achariam ainda, talvez, muito excessivos e muito tirânicos os inumeráveis regulamentos, os milhares de laços que rodeiam, hoje em dia, o menor dos atos da vida. Destacariam que, quando o Estado tiver absorvido tudo, regulamentado tudo, espoliado os cidadãos de toda iniciativa, nos encontraremos espontaneamente e sem nenhuma revolução em pleno socialismo. Mas então as luzes divinas que iluminam os reis __ ou, na sua falta, as luzes matemáticas que ensinam que os efeitos crescem em progressão geométrica quando as mesmas causas persistem __ lhes permitirá perceber que o socialismo não é outra coisa além da

expressão última da ideia monárquica, da qual a Revolução Francesa foi apenas uma fase aceleradora.

Assim, nas instituições de um povo, encontramos, ao mesmo tempo, as circunstâncias acidentais mencionadas no início dessa obra e as leis permanentes que tentamos determinar. As circunstâncias acidentais criam sobretudo aparências. As leis fundamentais decorrem do caráter dos povos e criam o destino das nações.

Ao exemplo precedente podemos acrescentar o de um outro povo, os ingleses, cuja constituição psicológica é muito diferente da nossa. Por esse único fato, suas instituições se distanciarão radicalmente das nossas.

Que os ingleses tenham a sua frente um monarca, como na Inglaterra, ou um presidente, como nos Estados Unidos, seu governo apresentará sempre as mesmas características fundamentais: a ação do Estado será reduzida ao mínimo e a dos particulares levada ao máximo. Precisamente o contrário do ideal latino. Portos, canais, estradas de ferro, estabelecimentos de ensino etc. serão sempre criados e mantidos pela iniciativa de particulares e jamais

pelo Estado[10]. Nem revoluções, nem constituições, nem déspotas conseguiriam dar a um povo o que eles não possuem. Nem tirar de um povo o que eles possuem: as qualidades de caráter de onde suas instituições derivam. Repete-se muitas vezes que os povos têm os governos que merecem. Pode-se conceber que eles tenham outros?

Mostraremos logo, por diversos exemplos, que um povo não consegue fugir das consequências de sua constituição mental. Ou que, se fogem, é apenas por raros instantes, como a areia levantada pela tempestade parece escapar por um momento das leis de atração. Uma perigosa quimera é acreditar que os governos e as constituições são qualquer coisa do destino de um povo. É nele mesmo que se acha seu destino e não nas circunstâncias exteriores. Tudo o que se pode pedir a um governo é que ele traduza os sentimentos e as ideias da nação que ele foi chamado para dirigir. Ele é geralmente a imagem. Nenhum governo, nenhuma instituição pode-se dizer que seja absolutamente bom ou absolutamente mal. O governo do rei do Daomé foi provavelmente excelente para o povo que ele foi chamado a dirigir e a mais sábia constituição europeia foi má para esse mesmo povo. É isso que ignoram os

[10] Essa preponderância da iniciativa individual deve ser observada sobretudo na América. Na Inglaterra ela singularmente abaixou nos últimos trinta anos e o Estado se mostra cada vez mais invasor.

políticos que acham que governo é artigo de exportação e que colônias podem ser governadas com as instituições da metrópole. É o mesmo que querer convencer os peixes a viver no ar, sob o pretexto de que a respiração aérea é a utilizada por todos os animais superiores.

Somente por causa da diversidade de sua constituição mental, povos diferentes não conseguiriam viver muito tempo sob regimes idênticos. O irlandês e o inglês, o eslavo e o húngaro, o árabe e o francês só são mantidos com muita dificuldade sob as mesmas leis e ao preço de revoluções incessantes. Os grandes impérios que continham povos diversos sempre foram condenados a uma existência efêmera. Quando eles tiveram alguma duração __ como os mongóis e depois os ingleses na Índia __ foi, primeiro porque os povos em presença eram tão numerosos, tão diferentes e, por consequência, tão rivais, que não podiam pensar em se unir contra o estrangeiro; depois, porque seus senhores estrangeiros tiveram um instinto político bastante certeiro para respeitar os costumes dos povos conquistados e deixá-los viver sob suas próprias leis.

Escreveríamos vários livros, refaríamos mesmo a história inteira e sob um ponto de vista muito novo, se quiséssemos mostrar todas as consequências da constituição psicológica dos povos. Seu estudo aprofundado deveria ser a base da política e da educação.

Ela evitaria muitos erros e confusões se os povos pudessem escapar das fatalidades de sua cultura, se a voz da razão não fosse sempre apagada pela voz dos mortos.

* * *

CAPÍTULO II

Aplicação dos princípios precedentes ao estudo comparado da evolução dos Estados Unidos da América e das repúblicas hispano-americanas.

Sumário

As breves considerações precedentes provam que as instituições de um povo são a expressão de sua alma e que, se é fácil mudar sua forma, não o é mudá-la a fundo. Vamos agora mostrar, com exemplos precisos, a que ponto a alma de um povo rege seus destinos e o papel insignificante que desempenham as instituições nesse destino.[11]

[11] O ilustre sociólogo inglês Herbert Spencer deixou de lado em suas grandes obras a influência do caráter dos povos sobre seus destinos e suas belas sínteses teóricas conduziram, inicialmente, a conclusões muito otimistas. Se, ao envelhecer, se decidisse a levar em conta o papel fundamental do caráter, ele deveria modificar inteiramente suas conclusões primeiras e chegar finalmente a substituí-la por outras bem pessimistas. Encontramos a expressão disso num discurso reproduzido pela **Revue des Revues**. Eis alguns extratos:

..."Minha fé nas instituições livres, tão forte no princípio, foi nos últimos anos consideravelmente diminuída... Recuamos ao regime da mão de ferro, representada pelo despotismo burocrático de uma organização socialista, depois pelo despotismo militar que lhe sucederá se porventura o último de nós for bruscamente levado por algum desastre social."

Esses exemplos eu os tomarei de um país onde vivem lado a lado, em condições de meio pouco diferentes, povos europeus igualmente civilizados e inteligentes, só diferindo pelo seu caráter: eu quero fala da América. Ela é formada por dois continentes distintos, unidos por um istmo. A superfície de cada um desses continentes é quase igual e seu solo é muito semelhante. Um foi conquistado e povoado pelos ingleses. O outro, pelos espanhóis. Esses dois povos vivem sob constituições republicanas semelhantes, pois as repúblicas do sul da América geralmente copiaram as suas dos Estados Unidos. Só há, portanto, em presença, para explicar os destinos diferentes desses povos, as diferenças culturais. Vejamos os resultados produzidos pelas diferenças.

Resumamos primeiro, em algumas palavras, as características do povo anglo-saxão, que povoou os Estados Unidos. Nenhum no mundo se tornou talvez __ apesar das diversidades de origem __ mais homogêneo e com uma constituição mental mais fácil de definir em suas grandes linhas.

Os traços dominantes dessa constituição mental são, sob o ponto de vista do caráter: uma vontade que bem poucos povos, salvo os romanos, já tiveram; uma energia indomável; uma iniciativa muito desenvolvida; um império absoluto sobre si; uma independência levada até à insociabilidade; uma atividade poderosa;

um sentimento religioso muito vivo; uma moralidade muito fixa; uma ideia de dever muito nítida.

Sob o ponto de vista intelectual não se poderia indicar características especiais, ou seja, elementos particulares que não se encontrem em outras nações civilizadas. Há que se notar um julgamento certeiro que permite extrair o lado prático e positivo das coisas e sem exagerar nas buscas quiméricas; um gosto marcante pelos fatos e mínimo para as ideias gerais; uma certa estreiteza de espírito, que impede de ver os lados fracos das crenças religiosas e que coloca, por consequência, essas crenças ao abrigo da discussão.

A essas características gerais, juntamos o otimismo completo da pessoa, cuja estrada está bem traçada na vida e que não supõe que ela possa escolher outra melhor. Ela sabe sempre o que lhe pedem sua pátria, sua família e seus deuses. Esse otimismo é levado até o ponto de considerar como desprezível todo elemento estrangeiro. O desprezo ao estrangeiro e seus usos ultrapassa certamente, na Inglaterra, o que professavam outrora os romanos pelos bárbaros na época de sua grandeza. Ele é tal que, com respeito ao estrangeiro, toda regra desaparece. Esse desdém pelo estrangeiro constitui, sem dúvida, sob o ponto de vista filosófico, um sentimento de ordem inferior; mas, sob o ponto de vista da prosperidade de um povo, sua utilidade é extrema. Como justa-

mente destacou o general inglês Wolseley, ele representa um dos que fazem a força da Inglaterra. Diz-se com razão __a propósito de sua recusa, muito judiciosa aliás, de deixar construir sob a Mancha um túnel que facilitaria os laços entre eles e o continente __ que os ingleses relutam, tanto quanto os chineses, em permitir qualquer influência estrangeira sobre eles.

As características que foram enumeradas são encontradas nas diversas camadas sociais. Não se poderia descobrir nenhum elemento da civilização inglesa em que eles não deixaram sua sólida marca. O estrangeiro que visita a Inglaterra, mesmo por alguns dias, fica imediatamente impressionado. Ele constatará a necessidade de vida independente na cabana do mais modesto empregado. Habitação pequena, sem dúvida, mas ao abrigo de toda limitação e isolada de toda vizinhança. Nas estações de trem mais frequentadas, o público circula a toda hora sem ser mantida, como uma tropa de carneiros dóceis, atrás de uma barreira vigiada por um empregado, como se fosse preciso assegurar pela força a segurança de pessoas incapazes de encontrar elas mesmas a soma de atenção necessária para não se deixar esmagar. Ele reconhecerá a energia do povo, tanto no duro trabalho do operário quanto no do colegial que, deixado por conta própria desde tenra idade, aprende a se conduzir sozinho, sabendo que na vida pessoal, exceto ele, ninguém se ocupará com seu destino; também entre os profes-

sores, que representam um caso medíocre de instrução e um caso muito grande de caráter e que eles consideram como uma das mais poderosas forças motrizes do mundo.[12] Penetrando na vida pública do cidadão ele verá que não é ao Estado, mas à iniciativa individual que se faz sempre apelo, quer se trate de reparar a fonte de um vilarejo, de construir um porto marítimo ou de criar uma estrada de ferro. Prosseguindo sua pesquisa, ele reconhecerá logo que esse povo, apesar dos defeitos, que o faz parecer ao estrangeiro o mais insuportável dos povos é o único realmente livre, porque é o único que pode __ tendo aprendido a se autogovernar __ só deixar a seu governo um mínimo de ação. Ao se percorrer sua história, vê-se que foi o primeiro a se libertar de toda dominação, tanto a da Igreja quanto a dos reis. Desde o século XV, o jurista Fortescue opunha "a lei romana, herança dos povos latinos, à lei inglesa; uma, obra de príncipes absolutos e feita para sacrificar o indivíduo; a outra, obra da vontade comum e pronta para proteger a pessoa".

[12] Encarregado pela rainha da Inglaterra de fixar as condições para um prêmio anual outorgado por ela ao Colégio Wellington, o príncipe Albert decidiu que ele seria concedido, não ao aluno mais instruído, mas aquele cujo caráter fosse julgado o mais elevado. Numa nação latina, o prêmio teria sido concedido certamente ao aluno que tivesse mais bem recitado o que tivesse aprendido em seus livros. Todo nosso ensino, até aquele que chamamos de ensino superior, consiste em fazer com que a juventude recite lições. Ela conserva, após isso, o hábito de continuar recitando durante o resto de sua existência.

Para qualquer lugar do globo que tal povo emigre ele fundará impérios poderosos. Se o povo invadido por ele é __ como os peles-vermelhas da América, por exemplo __ suficientemente fraco e insuficientemente utilizável, ele será imediatamente exterminado. Se o povo invadido é __ como as populações da Índia __ numeroso e pode fornecer um trabalho produtivo, ele será simplesmente obrigado a trabalhar para seus senhores e explorado com inteligência, permanecendo com a liberdade de seus costumes e de suas instituições.

Mas é sobretudo num país novo, como a América, que é preciso seguir os espantosos progressos devidos à constituição mental dos povos anglo-saxões. Transportados para regiões sem culturas e apenas habitadas por alguns selvagens, só podendo contar com eles mesmos, sabe-se no que eles se tornaram. Um século apenas foi suficiente para que conquistassem um dos primeiros lugares entre as grandes potências do mundo e hoje bem poucos poderiam lutar contra eles. Eu recomendo a leitura dos livros do Sr. Rousier, sobre os Estados Unidos, às pessoas desejosas de se dar conta da soma enorme de iniciativa e de energia individual gasta pelos cidadãos da poderosa república. O hábito das pessoas de se autogovernar, de se associar para fundar grandes empresas, criar cidades, escolas, portos, estradas de ferro etc. é levado a um máximo tal e a ação do Estado reduzida a um mínimo tal, que se

poderia quase dizer que não existem poderes públicos. Fora a polícia, o exército e a representação diplomática, para que eles poderiam servir?

Só se poderia prosperar, aliás, nos Estados Unidos com a condição de possuir as qualidades de caráter que tenho descrito e porque as imigrações estrangeiras não modificam, de maneira alguma, o espírito geral do povo. As condições de existência são tais que, aquele que não possuir essas qualidades está condenado a desaparecer prontamente. Numa tal atmosfera, saturada de independência e de energia, apenas o anglo-saxão pode viver. O italiano morre de fome, o irlandês e o negro vegetam em empregos subalternos.

A grande república representa certamente a terra da liberdade. Isso não se dá, certamente, pela igualdade nem pela fraternidade; duas quimeras latinas que as leis do progresso não reconhecem. Em nenhum país do globo a seleção natural fez sentir mais rudemente seu braço de ferro. Ela se mostra impiedosa. Mas, é justamente porque ela ignora a piedade que o povo que ela contribuiu para formar conserva sua potência e sua energia. Não há lugar para os fracos, os medíocres e os incapazes sobre o solo dos Estados Unidos. Pelo único fato de que são inferiores, indivíduos isolados ou povos inteiros estão destinados a perecer. Os peles-vermelhas, tornados inúteis, foram exterminados a golpes de fuzil

ou condenados a morrer de fome. Os trabalhadores chineses, cujo trabalho constitui uma concorrência incômoda, acabarão por sofrer uma sorte análoga. A lei que decretou sua total expulsão não pôde ser aplicada por causa dos enormes custos de sua execução[13]. Ela será talvez substituída por uma destruição metódica, já começada em vários distritos mineiros. Outras leis foram recentemente votadas para interditar a entrada no território americano aos imigrantes pobres. Quanto aos negros, que serviram de pretexto para a Guerra de Secessão __ guerra entre os americanos proprietários de escravos e os que, não podendo possuí-los, não queriam permitir que outros os tivessem __ são quase tolerados, porque permanecem confinados em funções subalternas que nenhum americano quer. Teoricamente, eles possuem todos os direitos. Na prática, eles se veem tratados como animais meio úteis, dos quais se desembaraça assim que se tornam perigosos. Os processos sumários da Lei de Lynch são universalmente reconhecidos como suficientes para eles. Ao primeiro delito embaraçoso, são fuzilados ou pendurados.

Estes são, sem dúvida, os lados sombrios do quadro. São muito vívidos para serem suportados. Se pudéssemos definir em

[13] O 53º congresso adiou a execução da Lei Geary (Ato de Exclusão Chinesa) após ter constatado que a repatriação de 100.000 chineses exigiria 30 milhões de francos, enquanto que a soma inscrita no orçamento para a expulsão dos trabalhadores chineses era de apenas 100.000 francos.

uma palavra, a diferença entre a Europa continental e os Estados Unidos, poderíamos dizer que a primeira representa o máximo que pode dar a regulamentação oficial substituta da iniciativa individual; os segundos são o máximo que pode dar a iniciativa individual inteiramente livre de toda regulamentação oficial. Essas diferenças fundamentais são exclusivamente consequências do caráter. Não é no solo da rude república que o socialismo europeu tem chance de se implantar. Última expressão da tirania do Estado, ele só poderia prosperar em povos velhos, submetidos há séculos a um regime que lhes tirou todas as capacidades de se autogovernar.[14]

Veremos que foi produzido numa parte da América um povo possuidor de uma constituição mental em que predominam a perseverança, a energia e a vontade. Resta mostrar no que se tornou um país quase semelhante, nas mãos de um outro povo, muito inteligente no entanto, mas que não possui nenhuma das qualidades de caráter cujos efeitos eu constatei.

A América do Sul é, sob o ponto de vista de seus produtos naturais, uma das mais ricas regiões do globo. Duas vezes maior

[14] A América que descrevi é aquela de ontem e de hoje, mas não será, talvez, a de amanhã. Veremos num capítulo próximo que, após a invasão recente de um número imenso de elementos inferiores não assimiláveis, ela está ameaçada por uma guerra civil e uma separação em vários estados independentes, sempre em luta, como aqueles da Europa.

do que a Europa e dez vezes menos povoada, terra não falta e permanece, por assim dizer, à disposição de todos. Sua população dominante, de origem espanhola, está dividida em numerosas repúblicas: argentina, brasileira, chilena, peruana etc. Todas adotaram a constituição política dos Estados Unidos e vivem, por consequência, sob leis idênticas. E, pelo único fato de que o povo é diferente e órfão das qualidades fundamentais que caracterizam aquele que povoa os Estados Unidos, todas essas repúblicas, sem exceção, estão perpetuamente imersas na mais sangrenta anarquia e, apesar das riquezas espantosas de seu solo, mergulham uma após outra nas dilapidações de todo tipo, na falência e no despotismo.

As causas dessa decadência estão todas na constituição mental do povo mestiço que não tem nem energia, nem vontade, nem moralidade. A ausência de moralidade, sobretudo, ultrapassa tudo que conhecemos de pior na Europa. Citando uma das cidades mais importantes, Buenos Aires, Th. Child a declara inabitável por qualquer um que tenha alguma delicadeza de consciência e alguma moralidade. A propósito de uma das menos degradadas dessas repúblicas, a República Argentina, o mesmo escritor acrescenta: “Ao examinar essa república sob o ponto de vista comercial, fica-se confundido pela imoralidade que se vê por todo lado”.

Quanto às instituições, nenhum exemplo mostra melhor a que ponto elas são filhas do povo e a impossibilidade de transportá-las para um outro. Seria muito interessante saber no que se tornariam as instituições liberais dos Estados Unidos, aplicadas a um povo inferior. Diz o Sr. Child, falando das diversas repúblicas hispano-americanas:

> *Esses países estão à mercê de presidentes que exercem uma autocracia não menos absoluta do que a do tzar de todas as Rússias. Mais absoluta mesmo, já que estão ao abrigo de todas as importunações e da influência da censura europeia. O pessoal administrativo é unicamente composto por suas criaturas...; os cidadãos votam como bem lhes parece, mas seus votos não são levados em conta. A República Argentina é uma república apenas no nome; na realidade é uma oligarquia de pessoas que fazem da política um comércio.*

Um único país, o Brasil, escapou um pouco dessa profunda decadência, graças a um regime monárquico que colocou o poder ao abrigo dessas competições. Muito liberal, para povos sem energia e sem vontade, ele acabou por sucumbir. Num mesmo golpe, o país se dedicou a uma completa anarquia e, em poucos anos,

as pessoas no poder dilapidaram tanto o Tesouro que os impostos tiveram que ser aumentados em imensas proporções.

Não é apenas em política, naturalmente, que se manifesta a decadência do povo latino que povoa o sul da América, mas em todos os elementos da civilização. Deixadas por conta própria essas infelizes repúblicas retornariam à pura barbárie. Toda a indústria e o comércio estão nas mãos de estrangeiros: ingleses, americanos e alemães. Valparaiso se tornou uma cidade inglesa e nada restaria do Chile se os estrangeiros o abandonassem. É somente graças a eles que esses países conservam um verniz exterior de civilização que ainda engana a Europa.

Essa pavorosa decadência de uma população saída da mistura do povo espanhol com os nativos, comparada com a prosperidade do povo inglês, num país vizinho, é uma das mais sombrias, das mais tristes e, ao mesmo tempo, das mais instrutivas experiências que se possa citar em apoio das leis psicológicas que eu expus.

* * *

CAPÍTULO III

Como a alteração da alma do povo modifica sua evolução histórica.

Sumário

Os exemplos que citei mostram que a história de um povo não depende de suas instituições, mas de seu caráter. Vimos em outra parte, estudando a formação das raças históricas, que sua dissolução se faz através de cruzamentos e que os povos que conservaram sua unidade e sua força, como outrora os arianos na Índia e, em nossos dias, os ingleses em suas diversas colônias, são aqueles que evitam sempre zelosamente se misturar com estrangeiros. A presença de estrangeiros, mesmo em pequeno número, basta para alterar a alma de um povo. Ela o faz perder sua aptidão para defender as características de sua cultura, os monumentos de sua história, as obras de seus ancestrais.

Essa conclusão se sobressai de tudo o que precede. Se os diversos elementos de uma civilização devem ser considerados como a manifestação exterior da alma de um povo, é evidente que, quando a alma desse povo muda, sua civilização deve igualmente mudar.

A história do passado nos fornece incontestáveis provas e a história do futuro fornecerá muitas outras ainda.

A transformação progressiva da civilização romana é um dos mais impressionantes exemplos que se pode invocar. Os historiadores nos apresentam geralmente esse acontecimento como o resultado de invasões destrutivas dos bárbaros. Mas, um estudo mais atento dos fatos mostra, por um lado, que foram as invasões pacíficas __ e, de maneira alguma, as guerreiras __ que levaram à queda do Império; por outro lado, longe de querer derrubar a civilização romana, os bárbaros foram sempre respeitosos admiradores dela e fizeram todos os esforços para adotá-la e continuá-la. Eles tentaram se apropriar de sua língua, de suas instituições e suas artes. Até sob os últimos merovíngeos eles tentaram perpetuar ainda a poderosa civilização que tinham herdado. Todos os atos do grande imperador Carlos Magno estão impregnados desse pensamento.

Mas sabemos que tal tarefa foi sempre irrealizável. Foi necessário, para os bárbaros, vários séculos para formar, através de cruzamentos repetidos e com condições de existência idênticas, um povo homogêneo. E quando esse povo foi constituído, ele possuía, por esse único fato, artes novas, uma língua nova, instituições novas e, por consequência, uma civilização nova. A grande memória de Roma não parou de pesar sobre essa civilização. Mas

foi sem sucesso que, por várias vezes, se tentou fazê-la reviver. Em vão a Renascença tentou ressuscitar suas artes e a Revolução Francesa reviver suas instituições.

Os bárbaros que invadiram progressivamente o Império, desde o primeiro século de nossa era e acabaram por absorvê-lo, não pensaram em destruir sua civilização, mas unicamente em continuá-la. Mesmo que eles não tivessem jamais combatido Roma e se limitado a se misturar cada vez mais aos romanos, cada dia menos numerosos, o curso da história não pode ser mudado. Eles não destruíram Roma, mas a simples influência de sua mistura bastou para destruir a alma romana. Pode-se dizer que a civilização romana jamais foi derrubada, mas simplesmente continuada, se transformando através das eras, pelo único fato de que caiu nas mãos de povos diferentes.

Uma olhada simples na história das invasões bárbaras justifica amplamente essa afirmação.

Os trabalhos dos eruditos modernos, particularmente o de Fustel de Coulanges, mostraram bem que foram as invasões pacíficas dos bárbaros e, de maneira alguma, as invasões agressivas __ em sua maior parte produzidas por mercenários a soldo do Império __ que levaram ao desaparecimento progressivo do poderio romano. Desde os primeiros imperadores se introduziu o costume

de empregar bárbaros em seus exércitos. Ele se acentuou a medida em que os romanos se tornavam mais ricos e mais refratários ao serviço militar. Ao fim de alguns séculos, só havia no exército, bem como na administração, estrangeiros. “Os visigodos, os burgúndios, os francos, foram soldados federados a serviço do Império Romano”.

Quando Roma passou a só ter bárbaros como soldados e quando suas províncias passaram a ser governadas por chefes bárbaros, era evidente que esses chefes tenderiam a se tornar independentes. Eles conseguiram isso, com efeito, mas Roma exercia um prestígio tal que nenhum deles jamais teve a ideia de derrubar o Império, nem mesmo quando Roma caiu em seu poder. Quando um dos chefes, Odoacro, rei dos hérules a soldo do Império, se apoderou de Roma, em 476, ele se apressou em solicitar, ao imperador residente em Constantinopla, autorização para governar a Itália com o título de patrício. Nenhum outro chefe procedeu de outra maneira. Era sempre em nome de Roma que eles governavam as províncias. Eles não pensaram jamais em dispor do solo nem em tocar nas instituições. Clóvis se considerava como um funcionário romano e ficou muito orgulhoso ao obter do imperador o título de cônsul. Trinta anos após sua morte seus sucessores recebiam ainda as leis editadas pelos imperadores e se consideravam obrigados a observá-las. Foi preciso chegar o começo do sé-

culo VII para ver os chefes bárbaros da Gália ousarem cunhar moedas com suas efígies. Até então elas levavam sempre a dos imperadores. Foi apenas nessa época que as populações gaulesas deixaram de considerar o imperador seu chefe. Os historiadores fazem então começar, na realidade, duzentos anos mais cedo a história da França e nos dão uma dezena a mais de reis.

Nada parece menos a uma conquista do que as invasões bárbaras, pois as populações conservaram suas terras, sua língua e suas leis, o que jamais foi o caso nas verdadeiras conquistas, como, por exemplo, a da Inglaterra pelos normandos.

O desaparecimento do poderio de Roma foi, muito provavelmente, tão progressivo que os contemporâneos nem mesmo se aperceberam disso. As províncias estavam habituadas há séculos a se verem governadas por chefes que agiam em nome dos imperadores. Pouco a pouco e muito lentamente esses chefes acabaram por agir por conta própria. Nada então foi mudado. O mesmo regime continuou, com novos senhores, durante toda a duração da época merovíngia.[15]

[15] Escreve o Sr. Fustel de Coulanges: “O governo merovíngio foi, por mais de três quartos, a continuação daquele que o Império Romano havia dado à Gália... nada é feudal no governo dos merovíngios”.

A única mudança real __ e, de longe, a mais profunda __ foi a formação de uma raça histórica nova e, como consequência necessária __ segundo as leis que expusemos __ o nascimento de uma nova civilização.

Com essa repetição eterna das mesmas coisas, que parece ser a mais sólida das leis da história, somos provavelmente chamados, em nossos dias, a constatar invasões pacíficas análogas àquela que levou à transformação da civilização romana. A extensão geral da civilização moderna poderia fazer acreditar, hoje em dia, que não há mais bárbaros, ou pelo menos que esses bárbaros, perdidos nos fundos da Ásia e da África, estão muito distantes para nos amedrontar. Certamente nós não tememos suas invasões militares e eles só poderiam se tornar perigosos, como mostrei em outra obra, através da concorrência econômica que eles farão um dia à Europa. Não é então deles que se trata aqui. Mas se os bárbaros parecem distantes, eles estão, na realidade, bem próximos, muito mais próximos do que na época dos imperadores romanos. É no próprio seio das nações civilizadas que eles estão, com efeito. Após a complicação de nossa civilização moderna e a diferenciação progressiva dos indivíduos, que eu já falei, cada povo possui um número imenso de elementos inferiores, incapazes de se adaptar a uma civilização muito elevada para eles. Assim se forma

um enorme dejeto, que cresce sem parar e cuja ação será temível para os povos que a sofrerão.

É, hoje em dia, rumo aos Estados Unidos da América que se dirigem, como de comum acordo, esses novos bárbaros. E é por eles que a civilização dessa grande nação está seriamente ameaçada. Quando a imigração estrangeira era rara e composta sobretudo de elementos anglo-saxões, a absorção foi fácil e útil. Ela fez a espantosa grandeza da América. Atualmente os Estados Unidos estão submetidos a uma gigantesca invasão de elementos inferiores que eles não querem e nem podem assimilar. Entre 1880 e 1890 eles receberam 6 milhões de emigrantes, quase exclusivamente compostos por trabalhadores medíocres de todas as origens. Hoje, com 1.100.00 habitantes, Chicago não conta com mais de um quarto de americanos. Nenhuma fusão existe entre os imigrantes e os americanos. Eles não se dão nem mesmo ao trabalho de aprender a língua de sua nova pátria e formam simples colônias ocupadas com trabalhos mal pagos. São descontentes e, por consequência, inimigos. Na grande greve das estradas de ferro, eles tentaram incendiar Chicago e tiveram que ser metralhados sem piedade. É unicamente no meio deles que se recrutam os adeptos desse socialismo nivelador e grosseiro, realizável talvez numa Europa enfraquecida, mas totalmente antipático ao caráter dos verdadeiros americanos. As lutas que esse socialismo produzirá,

talvez, no solo da grande república serão, na realidade, lutas de povos que chegaram a níveis de evolução diferentes.

Parece evidente que na guerra civil que se prepara entre a América dos americanos e a América dos estrangeiros, o triunfo não estará do lado dos bárbaros. Essa luta gigantesca terminará, sem dúvida, por uma hecatombe que reproduzirá, numa escala imensa, o extermínio completo dos cimbros, por Mário. Se a luta tarda um pouco e a invasão continua, a solução só poderá ser uma destruição total. O destino dos Estados Unidos será então, provavelmente, aquele do Império Romano, ou seja, uma separação das províncias atuais da república em estados independentes, tão divididos e tão frequentemente em guerra quanto os da Europa ou os da América espanhola.

A América não é a única ameaçada por tais invasões. A França também está. É um país rico cuja população cresce constantemente. A imigração de nossos vizinhos se torna fatal e tão mais perigosa quanto as exigências crescentes de nossos trabalhadores a tornam necessária para as necessidades da agricultura e da indústria. As vantagens que encontram esses emigrantes em nosso solo são evidentes. Nenhum regime militar para aturar; pouco ou nenhum imposto, em sua qualidade de nômades estrangeiros; um trabalho mais fácil e melhor remunerado do que aquele em sua terra natal. Eles se dirigem a nosso país, não apenas porque ele é

muito rico, mas também porque a maior parte dos outros cria, a cada dia, mais medidas para expulsá-los.

A invasão dos estrangeiros é mais temível ainda pelo fato de que são, naturalmente, os elementos inferiores, aqueles que não conseguem se manter por conta própria em sua pátria, que emigram. Nossos princípios humanitários nos condenam a sofrer uma invasão crescente de estrangeiros. Menos de 400.000 há quarenta anos, eles são mais de 1.200.000 hoje em dia e chegam em fileiras cada dia mais cerradas. Considerando o número de italianos que contém, Marselha poderia ser qualificada de colônia italiana. A Itália não contém mesmo nenhuma colônia que possua um tal número de italianos. Se essas invasões não pararem, em pouco tempo, na França, a população será um terço africana e um terço italiana. Como ficará a unidade ou simplesmente a existência de um povo, em tais condições? Os piores desastres nos campos de batalha são infinitamente menos temíveis do que tais invasões.

Foi um instinto muito certeiro aquele que ensinou os povos antigos a temer os estrangeiros. Eles sabiam bem que o valor de um país não se mede pelo número de seus habitantes, mas pelo de seus cidadãos.

Veremos então, mais uma vez, que na base de todas as questões históricas e sociais se encontra sempre o inevitável problema das culturas. Ele domina todos os outros.

* * *

LIVRO IV

Como se modificam as características psicológicas dos povos.

CAPÍTULO I

O papel das ideias na vida dos povos.

Sumário

Após ter mostrado que as características psicológicas dos povos têm uma grande estabilidade e que dessas características deriva a história dos povos, demonstramos como os elementos psicológicos podem __ como os elementos anatômicos das espécies __ se transformar em longo prazo, através de lentas acumulações hereditárias. É, em grande parte, dessas transformações que a evolução das civilizações depende.

Os fatores suscetíveis de provocar as mudanças psicológicas são variados. As necessidades, a concorrência vital, a ação de certos meios, os progressos das ciências e da indústria, a educação, as crenças e muitas outras ainda, exercem sua ação. Nós já dedica-

mos um volume[16] ao estudo do papel de cada um deles. Não seria o caso então de tratar aqui o assunto em detalhe. Só retornaremos a ele, neste capítulo e no seguinte, para mostrar __ escolhendo alguns fatores essenciais __ o mecanismo de sua ação.

O estudo das diversas civilizações que se sucederam desde a origem do mundo prova que elas sempre foram guiadas, em seu desenvolvimento, por um número muito pequeno de ideias fundamentais. Se a história dos povos se reduzisse ao de suas ideias, ela nunca seria muito longa. Quando uma civilização consegue criar, em um século, duas ou três ideias diretrizes fundamentais, no domínio das artes, das ciências, da literatura ou da filosofia, pode-se considerá-la como excepcionalmente brilhante.

As ideias só podem ter ação real na alma de um povo quando, após uma elaboração muito lenta, elas descem das regiões móveis do pensamento, dessa região estável e inconsciente dos sentimentos onde se elaboram os motivadores de nossas ações. Elas se tornam então elementos do caráter e podem agir sobre a conduta. O caráter é, em parte, formado por uma estratificação de ideias inconscientes.

Quando as ideias sofreram essa lenta elaboração, seu poder é considerável, porque a razão cessa sua influência sobre elas. O

[16] **L'Homme et les Societés**. Leurs origines et leurs histoire, tome II. Évolution des societés.

crente, dominado por uma ideia qualquer __religiosa ou outra __ é inacessível a todos os raciocínios, por mais inteligente que seja. Tudo o que ele poderá tentar (e, na maioria das vezes não tentará nada) será enquadrar (através de artifícios de pensamento e de deformações frequentemente muito grandes) a ideia oposta no quadro das concepções que o dominam.

Se as ideias só podem agir após terem descido do inconsciente para as esferas do consciente, compreendemos a lentidão com que elas se transformam e porque as ideias diretrizes de uma civilização são tão pouco numerosas e demandam tanto tempo para evoluir. Devemos nos felicitar que seja assim, pois, de outra forma, as civilizações não poderiam adquirir nenhuma estabilidade. É felizmente também que ideias novas surjam ao longo do tempo, pois se as antigas ideias fossem absolutamente imutáveis, as civilizações não poderiam realizar nenhum progresso. Graças à lentidão de nossas transformações mentais, são necessárias várias eras humanas para que as ideias novas triunfem e várias outras eras para fazê-las desaparecer. Os povos mais civilizados são aqueles cujas ideias diretrizes conseguiram se manter numa distância igual entre a variabilidade e a estabilidade. A história está repleta daqueles que não souberam manter esse equilíbrio.

O que mais impressiona quando se estuda a evolução dos povos não é a riqueza e a novidade de suas ideias, mas, pelo con-

trário, é a extrema pobreza dessas ideias, a lentidão de suas transformações e o poder que elas exercem. As civilizações resultam de algumas ideias fundamentais e quando essas ideias mudam, as civilizações estão logo condenadas a se transformar. A Idade Média viveu com duas ideias fundamentais: a ideia religiosa e a ideia feudal. Dessas duas ideias surgiram suas artes, sua literatura e toda sua concepção de vida. Por ocasião da Renascença essas duas ideias se alteram um pouco: o ideal do velho mundo greco-latino reencontrado se impõe à Europa e logo a concepção de vida, as artes, a filosofia, a literatura começam a se modificar. Depois a autoridade da tradição se abala, as verdades científicas substituem gradualmente a verdade revelada e, mais uma vez, a civilização se transforma. Hoje, as velhas ideias religiosas parecem ter perdido um pouco seu império e, por isso, as instituições sociais que se apoiam nelas estão ameaçadas de afundar.

A história da gênese das ideias, de seu domínio, de seu uso, de suas transformações e de seu desaparecimento só poderia ser escrita se apoiando em numerosos exemplos. Se pudéssemos entrar nos detalhes, mostraríamos que cada elemento de civilização __ filosofia, crenças, artes, literatura etc. __ está submetido a um número muito pequeno de ideias, cuja evolução é geralmente muito lenta. Mesmo as ciências não escapam dessa lei. Toda a física moderna deriva da ideia de indestrutibilidade da energia; toda a

biologia, da ideia de evolucionismo; toda a medicina, da ideia da ação do infinitamente pequeno. E a história dessas ideias mostra que, mesmo que elas se dirijam aos espíritos mais esclarecidos, elas só se estabelecerão pouco a pouco e com muito custo. Num século em que tudo se move tão rapidamente, numa ordem de pesquisa em que as paixões e os interesses agem pouco, o estabelecimento de uma ideia científica fundamental não leva menos de vinte e cinco anos. As mais claras, as mais fáceis de demonstrar, aquelas que menos deveriam se prestar a controvérsias __ como, por exemplo, a ideia da circulação do sangue __ não demandaram um tempo menor.

Quer se trate de uma ideia científica, artística, filosófica, religiosa __ em uma palavra: uma ideia qualquer __ sua propagação sempre se faz por um mecanismo idêntico. Ela deve primeiro ser adotada por um pequeno número de apóstolos, aos quais a intensidade de sua fé ou a autoridade de seu nome confere um grande prestígio. Eles agem então muito mais por sugestão do que por demonstração. Não é no valor de uma demonstração que é preciso buscar os elementos essenciais do mecanismo da persuasão. As ideias se impõem através do prestígio pessoal ou pelas paixões, mas não se exerce nenhuma influência dirigindo-se unicamente à razão. As massas não se deixam jamais persuadir por demonstra-

ções, mas apenas por afirmações e a autoridade dessas afirmações depende do prestígio exercido por aquele que as enuncia.

Quando os apóstolos conseguiram convencer um pequeno número de adeptos e formaram assim novos apóstolos, a ideia começa a entrar no domínio da discussão. Ela levanta, a princípio, uma oposição universal, porque ela confronta forçosamente muitas coisas antigas e estáveis. Os apóstolos que a defendem são naturalmente estimulados por essa oposição, que só faz persuadi-los de sua superioridade sobre o resto das pessoas. E eles defendem com energia a nova ideia, não porque ela seja verdadeira __ na maioria das vezes eles não sabem nada sobre ela __ mas simplesmente porque eles a adotaram. A nova ideia é cada vez mais discutida, quer dizer, na realidade, aceita em bloco por uns e rejeitada em bloco por outros. Mudam-se afirmações e negações e muito pouco os argumentos. Os únicos motivos de aceitação ou de rejeição de uma ideia só podem ser, para a imensa maioria dos cérebros, os motivos sentimentais, nos quais o raciocínio não desempenha nenhum papel.

Graças a esses debates sempre apaixonados, a ideia progride lentamente. As gerações novas que a encontram contestada tendem a adotá-la simplesmente porque ela é contestada. Para a juventude, sempre ávida de independência, a oposição em bloco das ideias recebidas é a forma de originalidade mais acessível.

A ideia continua então a crescer e logo não necessita mais de nenhum apoio. Ela vai agora se difundir pelo simples efeito da imitação e por via do contágio, faculdade da qual as pessoas são geralmente dotadas em um grau tão alto quanto os grandes símios antropoides, que a ciência moderna lhes assinala como pais.

Assim que intervém o mecanismo do contágio, a ideia entra na fase que a conduz forçosamente ao sucesso. A opinião pública logo a aceita. Ela adquire então uma força penetrante e sutil que a difunde progressivamente em todos os cérebros, criando ao mesmo tempo um tipo de atmosfera especial, uma maneira geral de pensar. Como essa fina poeira das estradas que tudo penetra, ela se infiltra em todas as concepções e todas as produções de uma época. A ideia e suas consequências fazem então parte desse estoque compacto de banalidades herdadas que nos impõe a educação. Ela triunfou e entrou no domínio do sentimento, o que a colocará doravante por muito tempo ao abrigo de qualquer toque.

Das ideias diversas que guiam uma civilização, umas __ aquelas relativas às artes ou à filosofia, por exemplo __ permanecem nas camadas superiores de uma nação; outras, __ aquelas relativas às concepções religiosas e políticas, particularmente __ descem até às profundezas das massas. Elas chegam lá, geralmente, muito deformadas, mas o poder que elas exercem então sobre as almas primitivas e incapazes de discussão é imenso. A ideia

representa qualquer coisa de invencível e seus efeitos se propagam com a violência de uma torrente que nenhum dique contém mais. É sempre fácil encontrar num povo cem mil pessoas prontas para morrer para defender uma ideia que os subjugou. É então que sobrevém esses grandes acontecimentos que revolucionam a história e que apenas as massas podem produzir. Não foi com letrados, artistas e filósofos que se estabeleceram as religiões que governaram o mundo; nem esses vastos impérios que se estenderam de um hemisfério a outro; nem as grandes revoluções religiosas e políticas que convulsionaram a Europa. Foi com iletrados suficientemente dominados por uma ideia para sacrificar sua vida para sua propagação. Com essa bagagem teoricamente mínima, mas praticamente muito forte, os nômades dos desertos da Arábia conquistaram uma parte do velho mundo greco-romano e fundaram um dos mais gigantescos impérios que a história já conheceu. Foi com uma bagagem moral semelhante __ o domínio de uma ideia __ que os heroicos soldados da Convenção estiveram vitoriosamente à frente da Europa em armas.

Uma forte convicção é tão irresistível que apenas uma convicção igual tem chances de lutar vitoriosamente contra ela. A fé não tem outro inimigo sério a temer além da fé. Ela está certa do triunfo quando a força material que se opõe a ela é composta somente de sentimentos fracos e de crenças enfraquecidas. Mas se

ela se encontra diante de uma fé de mesma intensidade, a luta se torna muito viva e o sucesso é então determinado por circunstâncias acessórias, na maioria das vezes de ordem moral, tais como o espírito de disciplina e a melhor organização. Estudando de perto a história dos árabes, citada a pouco, constataremos que, em suas primeiras conquistas __ e são sempre as mais difíceis e as mais importantes __ eles encontraram adversários moralmente muito fracos, se bem que possuíssem uma organização militar muito inteligente. Na Síria, para onde os árabes levaram primeiro suas armas, eles encontraram exércitos bizantinos formados por mercenários pouco dispostos a se sacrificar por uma causa qualquer. Animados por uma fé intensa que decuplicava suas forças, eles dispersaram essas tropas sem ideal, tão facilmente quanto outrora um punhado de gregos, movidos pelo amor à cidade, dispersaram os inumeráveis soldados de Xerxes. O resultado de sua empresa teria sido bem outro se, alguns séculos antes, eles tivessem enfrentado as coortes de Roma.

Quando forças morais igualmente poderosas estão em presença, são sempre as mais bem organizadas que levam vantagem. Os vendeanos tinham certamente uma fé muito viva, convicções muito enérgicas, mas os soldados da Convenção possuíam, eles também, convicções muito fortes e, como eram militarmente melhor organizados, foram eles que levaram vantagem.

Em religião, como na política, o sucesso está sempre com os crentes, jamais com os céticos e, se hoje, o futuro parece pertencer aos socialistas, apesar do inquietante absurdo de seus dogmas, é porque não há ninguém realmente mais convicto do que eles. As classes dirigentes modernas perderam a fé em todas as coisas. Elas não acreditam em mais nada, nem mesmo na possibilidade de se defender contra a onda ameaçadora dos bárbaros que cercam todos os lados.

Quando, após um período mais ou menos longo de vacilações, de remodelações, de deformações, de discussões, de propaganda, uma ideia adquire sua forma definitiva e penetra na alma das massas, ela constitui um dogma, quer dizer, uma dessas verdades absolutas que não se discute mais. Ela faz parte então das crenças gerais sobre as quais repousa a existência dos povos. Seu caráter universal lhe permite desempenhar um papel preponderante. As grandes épocas da história __ o século de Augusto, bem como o de Luís XIV __ são aquelas em que as ideias saídas dos períodos de vacilações e de discussões estão fixadas e se tornaram senhoras soberanas do pensamento das pessoas. Elas constituem então farois luminosos e tudo o que elas iluminam com seus fachos se reveste de uma luz semelhante.

Logo que uma nova ideia triunfou, ela marca os menores elementos da civilização. Mas para produzir seus efeitos ela precisa

penetrar profundamente na alma das massas. Dos cumes intelectuais onde nasceu, ela desce de camada em camada, se alterando e se modificando sem parar até que adquire uma forma acessível à alma popular que a fará triunfar. A ideia se apresenta então concentrada em um pequeno número de palavras __ às vezes em uma só __ que evocam poderosas imagens, sedutoras ou terríveis e, por consequência, sempre impressionantes. Como o paraíso e o inferno na idade média; sílabas curtas que possuem o poder mágico de responder a tudo e, para as almas simples, explicar tudo. A palavra socialismo representa para o trabalhador moderno uma dessas fórmulas mágicas e sintéticas capazes de dominar as almas. Ela evoca, segundo as massas em que penetra, imagens variadas e poderosas, apesar de seus contornos incertos e flutuantes.

Para o teórico francês, a palavra socialismo suscita a imagem de um tipo de paraíso onde as pessoas tornadas iguais gozarão, sob a direção incessante do Estado, de uma felicidade ideal. Para o trabalhador alemão, a imagem evocada se apresenta sob a forma de uma enfumaçada taverna onde o governo serviria, gratuitamente a todos, gigantescas pirâmides de salsicha e de chucrute e um número infinito de canecas de cerveja. Bem entendido que nenhum sonhador com chucrute ou sonhador com igualdade jamais se preocupou em saber a soma real das coisas a partilhar,

nem o número de partilhadores. É próprio da ideia se impor com uma força absoluta que nenhuma objeção pode atingir.

Quando a ideia se transformou em sentimento e se tornou um dogma, seu triunfo está garantido por um longo período e todos os argumentos racionais tentariam inutilmente abalá-la. Sem dúvida que a nova ideia acabará também por sofrer o destino daquela que ela substituiu. Ela envelhecerá e declinará, mas, antes de seu desgaste completo, ela deverá sofrer toda uma série de degenerações, de deformações variadas, que demandarão, para se completar, várias gerações. Antes de morrer inteiramente ela fará, por muito tempo, parte das velhas ideias herdadas que qualificamos de preconceitos, mas que, no entanto, respeitamos. A ideia antiga, mesmo quanto não passa de uma palavra, um som, uma miragem, possui um poder mágico que ainda nos subjuga.

Assim se mantém a herança das ideias antiquadas, das opiniões, das convenções, que aceitamos devotamente e que não resistiriam a algum esforço de pensamento se nós quiséssemos discuti-las por alguns instantes. Mas, quantas pessoas são capazes de discutir suas próprias opiniões? Quão poucas dessas opiniões resistiriam após um exame superficial!

É melhor não tentar, esse exame temível. Nós estamos felizmente pouco expostos a ele. O espírito crítico constitui uma

faculdade superior muito rara, enquanto que o espírito de imitação representa uma faculdade infinitamente difundida. A imensa maioria dos cérebros aceita sem discussão as ideias prontas que fornece a opinião pública e que a educação transmite.

E é por isso que __por causa da herança, da educação, do meio, do contágio, da opinião pública __ as pessoas de cada era e de cada cultura possuem uma soma de concepções medianas que as tornam singularmente semelhantes umas às outras. Tão semelhantes que, uma vez que os séculos tenham passado sobre elas, nós reconhecemos, pelas suas produções artísticas, filosóficas e literárias, a época em que viveram. Sem dúvida que não se poderia dizer que eles se copiavam, absolutamente, mas o que eles tinham em comum eram maneiras idênticas de sentir e de pensar que levavam necessariamente a produções muito semelhantes.

Devemos nos felicitar que seja assim, pois é precisamente essa rede de tradições, de ideias, de sentimentos, de crenças, de modos de pensar comuns que formam a alma de um povo. Veremos essa alma tão mais sólida quanto mais forte for essa rede. É ela, na realidade __ e apenas ela __ que mantém as nações e ela não poderia se desagregar sem que as nações logo se dissolvam. Ela constitui, por sua vez, sua verdadeira força e seu verdadeiro senhor. Representa-se às vezes os soberanos asiáticos como se fossem déspotas que têm como guias apenas suas fantasias. Essas

fantasias estão, pelo contrário, encerradas em limites singularmente estreitos. No Oriente __ muito mais do que em outros lugares __ é poderosa a rede de tradições. As crenças religiosas, tão abaladas entre nós, lá conservaram todo seu império e o déspota mais tirânico jamais entraria em choque com as duas soberanas que ele sabe que são infinitamente mais fortes que ele: a tradição e a opinião pública.

A pessoa civilizada moderna se encontra num desses raros períodos críticos da história em que as ideias antigas, de onde deriva sua civilização, perderam seu império e as ideias novas não estão ainda formadas. A discussão, por isso, é tolerada. É preciso se reportar, seja às épocas das civilizações antigas, seja apenas a dois ou três séculos atrás, para se conceber o que foi então o jugo dos costumes e da opinião pública e saber o que custou ao inovador suficientemente ousado para atacar essas duas potências. Os gregos __ que demagogos ignorantes nos dizem que foram tão livres __ permaneceram submetidos estreitamente ao jugo da opinião pública e do costume. Cada cidadão era rodeado por um feixe de crenças absolutamente invioláveis. Ninguém pensaria em discutir as ideias recebidas sem sofrer seu espírito de revolta. O mundo grego não conheceu nem a liberdade religiosa, nem a liberdade da vida privada, nem liberdades de nenhum tipo. A lei ateniense não permitia nem mesmo que um cidadão vivesse dis-

tante das assembleias ou que não celebrasse religiosamente uma festa nacional. A pretensa liberdade do mundo antigo era apenas a fórmula inconsciente __ e, por consequência perfeita __ de sujeição absoluta do cidadão às ideias da cidade. No estado de guerra geral em que os povos viviam então, uma sociedade cujos membros possuíssem a liberdade de pensar e de agir não teria durado um só dia. A era da decadência dos deuses, das instituições e dos dogmas sempre começou no dia em que foi tolerada a discussão.

Nas civilizações modernas, as velhas ideias que servem de base ao costume e à opinião pública, estando quase destruídas, seu império sobre as almas se tornou muito fraco. Elas estão nessa fase de desgaste em que as ideias antigas passam ao estado de preconceitos. Enquanto elas não forem substituídas por uma ideia nova a anarquia reina nos espíritos. É somente graças a essa anarquia que a discussão pode ser tolerada. Escritores, pensadores e filósofos devem abençoar a época atual e se apressar para aproveitá-la, pois eles não tornarão mais a vê-la. É uma época de decadência talvez, mas é um dos raros momentos da história do mundo em que a expressão do pensamento permanece livre. Ele não pode durar muito. As condições da civilização moderna levam os povos europeus rumo a um estado social que não tolerará nem a discussão nem a liberdade. Os novos dogmas que vão nascer só poderão se estabelecer, com efeito, com a condição de não aceitar discus-

sões de nenhuma espécie e de serem tão intolerantes quanto àqueles que os precederam.

O ser humano atual busca ainda as ideias que deverão servir de base a um futuro estado social e aí está o perigo para ele. Os elementos importantes na história dos povos e capazes de modificar seu destino, não são nem as revoluções nem as guerras __ suas ruínas se apagam rapidamente __ mas as mudanças nas ideias fundamentais. Elas não podem acontecer sem que, ao mesmo tempo, todos os elementos de uma civilização sejam obrigados a se transformar. As verdadeiras revoluções, as únicas perigosas para a existência de um povo, são aquelas que atingem seus pensamentos.

A adoção de ideias novas não é perigosa para um povo, por elas mesmas, mas pelo ensaio sucessivo de ideias ao qual ele está condenado antes de encontrar aquelas em que ele poderá solidamente assentar um edifício social novo destinado a substituir o antigo. Não é pelo fato de ser errônea que uma ideia se torna perigosa __ as ideias religiosas que vivenciamos até aqui eram muito erradas __ mas pela necessidade de experiências repetidas por muito tempo, para saber se as ideias novas podem se adaptar às necessidades das sociedades que as adotam. Seu grau de utilidade só se torna apreciável para as massas por meio da experiência. Sem dúvida que não há necessidade de ser um grande psicólogo,

nem um grande economista, para predizer que a aplicação das ideias socialistas atuais conduzirá os povos que as adotarem a um estado de abjeta decadência e de duro despotismo. Mas como impedir as massas que elas seduzem de aceitar o evangelho novo que lhes é pregado?

A história nos mostra frequentemente o que custa a tentativa das ideias inaceitáveis para uma época, mas não é na história que as pessoas buscam suas lições. Carlos Magno tentou inutilmente refazer o Império Romano. A ideia de unidade não era mais realizável naquela época e sua obra pereceu com ele, como deveria perecer mais tarde a de Napoleão. Felipe II usou sua genialidade e o poderio da Espanha __ predominante naquela época __ para combater o espírito de livre exame que, sob o nome de protestantismo, se difundia na Europa. Todo seu esforço contra a ideia nova só conseguiu jogar a Espanha num estado de ruína e de decadência que ela jamais superou. Na França, as ideias quiméricas de um visionário coroado, inspirado pelo sentimentalismo internacional de seu povo, facilitaram a unidade da Alemanha e nos custaram duas províncias e a paz, por muito tempo. A ideia de que o número faz a força cobriu a Europa de soldados em armas e a levou a uma inevitável falência. As ideias socialistas sobre o trabalho, o capital, a transformação da propriedade privada em propriedade

do Estado etc. convencerão os povos de que os exércitos permanentes se tornaram necessários e a falência evitada.

O princípio de nacionalidade pode ser ainda citado entre as ideias diretoras cuja influência é preciso sofrer. Sua realização conduzirá a Europa às guerras mais desastrosas e levará sucessivamente muitos Estados modernos à ruína e à anarquia.

Mas não é dado ao ser humano a capacidade de parar a marcha das ideias quando elas penetraram em suas almas. É preciso que sua evolução se cumpra e elas tenham, na maioria das vezes, por defensores, aqueles que serão suas primeiras vítimas. Os carneiros não são os únicos a seguir docilmente o guia que os conduz ao abatedouro. Inclinemo-nos diante do poder da ideia. Quando ela chega a um certo período de sua evolução, não há mais argumentos racionais nem demonstrações que possam prevalecer contra ela. Para que os povos se livrem do jugo de uma ideia, são necessários séculos ou revoluções violentas; às vezes os dois. A humanidade não pode mais contar com as quimeras que ela forjou e das quais ela foi sucessivamente vítima.

* * *

CAPÍTULO II

O papel das crenças religiosas na evolução das civilizações.

Sumário

Dentre as diversas ideias que conduzem os povos e que são os farois da história e os pólos da civilização, as ideias religiosas desempenharam um papel muito preponderante e muito fundamental para que lhes dediquemos um capítulo especial.

As crenças religiosas sempre constituíram o elemento primordial da vida dos povos e, por consequência, de sua história. Os mais consideráveis acontecimentos históricos, aqueles que tiveram a influência mais eficaz, foram o nascimento e a morte dos deuses. Com uma ideia religiosa nova nasce uma civilização nova. Em todas as eras da humanidade, tanto nos tempos antigos quanto nos tempos modernos, as questões fundamentais sempre foram as questões religiosas. Se a humanidade perdia seus deuses, tal acontecimento seria, por suas consequências, o mais importante dentre todos que aconteceram na superfície de nosso planeta, desde o nascimento das primeiras civilizações.

Não se pode esquecer, com efeito, que, desde a aurora dos tempos históricos, todas as instituições políticas e sociais foram fundadas sobre crenças religiosas e que, na cena do mundo, os deuses sempre desempenharam o principal papel.

Fora o amor, que é, ele também, uma religião poderosa, mas pessoal e transitória, as crenças religiosas podem agir apenas de uma maneira rápida sobre o caráter. As conquistas dos árabes, as Cruzadas, a Espanha e sua Inquisição, a Inglaterra durante a época puritana, a França com a Noite de São Bartolomeu e as guerras da Revolução, mostram no que se torna um povo hipnotizado por suas quimeras. Estas exercem uma influência permanente tão intensa que toda a constituição mental é profundamente modificada. Foi o ser humano sem dúvida que criou os deuses, mas após tê-los criado ele se tornou imediatamente servo deles. Eles não são filhos do medo, como pretende Lucrécio, mas da esperança e, por isso, sua influência será eterna.

O que os deuses deram ao ser humano __ e apenas eles puderam lhe dar __ é um estado de espírito que comporta a felicidade. Nenhuma filosofia jamais pôde realizar tal tarefa ainda.

A consequência, senão o objetivo, de todas as civilizações, de todas as filosofias, de todas as religiões, é produzir certos estados de espírito. Uns implicam na felicidade, outros não. Nossa

felicidade depende sem dúvida das circunstâncias exteriores, mas, sobretudo, do estado mental de nossa alma. Os mártires em seus suplícios se achavam, provavelmente, mais felizes que seus carrascos. O operário que devora sem preocupação seu pedaço de pão esfregado com alho, talvez esteja infinitamente mais satisfeito do que um milionário carregado de preocupações.

A evolução da civilização criou, infelizmente, no ser humano moderno, uma quantidade de necessidades sem lhe dar os meios de satisfazê-la e produziu assim um descontentamento geral nas almas. Ela é a mãe do progresso, sem dúvida, mas ela é também a mãe do socialismo e da anarquia, essas expressões temíveis do desespero das massas, que nenhuma crença apóia mais. Compare o europeu inquieto, febril, descontente com sua sorte, com o oriental, sempre feliz com seu destino. Em que se diferenciam, se não for pelo estado de sua alma? Transformou-se um povo quando se transformou sua maneira de conceber as coisas e, consequentemente, de pensar e de agir.

Criar um estado de espírito que torne o ser humano feliz, eis o que uma sociedade deve buscar antes de tudo, sob pena de não poder sobreviver por muito tempo. Todas as sociedades fundadas até aqui tiveram, por suporte, um ideal capaz de subjugar as almas e elas sempre desapareceram assim que esse ideal cessou de subjugá-los.

Um dos grandes erros da alma moderna é acreditar que apenas as coisas exteriores contêm a felicidade. Ela reside em nós mesmos, é criada por nós mesmos e quase nunca fora de nós mesmos. Após ter quebrado os ideais das velhas eras, constatamos hoje em dia que é muito difícil viver sem eles e que, sob pena de desaparecer, é preciso encontrar o segredo para substituí-los.

Os verdadeiros benfeitores da humanidade, aqueles que mereceram dos povos o reconhecimento de gigantescas estátuas de ouro, foram esses mágicos poderosos, criadores de ideais, que a humanidade produz algumas vezes, mas muito raramente. Acima da torrente das vãs aparências, únicas realidades que podemos conhecer, acima da engrenagem rígida e glacial do mundo, eles fizeram surgir poderosas e pacificadoras quimeras, que escondem do ser humano os lados sombrios de seu destino e criam para ele castelos encantados de esperança e de sonho.

Sob o ponto de vista exclusivamente político, constata-se que ainda aqui a influência das crenças religiosas é imensa. Sua irresistível força constitui o único fator que pode momentaneamente dar a um povo uma comunidade absoluta de interesses, de sentimentos e de pensamentos. O espírito religioso substitui assim, num só golpe, essas lentas acumulações herdadas necessárias para formar a alma de uma nação. O povo subjugado por uma crença não muda, sem dúvida, de constituição mental, mas todas

as suas faculdades se dirigem para um mesmo objetivo: o triunfo de sua crença e, por esse único motivo, seu poder se torna formidável. É nas épocas de fé que, momentaneamente transformados, os povos realizam esses esforços prodigiosos, essas fundações de impérios que espantam a história. Foi assim que algumas tribos árabes, unificadas pelo pensamento de Maomé, conquistaram, em poucos anos, nações que ignoravam até seus nomes e fundaram um imenso império.

Não é a qualidade das crenças que é preciso considerar, mas o grau de domínio que elas exercem sobre as almas. Que o deus invocado seja Moloque ou qualquer outra divindade mais bárbara ainda, não importa. Às vezes mesmo, seu prestígio depende de sua intolerância e de sua barbárie. Os deuses muito tolerantes e muito doces não dão poder a seus adoradores. Os sectários do rígido Maomé dominaram durante muito tempo uma grande parte do mundo e ainda são temíveis. Aqueles do pacífico Buda jamais fundaram nada durável e já estão esquecidos pela história.

O espírito religioso desempenhou então um papel político capital na existência dos povos, porque ele sempre foi o único fator capaz de agir rapidamente sobre seu caráter. Sem dúvida os deuses não são imortais, mas o espírito religioso, ele sim, é eterno. Adormecido por algum tempo, ele se revela assim que uma nova divindade é criada. Ele permitiu à França, há um século, fazer

frente, vitoriosamente, à Europa em armas. O mundo viu, mais uma vez, o que pode o espírito religioso, pois foi realmente uma nova religião que se fundou naquela época, que animou com seu sopro todo um povo. As divindades que desabrocharam eram, sem dúvida, muito frágeis para poder durar; mas, pelo tempo que duraram elas exerceram um império absoluto.

O poder de transformar as almas que as religiões possuem é, aliás, bem efêmero. É raro que as crenças se mantenham durante um tempo suficientemente longo até o grau de intensidade que transforma inteiramente o caráter. O sonho acaba por empalidecer, o hipnotizado acorda um pouco e o velho fundo do caráter reaparece.

Mesmo quando as crenças são todo-poderosas o caráter nacional é sempre reconhecido pela maneira com que essas crenças são adotadas e pelas manifestações que elas provocam. Veja a mesma crença na Inglaterra, na Espanha e na França. Que diferença! A Reforma jamais foi possível na Espanha e a Inglaterra jamais se submeteu ao jugo pavoroso da Inquisição. Entre os povos que adotaram a Reforma, não se percebe facilmente as características fundamentais dos povos que, apesar do hipnotismo das crenças, conservaram os traços especiais de sua constituição mental: a independência, a energia, o hábito de raciocinar e de não sofrer a lei de um senhor?

A história política, artística e literária dos povos é filha de suas crenças; mas essas últimas, modificando o caráter, são igualmente modificadas profundamente por ele. O caráter de um povo e suas crenças, estas são as chaves de seu destino. O primeiro é, em seus elementos fundamentais, invariável e, precisamente porque ele não varia, a história de um povo conserva sempre uma certa unidade. As crenças podem variar e é justamente porque elas variam que a história registra tantas reviravoltas.

A menor mudança no estado das crenças de um povo provoca necessariamente toda uma série de transformações em sua existência. Vimos, ao longo de um capítulo precedente, que, na França, as pessoas do século XVIII pareciam muito diferentes das do século XVII. Qual é a origem dessa diferença? Ela reside simplesmente no fato de que, de um século para o outro, o espírito passou da teologia para a ciência, opôs a razão à tradição, a verdade observada à verdade revelada. Por essa simples mudança de concepções, o aspecto de um século se transformou e, se quisermos estudar seus efeitos, veremos que nossa grande Revolução, bem como os acontecimentos que se seguiram a ela e perduram ainda, são a consequência de uma evolução das ideias religiosas.

E se hoje a velha sociedade cambaleia em suas bases e vê todas as suas instituições profundamente abaladas, é porque ela perde cada vez mais as antigas crenças com as quais ela viveu até

aqui. Quando ela as tiver perdido completamente, uma civilização nova tomará necessariamente seu lugar. A história nos mostra que os povos não sobrevivem muito tempo após o desaparecimento de seus deuses. As civilizações nascidas sob sua influência morrem igualmente com eles. Não há nada mais destrutivo do que a poeira dos deuses mortos.

* * *

CAPÍTULO III

O papel das grandes pessoas na história dos povos.

Sumário

Estudando a hierarquia e a diferenciação dos povos, vimos a enorme divergência que separa os europeus dos orientais. Isso porque os primeiros possuem uma elite de pessoas superiores. Tentaremos marcar em algumas linhas os limites do papel dessa elite.

A pequena falange de pessoas ilustres que um povo civilizado possui __ e que se fosse suprimido em cada geração bastaria para abaixar consideravelmente o nível intelectual desse povo __ constitui a verdadeira encarnação dos poderes desse povo. A ela se deve os progressos realizados nas ciências, nas artes, na indústria, enfim, em todos os ramos da civilização.

A história demonstra que a essa elite pouco numerosa deve-se o mérito de todos os progressos realizados. Mesmo aproveitando-se desse progresso, a massa não gosta de quem a ultrapassa e os maiores pensadores ou inventores foram muito frequentemente seus mártires. No entanto, todas as gerações, todo o passado de

um povo desabrocha desses belos gênios que são flores maravilhosas. Eles constituem a verdadeira glória de uma nação e cada indivíduo, até o mais humilde, deveria se orgulhar de possuí-los. Eles só aparecem por acaso e por milagre, mas representam o coroamento de um longo passado. Eles sintetizam a grandeza de seu tempo e de seu povo. Favorecer sua eclosão e seu desenvolvimento é favorecer a eclosão do progresso que beneficiará toda a humanidade. Se nos deixássemos cegar por nossos sonhos de igualdade universal seríamos as primeiras vítimas. A igualdade só pode existir na inferioridade. Ela é o sonho obscuro e pesado das mediocridades vulgares. Só os tempos de selvageria a realizaram. Para que a igualdade reine no mundo seria preciso rebaixar pouco a pouco tudo o que dá valor a um povo até ao nível do que ele tem de menos elevado.

Mas se o papel das pessoas superiores representa um fator considerável no desenvolvimento de uma civilização, ele não é, no entanto, exatamente como se diz geralmente. Sua ação consiste, eu repito, em sintetizar todos os esforços de um povo. Suas descobertas são sempre o resultado de uma longa série de descobertas anteriores. Eles constroem um edifício com as pedras que outras talharam lentamente. Os historiadores, geralmente muito simplistas, acreditaram poder coletar diante de cada invenção o nome de uma pessoa e, no entanto, as grandes invenções que transforma-

ram o mundo, como a imprensa, a pólvora, o vapor, a eletricidade, não foram criadas por apenas um cérebro. Estudando a gênese de tais descobertas, vê-se sempre que elas nasceram de uma longa série de esforços preparatórios. A invenção final é apenas o coroamento. A observação de Galileu sobre o isocronismo das oscilações de uma lâmpada suspensa preparou a invenção dos cronômetros de precisão, que resultou, para o marinheiro, na possibilidade de encontrar com certeza sua rota no oceano. A pólvora do canhão surgiu do fogo grego lentamente transformado. A máquina a vapor representa a soma de uma série de invenções em que cada uma exigiu imensos esforços. Um grego que possuísse cem vezes a genialidade de Arquimedes não poderia descobrir a locomotiva. De nada lhe serviria, aliás, concebê-la, pois, para executá-la, ele precisaria esperar que a mecânica realizasse progressos que demandaram dez mil anos de esforços.

Por serem, em aparência, mais independentes do passado, o papel político dos grandes homens de Estado não é muito menor, no entanto, do que o dos grandes inventores. Cegos pela explosão ruidosa desses poderosos agitadores das massas que transformam a existência política dos povos, escritores como Cousin, Carlyle etc. quiseram transformá-los em semideuses cujo gênio modifica o destino das nações. Eles podem, sem dúvida, perturbar a evolução de uma sociedade, mas não lhes é dado modificar seu curso. A

genialidade de um Cromwell ou de um Napoleão não conseguiria realizar tal tarefa. A influência dos grandes homens políticos só é durável quando __ como César ou Richelieu __ eles sabem dirigir seus esforços no sentido das necessidades do momento. A verdadeira causa de seu sucesso é então, geralmente, bem anterior a eles próprios. Dois ou três séculos antes, César não teria conseguido curvar a república romana sob a lei de um senhor e Richelieu teria sido impotente para realizar a unidade francesa. Em política, os verdadeiros grandes homens são aqueles que pressentem as necessidades que surgirão, os acontecimentos que o passado preparou e mostram o caminho que é preciso trilhar. Ninguém veria talvez esse caminho, mas as fatalidades da evolução logo empurram os povos rumo a esses poderosos gênios. Eles também, como os grandes inventores, sintetizam os resultados de um longo trabalho anterior.

Não é preciso levar mais longe, no entanto, essas analogias entre as diversas categorias das grandes pessoas. Os inventores desempenham um papel importante na evolução futura de uma civilização, mas nenhum papel imediato na história política dos povos. As pessoas superiores responsáveis __ desde o arado até o telégrafo __ pelas importantes descobertas que constituem o patrimônio comum da humanidade, jamais tiveram as qualidades de caráter necessárias para fundar uma religião ou conquistar um

império, ou seja, mudar visivelmente a face da história. O pensador enxerga demais a complexidade dos problemas para ter convicções muito profundas e muito poucos objetivos lhe parecem suficientemente dignos de seus esforços para que persiga algum. Os inventores podem modificar em longo prazo uma civilização. Os fanáticos __ com inteligência estreita, mas caráter enérgico e paixões poderosas __ podem apenas fundar religiões, impérios e revolucionar o mundo. Pela voz de um Pierre Eremita[17], milhões de pessoas se precipitaram rumo ao Oriente. As canções de um alucinado como Maomé criaram a força necessária para triunfar sobre o velho mundo greco-romano. Um monge obscuro como Lutero pôs a Europa a fogo e sangue. Não é nas massas que a voz de um Galileu ou de um Newton fará jamais o mais fraco eco. Os inventores geniais apressam a marcha da civilização. Os fanáticos e os alucinados criam a história.

De que se compõe, com efeito, a história, tal como os livros a descrevem, se não é a longa descrição das lutas mantidas pelo ser humano para criar um ideal, adorá-lo e depois destruí-lo? E, diante da ciência pura, tais ideais possuem mais valor do que as miragens criadas pela luz sobre as areias móveis do deserto?

[17] Pierre, o Ermitão (1.053-1.115). Também chamado de Pierre d'Amiens e Pierre d'Achères foi um religioso francês do século XI que pregou a cruzada atendendo ao apelo do Papa Urbano II, no Concílio de Clermont. (Nota do tradutor)

São, no entanto, os alucinados __ criadores ou propagadores de tais miragens __ que mais profundamente transformaram o mundo. Do fundo de suas tumbas, eles curvam as almas dos povos sob o jugo de seus pensamentos e agem sobre seu caráter e seu destino. Não desconheçamos a importância de seu papel, mas não esqueçamos também que eles conseguiram realizar sua tarefa porque encarnaram e exprimiram inconscientemente o ideal de seu povo e de seu tempo. Só se conduz um povo encarnando seus sonhos. Moisés representou, para os judeus, o desejo de libertação que germinava há anos sob as frontes de escravos laceradas pelos chicotes egípcios. Buda e Jesus souberam ouvir as misérias infinitas de seu tempo e traduzir em religião a necessidade de caridade e de piedade que, numa época de sofrimento universal, começava a nascer no mundo. Maomé realizou, pela unidade da crença, a unidade política de um povo dividido em milhares de tribos rivais. Napoleão encarnou o ideal de glória militar, de orgulho, de propaganda revolucionária, características do povo que ele arrastou, durante quinze anos, através da Europa, perseguindo as mais loucas aventuras.

São então, definitivamente, as ideias e, consequentemente, aqueles que as encarnam e as propagam, que conduzem o mundo. Seu triunfo está assegurado se elas têm, para defendê-las, alucinados e convictos. Pouco importa que elas sejam verdadeiras ou

falsas. A história nos prova que foram mesmo as ideias mais quiméricas que sempre fanatizaram melhor as pessoas e desempenharam o papel mais importante. Foi em nome das mais decepcionantes quimeras que o mundo foi convulsionado até aqui, que civilizações que pareciam imperecíveis foram destruídas e que outras foram fundadas. Não é, como assegura o evangelho, o reino do céu que está destinado aos pobres em espírito, mas o da terra, com a única condição de que eles possuam a fé cega capaz de mover as montanhas. Os filósofos __ que dedicam frequentemente séculos para destruir o que os convictos criaram, às vezes, em um dia __ devem se inclinar diante deles. Os convictos fazem parte das forças misteriosas que regem o mundo. Eles determinaram os mais importantes acontecimentos cujo curso a história registrou.

Eles só propagaram ilusões, sem dúvida, mas foi com essas ilusões __ às vezes temíveis, sedutoras e vãs __ que a humanidade viveu até aqui e provavelmente continuará a viver ainda. Elas não passam de sombras. No entanto é preciso respeitá-las. Graças a elas, nossos pais conheceram a esperança e, em seu curso heróico e louco perseguindo essas sombras, eles nos tiraram da barbárie primitiva e nos conduziram até onde estamos hoje em dia. De todos os fatores de desenvolvimento das civilizações, as ilusões são, talvez, as mais poderosas. Foi uma ilusão que fez surgirem as pirâmides e durante cinco mil anos eriçou o Egito com colossos de

pedra. Foi uma ilusão que, na Idade Média, edificou nossas gigantescas catedrais e levou o Ocidente a se precipitar sobre o Oriente para conquistar uma tumba vazia. Foi perseguindo ilusões que foram fundadas religiões que curvaram a metade da humanidade sob suas leis e que foram construídos ou destruídos os mais vastos impérios. Não foi perseguindo a verdade, mas o erro que a humanidade dedicou os maiores esforços. Os objetivos quiméricos que ela perseguia ela não poderia alcançar; mas foi perseguindo-os que ela realizou todos os progressos que ela não buscava.

* * *

LIVRO V

A dissociação do caráter dos povos e sua decadência.

CAPÍTULO I

Como as civilizações empalidecem e se apagam.

Sumário

Tanto quanto os espécimes anatômicos, os espécimes psicológicos não são eternos. As condições dos meios que mantém a estabilidade de suas características não sobrevivem para sempre. Se esses meios se modificam, os elementos da constituição mental, mantidos por sua influência, acabam por sofrer transformações regressivas que os levam ao desaparecimento. Segundo leis fisiológicas, tão aplicáveis às células cerebrais quanto às outras células do corpo e que se observam em todos os seres, os órgãos levam infinitamente menos tempo para desaparecer do que precisaram para se formar. Todo órgão que não funciona deixa logo de poder funcionar. O olho dos peixes que vivem nos lagos das cavernas se

atrofia ao longo do tempo e essa atrofia acaba por se tornar hereditária. Sem considerar a curta duração de uma vida individual, um órgão que precisou talvez milhares de séculos para se formar, através de lentas adaptações e acumulações hereditárias, chega a se atrofiar muito rapidamente quando ele deixa de ser útil.

A constituição mental dos seres não poderia escapar dessas leis fisiológicas. A célula cerebral que não é mais exercitada também para de funcionar e disposições mentais que precisaram de séculos para se constituir podem ser prontamente perdidas. A coragem, a iniciativa, a energia, o espírito empreendedor e diversas qualidades de caráter que levam muito tempo para serem adquiridas, se apagam, algumas vezes, muito rapidamente quando elas não encontram mais oportunidade para serem exercitadas. Assim se explica porque é necessário um tempo considerável para um povo se elevar a um grau alto de cultura e, às vezes, um tempo muito curto para cair no abismo da decadência.

Quando se examina as causas que levaram sucessivamente à ruína os diversos povos descritos pela história __ quer se trate dos persas, dos romanos ou de qualquer outro __ constata-se que o fator fundamental de sua queda foi sempre uma mudança de constituição mental resultante do abaixamento de seu caráter. Eu não conheço um só que tenha desaparecido após o abaixamento de sua inteligência.

Para todas as civilizações passadas o mecanismo da dissolução foi idêntico e tão idêntico até o ponto em que poderíamos nos perguntar __ como fez um poeta __ se a história, que tem tantos livros, não deveria ter apenas uma página. Atingido o grau de civilização e de potência em que estão certos de não serem mais atacados pelos seus vizinhos, um povo começa a gozar dos benefícios da paz e do luxo que propiciam as riquezas. As virtudes militares desaparecem. O excesso de civilização cria novas necessidades. O egoísmo se desenvolve. Não tendo outro ideal que não seja o gozo apressado dos bens adquiridos, os cidadãos abandonam ao Estado a gestão dos assuntos públicos e logo perdem todas as qualidades que fizeram sua grandeza. Então, vizinhos bárbaros, ou semibárbaros, com necessidades muito pequenas mas com um forte ideal, invadem o povo mais civilizado e formam uma nova civilização com os fragmentos daquela que eles derrubaram. Foi assim que, apesar da organização formidável dos romanos e dos persas, os bárbaros destruíram o império dos primeiros e os árabes, o dos segundos. Não foram certamente as qualidades de inteligência que faltaram aos povos invadidos. Sob este ponto de vista nenhuma comparação seria possível entre os conquistadores e os vencidos. Foi quando ela já carregava os germes da decadência próxima, ou seja, sob os primeiros imperadores, que Roma contou com os mais belos espíritos, artistas, literatos e sábios. Quase to-

das as obras que fizeram sua grandeza remontam a essa época de sua história. Mas ela perdeu o elemento fundamental que nenhum desenvolvimento da inteligência conseguiria substituir: o caráter[18]. Os romanos das velhas eras possuíam necessidades muito pequenas e um ideal muito forte. Esse ideal __ a grandeza de Roma __ dominava absolutamente suas almas e cada cidadão estava pronto a ele sacrificar sua família, sua fortuna e sua vida. Quando Roma se tornou o pólo do universo, a mais rica cidade do mundo, ela foi invadida por estrangeiros que afluíram por todos os lados e que acabaram por obter dela os direitos de cidadão. Só querendo usufruir seu luxo, eles se interessavam muito pouco por sua glória. A grande cidade formou então um imenso acampamento, mas não era mais Roma. Ela parecia muito viva ainda, mas sua alma estava morta há muito tempo.

Causas análogas de decadência ameaçam nossas refinadas civilizações. A elas se juntam outras criadas pela evolução produzida nos espíritos pelas descobertas científicas modernas. A ciência renovou nossas ideias e tirou toda a autoridade das nossas concepções religiosas e sociais. Ela mostrou ao ser humano o fraco lugar que ele ocupa no universo e a absoluta indiferença que a

[18] Escreve o Sr. Fustel de Coulanges: “O mal de que padecia a sociedade romana não era a corrupção dos costumes, era o amolecimento da vontade e, por assim dizer, o enervamento do caráter”.

natureza tem por ele. Ele viu que o que ele chamava liberdade era apenas a ignorância das causas que o subjugam e que, na engrenagem das necessidades que conduzem os seres, a condição natural é ser subjugado. Ele constatou que a natureza ignora o que chamamos piedade e que todos os progressos realizados por ela aconteceram através de uma seleção impiedosa que leva sem cessar ao esmagamento dos fracos em proveito dos fortes.

Todas essas concepções glaciais e rígidas, tão contrárias ao que diziam as velhas crenças que encantaram nossos pais, produziram inquietantes conflitos nas almas. Nos cérebros ordinários elas produziram esse estado de anarquia das ideias que parece a característica do ser humano moderno. Na juventude artística e letrada, esses mesmos conflitos resultaram num tipo de indiferença morna, destruidora de toda vontade, a uma incapacidade completa de se entusiasmar por uma causa qualquer e a um culto exclusivo aos interesses imediatos e pessoais.

Comentando a muito justa reflexão de um escritor moderno de que “o senso de relativo domina o pensamento contemporâneo”, um ministro da instrução pública proclamou num discurso, com uma satisfação evidente, que “a substituição das ideias relativas pelas noções abstratas em toda ordem do conhecimento humano é a maior conquista da ciência”. A conquista declarada como nova é, na realidade, muito velha. Há muitos séculos a filoso-

fia da Índia já havia conseguido isso. Não nos felicitemos muito por vê-la se difundir hoje em dia. O verdadeiro perigo para as sociedades modernas está precisamente em que as pessoas perderam toda confiança no valor dos princípios sobre os quais elas repousam. Eu não sei se poderíamos citar, desde a origem do mundo, uma única civilização, uma única instituição, uma só crença que tenha conseguido se manter se apoiando em princípios considerados como possuidores apenas de um valor relativo. E se o futuro parece pertencer a essas doutrinas socialistas que condenam a razão, é justamente porque elas são as únicas cujos apóstolos falam em nome de verdades proclamadas como absolutas. As massas se voltarão sempre para aqueles que lhes falarem de verdades absolutas e desdenharão das outras.

Para ser um homem de Estado é preciso saber penetrar na alma da multidão, compreender seus sonhos e abandonar as abstrações filosóficas. As coisas mudam pouco. Apenas as ideias podem mudar muito. É sobre essas ideias que é preciso saber agir.

Sem dúvida que só podemos conhecer, do mundo real, as aparências, simples estados de consciência cujo valor é evidentemente relativo. Mas, colocando-se sob o ponto de vista social, constata-se que, para uma dada época e para uma dada sociedade, existem condições de existência, leis morais, instituições que possuem um valor absoluto, porque essa sociedade não poderia so-

breviver sem elas. Assim que seu valor é contestado e a dúvida difundida nos espíritos, a sociedade está condenada a morrer.

Estas são verdades que se pode ensinar sem hesitar, pois nenhuma ciência poderia contestá-las. Uma linguagem contrária só produzirá as mais desastrosas consequências. O niilismo filosófico, que vozes autorizadas propagam hoje em dia nas mentes fracas, faz com que concluam imediatamente pela injustiça absoluta de nossa ordem social, pelo absurdo de todas as hierarquias, lhes inspira o ódio pelo estado de coisas existente e as leva diretamente ao socialismo e à anarquia.

Os homens de Estado modernos estão muito convencidos da influência das instituições e muito pouco pela das ideias. A ciência lhes mostra, no entanto, que as primeiras são sempre filhas das segundas e não podem subsistir sem se apoiar nelas. As ideias representam os propulsores invisíveis das coisas. Quando elas desaparecem, os suportes secretos das instituições e das civilizações se quebram. Isso sempre foi para um povo uma hora temível, aquela em que suas velhas ideias desceram para a sombria necrópole onde repousam os deuses mortos.

Deixando agora de lado as causas para estudar os efeitos, devemos reconhecer que uma decadência visível ameaça seriamente a vitalidade da maior parte das grandes nações europeias e,

particularmente, daquelas ditas latinas e que o são, na realidade, se não pelo sangue, ao menos pelas tradições e a educação. Elas perdem a cada dia a iniciativa, a energia, a vontade e a aptidão para agir. A satisfação de necessidades materiais crescentes tende a se tornar sua única ideia. A família se dissocia, as molas sociais se esticam. O descontentamento e o mal-estar se propagam em todas as classes, das mais ricas às mais pobres. Semelhante ao navio que perdeu sua bússola e erra ao sabor dos ventos, o ser humano moderno erra ao sabor do acaso, nos espaços povoados outrora pelos deuses e que a ciência tornou desertos. Ele perdeu a fé e, junto, a esperança. Ao se tornarem impressionáveis e móveis em excesso, as massas, que nenhuma barreira retém mais, parecem condenadas a oscilar sem parar, da mais furiosa anarquia ao mais pesado despotismo. Elas se entusiasmam com palavras, mas suas divindades de um único dia são logo suas vítimas. Elas parecem desejar a liberdade com ardor, mas a repelem sempre e pedem constantemente ao Estado que lhes forje correntes. Elas obedecem cegamente aos mais obscuros sectários, aos mais limitados déspotas. Os demagogos que acreditam guiar as multidões __ e que, geralmente, as seguem __ confundem a impaciência e o nervosismo que pede sem parar pela mudança de senhores, com o verdadeiro espírito de independência que impede de suportar qualquer senhor.

O Estado, qualquer que seja o regime político nominal, representa a divindade para a qual se curvam todos os partidos. É a ele que se pede uma regulamentação e uma proteção cada dia mais pesadas, envolvendo os menores atos da vida com formalidades bizantinas e tirânicas. A juventude renuncia progressivamente às carreiras que demandam discernimento, iniciativa, energia, esforços pessoais e vontade. As menores responsabilidades a apavoram. O medíocre horizonte das funções assalariadas pelo Estado lhe basta. Os comerciantes ignoram os caminhos das colônias e estas só são povoadas por funcionários públicos[19]. A energia e a ação são substituídas nos políticos por discussões pessoais espantosamente vazias; nas massas, pelo entusiasmo ou pela cólera de um dia; entre os letrados, por um tipo de sentimentalismo lamurioso, impotente e vago e por pálidas dissertações sobre as misérias da existência. Um egoísmo sem limites se desenvolve por todo

[19] Num discurso pronunciado na Câmara dos Deputados em 27 de novembro de 1890 pelo Sr. Etienne, então subsecretário de Estado para as colônias, eu destaco a muito característica passagem seguinte:

A Cochinchina compreende 1.800.000 almas. Desse total, conta-se com 1.600 franceses, dos quais 1.200 funcionários públicos. Ela tem um deputado. E o senhor quer que a anarquia não reine nesse país!

Eh, bem, o senhor sabe o que produz tal sistema? Ele produz o fenômeno da redução de vosso orçamento em 22 milhões, dos quais, 9 milhões para as despesas dos funcionários públicos.

Em 1877 eu tentei reduzir os funcionários públicos. Eu reduzi 3.500.000, dos 9. Eu tomei essa medida no mês de outubro. Porém, no mês de dezembro, o gabinete do qual eu fazia parte, desapareceu e, no mês de março seguinte, todos os funcionários licenciados reapareceram.

lado. O indivíduo acaba por não ter outra preocupação além dele mesmo. As consciências capitulam, a moralidade geral se abaixa e gradualmente se extingue. A pessoa perde todo império sobre ela mesma. Ela não sabe mais se controlar e quem não sabe se controlar está condenado a logo ser dominado por outros.

Mudar esse estado geral seria uma pesada tarefa. Seria preciso transformar primeiro nossa lamentável educação latina. Ela retira toda iniciativa e toda energia daqueles que ainda as tinham por herança. Ela apaga todo clarão de independência intelectual e fornece para a juventude, como único ideal, odiosos concursos que, só exigindo esforços de memória, têm, como resultado final, colocar a frente de cada carreira os cérebros cuja aptidão servil para a imitação os tornam os mais incapazes de individualidade e de esforços pessoais. “Eu trato de despejar ferro na alma dos jovens”, dizia um professor inglês a Guizot, que visitava as escolas da Grã Bretanha. Onde estão, nas nações latinas, os professores e os programas capazes de realizar tal sonho? O serviço militar o realizará talvez. Ele é, em todo caso, o único educador capaz de agir. Para os povos que se abatem, uma das principais condições para se levantar é a organização de um serviço militar universal bem duro e a ameaça permanente de guerras desastrosas.

É a esse abaixamento geral do caráter, à impotência dos cidadãos para se autogovernar e à sua egoísta indiferença que se

deve principalmente a dificuldade, para a maior parte dos povos latinos, em viver sob leis liberais, igualmente distanciadas do despotismo e da anarquia. Que tais leis sejam pouco simpáticas às massas, compreende-se facilmente, pois o cesarismo lhes promete, se não a liberdade com a qual elas se preocupam pouco, pelo menos a igualdade na servidão. Que seja, pelo contrário, as camadas esclarecidas que aceitem mais dificilmente as instituições republicanas, eis o que não se compreende se não se leva em conta o peso das influências ancestrais. Não é com tais instituições que todas as superioridades __ as de inteligência, sobretudo __ têm mais chance de se manifestar? O único inconveniente real dessas instituições, para os igualitaristas acima de tudo, é permitir a formação de aristocracias intelectuais poderosas. O mais opressivo dos regimes __ tanto sob o ponto de vista do caráter quanto sob o da inteligência __ é, pelo contrário, o cesarismo sob diversas formas. Ele só leva facilmente à igualdade na baixeza, a humilhação na servidão. Ele é muito adaptado às necessidades inferiores dos povos em decadência, que tendem sempre a adotá-lo. O primeiro bastão de um general qualquer leva a ele. Quando um povo está assim, sua hora chegou, o tempo se cumpriu para ele.

Ele sofre atualmente uma evolução manifesta, esse cesarismo das velhas eras que a história constantemente viu aparecer nas civilizações na sua extrema aurora e na sua extrema decadência.

Ele reina hoje em dia sob o nome de socialismo. Essa nova expressão do absolutismo de Estado será certamente a mais dura das formas de cesarismo, porque, sendo impessoal, escapará de todos os motivos de receio que seguram os piores tiranos.

O socialismo parece ser atualmente o mais grave dos perigos que ameaçam os povos europeus. Ele arrematará sem dúvida uma decadência preparada por muitas causas e marcará talvez o fim de algumas das civilizações do ocidente.

Para compreender seus perigos e sua força, não se deve olhar as mensagens que ele difunde, mas os devotamentos que ele inspira. O socialismo constitui a crença nova dessa massa imensa de deserdados para os quais as condições econômicas da civilização atual criam uma existência frequentemente muito dura. Ele será a religião nova que povoará os céus vazios. Ele substituirá, para todos os seres que não conseguem suportar a miséria sem ilusões, os luminosos paraísos que lhes mostravam outrora os vitrais de suas igrejas. Essa grande entidade religiosa do amanhã vê crescer a cada dia a massa de seus crentes. Ela terá logo seus mártires e se tornará então um desses credos religiosos que sublevam os povos e cujo poder sobre suas almas é absoluto.

Que os dogmas do socialismo conduzem a um regime de baixa escravatura destruidora de toda iniciativa e toda indepen-

dência das almas curvadas sob seu império, isso é evidente, sem dúvida, mas apenas para os psicólogos informados das condições de existência das pessoas. Tais previsões são inacessíveis às massas. São necessários outros argumentos para persuadi-las e esses argumentos jamais foram tirados do domínio da razão.

Os dogmas que vimos nascer são, certamente, contrários ao simples bom senso. Mas os dogmas religiosos que nos conduziram durante tantos séculos não eram, também eles, contrários ao bom senso e isso os impediu de curvar os mais luminosos gênios sob suas leis? Em matéria de crenças, o ser humano só escuta a voz inconsciente de seus sentimentos. Eles formam um obscuro domínio de onde a razão foi sempre excluída.

Por isso e pelo único fato de que a constituição mental foi criada por um longo passado, vários povos da Europa serão obrigados a sofrer a temível fase do socialismo. Ela marcará uma das últimas etapas da decadência. Conduzindo diversas civilizações a formas de evolução inferiores, ele tornará fáceis as invasões destrutivas que nos ameaçam.

Não se encontra na Europa __ nem mesmo na Inglaterra, cujo povo possui uma energia muito grande __ crenças suficientemente estáveis e um caráter suficientemente independente para se livrar da nova religião que vemos eclodir. A Alemanha moderna

também poderá ser vítima dele, a se julgar pelo sucesso das diversas seitas socialistas multiplicadas em seu seio. O socialismo que a arruinará será sem dúvida revestido de fórmulas científicas rígidas, muito boas para uma sociedade ideal que a humanidade não produzirá jamais.

O socialismo será aliás um regime muito opressivo para poder durar. Ele fará lamentar a era de Tibério e de Calígula e conduzirá a essa era. Pergunta-se às vezes como os romanos do tempo dos imperadores suportaram tão facilmente as ferocidades raivosas desses déspotas. É que eles também tinham passado pelas lutas sociais, as guerras civis, as proscrições e, com isso, tinham perdido seu caráter. Eles chegaram a considerar esses tiranos como seus últimos instrumentos de salvação. Eles suportaram tudo porque não sabiam como substituí-los. Eles não foram substituídos, com efeito. Após eles, foi o esmagamento final sob os pés dos bárbaros e o fim de um mundo. A história volta sempre ao mesmo círculo.

* * *

CAPÍTULO II

Conclusões gerais.

Sumário

Nós já observamos, na Introdução desta obra, que ela seria apenas um curto resumo, um tipo de síntese dos volumes dedicados por nós à história das civilizações. É, por isso, muito difícil condensar ainda mais ideias já tão condensadas. Eu vou tentar, no entanto, apresentar sob forma de proposições muito breves os princípios fundamentais que representam a filosofia dessa obra.

__ Um povo possui características psicológicas quase tão fixas quanto suas características físicas. Como a anatomia, a psicologia só se transforma muito lentamente.

__ Às características psicológicas fixas e herdadas, cuja associação forma a constituição mental de um povo, se junta, como em todas as características anatômicas, elementos acessórios criados por diversas modificações dos meios. Renovados sem parar, eles permitem a um povo uma variabilidade aparente muito extensa.

__ A constituição mental de um povo representa não apenas a síntese dos seres vivos que a compõem, mas sobretudo a dos

numerosos ancestrais que contribuíram para formá-lo. Não são os vivos, mas os mortos que desempenham o papel preponderante na existência de um povo. Eles constituem os criadores de sua moral e dos motivadores inconscientes de sua conduta.

__ As diferenças anatômicas muito grandes que separam os diversos povos humanos são acompanhadas por diferenças psicológicas não menos consideráveis. Quando só se compara os indivíduos medianos de cada povo, as diferenças mentais parecem frequentemente muito pequenas. Elas se tornam imensas quando a comparação é feita com os elementos mais elevados desses povos. Constata-se então que o que diferencia sobretudo os povos superiores dos inferiores é que os primeiros possuem um certo número de cérebros muito desenvolvidos, enquanto que os outros não os possui.

__ Os indivíduos que compõem os povos inferiores apresentam entre eles uma igualdade manifesta. Na medida em que os povos se elevam na escala da civilização, seus membros tendem a se diferenciar cada vez mais. O efeito inevitável da civilização consiste na diferenciação dos indivíduos e dos povos. Não é então rumo à igualdade que marcham os povos, mas rumo a uma desigualdade crescente.

__ A vida de um povo e todas as manifestações de sua civilização são o simples reflexo de sua alma, os sinais visíveis de algo invisível, mas muito real. Os acontecimentos exteriores são apenas a superfície aparente da trama escondida que os determina.

__ Os diversos elementos da civilização de um povo, sendo apenas os sinais exteriores de sua constituição mental, a expressão de certos modos de sentir e de pensar, característicos desse povo, não poderiam ser transmitidos sem mudanças para povos de constituição mental diferente. Os únicos elementos que podem ser transmitidos são as formas exteriores, superficiais e sem importância.

__ As diferenças profundas que separam a constituição mental dos diversos povos têm por consequência fazer com que percebam o mundo exterior de maneiras muito diferentes. Isso faz com eles sintam, pensem e ajam de maneiras muito diferentes e se vejam, por consequência, em desacordo sobre todas as questões em que entram em contato. A maior parte das guerras que preenchem a história nasceram desses desacordos. Guerras de conquistas, guerras religiosas, guerras de dinastias, sempre foram, na realidade, guerras dos povos.

__ Uma aglomeração de pessoas de origens diferentes só chega a formar um povo, quer dizer, a possuir uma alma coletiva,

quando, através de cruzamentos repetidos durante séculos e uma existência semelhante em meios idênticos, ela adquiriu sentimentos comuns, interesses comuns, crenças comuns.

__ Entre os povos civilizados, não há mais raças naturais, mas apenas raças artificiais criadas por condições históricas.

__As mudanças de meios só agem profundamente sobre povos novos, ou seja, sobre as misturas de antigos povos cujos cruzamentos dissociaram as características ancestrais. Apenas a hereditariedade é tão poderosa para lutar contra a hereditariedade. Sobre os povos cujos cruzamentos não destruíram a estabilidade das características, as mudanças de meios tem uma ação puramente destrutiva. Um povo antigo perece antes de sofrer as transformações que necessita para a adaptação a meios novos.

__ A aquisição de uma alma coletiva solidamente constituída marca para um povo o apogeu de sua grandeza. A dissociação dessa alma marca a hora de sua decadência. A intervenção de elementos estrangeiros representa um dos mais certos meios de chegar a semelhante dissociação.

__ As características psicológicas sofrem, como as características anatômicas, os efeitos do tempo. Elas estão igualmente condenadas a envelhecer e a desaparecer. Sempre muito lentas para se formar elas podem, ao contrário, rapidamente desaparecer.

Basta perturbar profundamente o funcionamento de seus órgãos para fazê-los sofrer transformações regressivas cuja consequência é uma pronta destruição, na maioria das vezes. Os povos levam longos séculos para adquirir uma certa constituição mental e eles a perdem às vezes em um tempo muito curto.

__ Ao lado do caráter deve-se colocar as ideias como um dos fatores principais de evolução de uma civilização. Elas só agem quando, após uma lenta evolução, se transformam em sentimentos e fazem, por consequência, parte do caráter. Elas escapam então da influência do pensamento e levam muito tempo para desaparecer. Cada civilização deriva de um pequeno número de ideias fundamentais universalmente aceitas.

__ Entre as mais importantes ideias diretrizes de uma civilização se encontram as ideias religiosas. Foi da variação das ideias religiosas que saíram indiretamente a maior parte dos acontecimentos históricos. A história da humanidade é paralela com a de seus deuses. O nascimento de deuses novos sempre marcou a aurora de uma nova civilização. Esses filhos de nossos sonhos têm um poder tal que nem mesmo seu nome pode mudar sem que o mundo seja logo convulsionado.

FIM

Créditos

Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples. Paris, 1894.

Versão desta tradução: Paris, 1927, 18ª edição.

© 2013 Teodoro Editor

Tradução de: Souza Campos, E. L. de

Sumário

PSICOLOGIA DA EVOLUÇÃO DOS POVOS 2

PREFÁCIO 2

Aplicação dos princípios expostos nesta obra à interpretação de certos fenômenos da Primeira Guerra Mundial. 2

INTRODUÇÃO 14

As ideias igualitárias modernas e os fatores psicológicos da história. 14

LIVRO I 21

As características psicológicas dos povos. 21

CAPÍTULO I 21

As almas dos povos. 21

CAPÍTULO II 33

Limites de variabilidade do caráter dos povos. 33

CAPÍTULO III 39

Hierarquia psicológica dos povos. 39

CAPÍTULO IV 50

Diferenciação progressiva dos indivíduos e dos povos. 50

CAPÍTULO V 60

Formação das raças históricas. 60

LIVRO II 68

Como as características psicológicas dos povos se manifestam nos diversos elementos de suas civilizações. 68

CAPÍTULO I 68
Os diversos elementos de uma civilização como manifestação exterior da alma de um povo. 68
CAPÍTULO II 83
Como se transformam as instituições, as religiões e as línguas. 83
CAPÍTULO III 99
Como se transformam as artes. 99
LIVRO III **121**
A história dos povos como consequência de seu caráter. 121
CAPÍTULO I 121
Como as instituições derivam das almas dos povos. 121
CAPÍTULO II 129
Aplicação dos princípios precedentes ao estudo comparado da evolução dos Estados Unidos da América e das repúblicas hispano-americanas. 129
CAPÍTULO III 141
Como a alteração da alma do povo modifica sua evolução histórica. 141
LIVRO IV **151**
Como se modificam as características psicológicas dos povos. 151
CAPÍTULO I 151
O papel das ideias na vida dos povos. 151
CAPÍTULO II 169
O papel das crenças religiosas na evolução das civilizações. 169
CAPÍTULO III 177

O papel das grandes pessoas na história dos povos. 177

LIVRO V **185**

A dissociação do caráter dos povos e sua decadência. 185

CAPÍTULO I 185

Como as civilizações empalidecem e se apagam. 185

CAPÍTULO II 199

Conclusões gerais. 199

CRÉDITOS **204**

SUMÁRIO **205**